ANO 4.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1924 N.º 919

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO (Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES (Direcção: C. 3:196 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

A'S 15 horas, o chefe do governo pediu a palavra, na Camara dos Deputados, para fazer a seguinte comunicação, que foi distribuida depois pelos jornalistas:

—Posso comunicar á Camara, para conhecimento do Parlamento e do Pais, que estão assegurados ao Tesouro, em Londres, aberturas de creditos em libras.

Estes creditos serão de duas categorias. Pela primeira categoria, a abertura dos creditos efectuar-se-ha por series sucessivas de 200.000 lb., até ao total de 1.300.000 lb.

Se as circunstancias aconselharem, o Tesouro poderá contar, por esta categoria, com disponilidades de mais cêrca de meio milhão de libras.

Pela segunda categoria de creditos, o Tesouro, além de somas provenientes das operações da primeira categoria, poderá obter uma serie sucessiva de creditos a curto praso, sempre renovaveis, o que consentirá elevar as disponibilidades totais a 2.000.000 de libras.

Os creditos da 1.ª e 2.ª categorias nenhuma relação nem ligação teem com a aquisição ou fornecimento de mercadorias, constituindo disponibilidades absolutamente livres que o Tesouro poderá aplicar como julgar util e necessario.

Estes creditos serão obtidos por operações de Tesouraria inteiramente deetro da competencia e faculdades do ministerio das Finanças.»

* * *

O SR. dr. Domingos Pereira, ilustre ministro dos Estrangeiros, acaba de nomear consul de Portugal em Tuy o nosso querido camarada de redacção Luiz Consigliari Sá Pereira.

Só temos que o felicitar pelo acerto da escolha, visto tratar-se de uma pessoa que, no jornalismo, tem dado sobejas provas de competencia e de elegancia moral.

Portugal necessita, principalmente em Espanha, de uma representação consular que o acredite espiritualmente.

O ilustre ministro dos Estrangeiros, escolhendo para aquele cargo o nosso camarada de redacção, mais uma vez demonstrou a simpatia que o liga á geração moça da nossa vida intelectual.

O *Diario de Lisboa* agradece a parte que lhe cabe na distinção conferida ao seu redactor.

* * *

PASSA hoje o aniversario do nosso querido colega *Correio da Manhã*, que teve a gentileza de nos dirigir, por motivo dos nossos três anos de vida jornalistica, as mais amaveis e cativantes felicitações.

Embora militando em campos diversos, o *Diario de Lisboa* só tem que se felicitar pelas boas relações de amizade que o ligam ao *Correio da Manhã*, continuando a desejar-lhe as maiores prosperidades, sob a direcção inteligente do ilustre jornalista que é o sr. dr. Anibal Soares.

* * *

ENTRE os mais dedicados cooperadores do *Diario de Lisboa*, que tem acompanhado sempre este jornal com um superior criterio administrativo, conta-se o nosso querido amigo sr. Manzoni de Sequeira, a quem a Redacção apresenta os seus melhores cumprimentos.

* * *

ACABA de sair mais um numero da esplendida revista artistica *Alma nova*, que é dirigida pelos srs. Savedra Machado e Mateus Moreno.

Joaquim Manso

Aproveitando o pretexto do aniversario deste jornal e comemorando o esforço de três anos de labor constante, os redactores do *Diario de Lisboa*, e com eles todas as pessoas que aqui trabalham, fazem ao seu director a mais comovida saudação.

Para homens da tempera moral do sr. dr. Joaquim Manso, do seu alto espirito mental e da sua invulgar tessitura jornalistica—as palavras adjectivadas são uma afronta. Mas a simpatia pessoal, a amizade que nos liga ao sr. dr. Joaquim Manso e a admiração respeitosa que mantemos pela sua personalidade, obrigam-nos a quebrar as condições que ele constantemente nos impõe, essas duras condições de orientador modesto, que não deseja nada para si de honrarias e de proveitos, e quere apenas que em nossa mão os assuntos ganhem

JOAQUIM MANSO

vida, que os redactores tenham uma «personalidade», que o jornal seja digno, e que a profissão da imprensa, atravez de nós todos, se não puder ser brilhante seja ao menos, acima de tudo, honrada.

Se é certo que o verdadeiro director «não é o que manda, mas o que dirige»—dando á palavra dirigir um significado de orientar—o sr. dr. Joaquim Manso realiza o verdadeiro tipo de director de jornal, amigo de todas as horas, disciplinador e descentralizador em todas as conjunturas.

Os redactores desta casa, rapazes, como o dr. Joaquim Manso diz ás vezes, se encontraram para dirigi-los um temperamento de eleição, de uma invulgar cultura literaria e um solido equilibrio mental, folgam de registar que, através da experiencia da vida e da profissão que o dr. Joaquim Manso traz consigo, ele dá tambem um belo exemplo de mocidade perpetua, no espirito e na vontade, mocidade que tão bem se afaz á nossa, e em cuja conjugação está o segredo do exito dos nossos desluzidos trabalhos de redacção.

O nosso cumprimento ao director—tornado publico—é ainda uma maneira, e até directa, de seguir o exemplo de justiça que ele constantemente nos dá.

A Redacção

O SOLDADO «Milhões», que ontem passeou de automovel pela cidade, tendo assistido em Palhavã, no campo do Imperio, ao desafio de «foot-ball» entre o Casa Pia e o Benfica, continua a ser distinguido com as maiores provas de simpatia e de carinho, por parte da população de Lisboa.

A ideia do nosso jornal, de tornar conhecido o heroe humilde da Flandres, não podia encontrar mais carinhoso aplauso na opinião publica.

Anibal Augusto Melhais, combatente da Grande Guerra, cavaleiro da Torre e Espada, cruz de guerra de 1.ª classe, cruz de Leopoldo II da Belgica, teve finalmente a sua hora de consagração.

Junto das autoridades civis e militares que vão no dia 9 de abril á Batalha, o glorioso soldado da Flandres será o representante de todos os seus irmãos de armas, de todos os «serranos» obscuros e esquecidos que, com ele, fizeram a guerra e não podem ir ao mosteiro de Santa Maria da Vitoria prestar homenagem aos dois herois anonimos que repousem, em campa rasa, sob as abobadas historicas da sala do Capitulo.

Tendo aplaudido entusiasticamente a ideia do *Diario de Lisboa*, o sr. ministro da Guerra tornou-se credor do nosso reconhecimento e da nossa mais viva simpatia.

O soldado «Milhões» foi ontem convidado para almoçar pelo seu ilustre conterraneo sr. Alfredo Pinto, funcionario superior do ministerio do Trabalho, que fica fazendo parte da comissão constituida pelo *Diario de Lisboa* para prestar homenagem e assistencia ao bravo combatente de 9 de Abril.

Assistiram ao almoço, alem da familia do nosso querido amigo sr. Alfredo Pinto, os srs. drs. Joaquim Manso e Vasco Borges, Pedro Bordalo Pinheiro, Norberto de Araujo e Norberto Lopes.

O sr. dr. Vasco Borges apresentará hoje, na Camara dos Deputados, um projecto de lei propondo que a povoação de Valongo, do concelho de Murça, se fique chamando Valongo de Milhões, em homenagem ao heroi de La Lys.

O *Diario de Lisboa* abre ámanhã, entre a colonia transmontana, uma subscrição destinada á compra de uma casa para o soldado Anibal Augusto Melhais.

E' o nosso jornal que tem a honra de pôr em pratica a linda ideia do «Casal do Soldado», a proposta apresentada, em tempos, por esse outro grande transmontado e combatente voluntarioda Flandres que foi o dr. Antonio Granjo.

Esperamos que todos os transmontanos residentes em Lisboa concorram, na medida das suas forças, para a «Casa do «Milhões».

* * *

COM grande satisfação transcrevemos uma carta recebida do ilustre ministro da Guerra, o sr. major Americo Olavo:

«Ex.mo sr. dr. Joaquim Manso, meu presado amigo.—Foi muito grato ao meu espirito e ao meu coração de soldado a lembrança que teve o seu jornal de trazer a Lisboa o valoroso combatente da Grande Guerra, Anibal Milhaes.

Com o mais vivo prazer o verei na Batalha, junto do tumulo dos seus ignorados irmãos de armas, na hora comovida da homenagem.

Se de alguma cousa precisar para a realização da sua enternecedora iniciativa, queira prevenir o seu velho amigo e obrigado—*Americo Olavo.*»

Pelos teatros

Laura Costa

O «Diario de Lisboa», no dia do seu terceiro aniversario, presta homenagem sincera á distinta e gentilissima actriz Laura Costa, uma das mais notaveis artistas do

LAURA COSTA

teatro musicado. Foi ela a unica das actrizes portuguesas que se não esqueceu dos pobres do nosso jornal, quando realisou a sua ultima festa artistica.

O «Diario de Lisboa» cumprimenta-a efusivamente, desejando-lhe os maiores triunfos artisticos.

Lucilia Simões

Por telegrama recebido de Coimbra sabemos que a representação, no teatro Avenida, da peça «Fogueiras de S. João», pela companhia Lucilia Simões atingia o delirio e um exito nunca igualado. Lucilia foi aclamadissima por toda a plateia, salientando-se a Academia que, no final do 2.º espectaculo invadiu o palco e ergueu em triunfo a gloriosa actriz. Conforme temos dito, esta companhia faz a sua reaparição no S. Carlos, no sabado da Aleluia, inaugurando a epoca da Primavera, com a «reprise» da comedia «A vinha do senhor», mantendo-se o magnifico sexteto do ano passado dirigido por René Bohet, e os mesmos preços nos logares da epoca finda.

Jeanne Provost

Sobre a grande actriz franceza Jeanne Provost, que o publico de Lisboa, vai admirar no teatro de São Luis, onde se estreia no dia 23 do corrente com sua companhia de que fazem parte tambem os dois notaveis actores Georges Mauley e Maurice Lagrenée, dizem os principais criticos o seguinte:

«Jeanne Provost, desde o seu inicio na Comedie Française, até ao lugar superior que hoje ocupa na scena franceza, tem dado subeijas provas do seu incontestavel talento. A belesa e a elegancia de mulher, a maravilhosa compreensão de artista que sabe dar a cada um dos papeis que cria, um cunho verdadeiramente seu, a autoridade do seu talento, fazem de Jeanne Provost, uma comedionte de raça, uma dessas interpretes de genio, destinadas a dorem ao teatro, a sua alta significação e ás multidões toda a plenitude das suas alegrias e finalmente aos autores todo o prazer de as admirar.»

Atrás do reposteiro

Realisa-se ámanhã, na Trindade, a 50.ª representação da opereta «Poço do Bispo», em recita de homenagem aos seus autores Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

—Joaquim Prata, actor-comico da companhia Othelo de Carvalho, realisa a sua festa ámanhã, no Apolo, com a revista «Fruto proibido», ampliada com o quadro «Salon Belas Artes». No espectaculo tomam parte obsequiosamente a distincta «divette» Laura Costa; a amadora D. Guilhermina Proença de Almeida, que cantará fados; Armando Augusto, o «Armandinho», que fará variações á guitarra, recitando o festejado o monologo de Lino Ferreira «Os telefones...».

—E' definitivamente no dia 10 que se realisa na Trindade, promovida pela empresa Satanela-Amarante, a festa comemorativa da batalha de La Lys, a que assistirá o glorioso soldado Milhões. Representa-se pela ultima vez a opereta «O João Ratão», assistindo ao espectaculo alguns mutilados da guerra e dizendo algumas palavras de saudação um distinto oficial do exercito, que se bateu na Grande Guerra.

—A exploração de verão no teatro de S. Luiz será feita pela empresa Macedo e Brito, com a magica «A Gata Borralheira».

—Consta que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro se dissolverá no fim do mês de maio, fazendo estes artistas, no verão, uma «tournée» pela provincia, apenas acompanhados por oito ou nove artistas.

—Parte ámanhã, no «Massilia», para o Rio de Janeiro a companhia Aura Abranches, de que fazem parte Adelina Abranches e Alexandre de Azevedo. A estreia efectua-se com a peça «Injustiça da lei».

—Realisa-se hoje no Coliseu dos Recreios, em ultimo espectaculo da moda da grande companhia, a estreia da engraçada pantomima de grande espectaculo «A feira de Sevilha», que ha 26 anos não é feita em Lisboa, havendo uma grande corrida de touros á espanhola, na qual será lidado um autentico e bravissimo novilho pelos celebres «clowns» e «faz tudos» da companhia.

POLITEAMA Hoje, ás 21,30
Reaparição da engraçadissima comedia
GREVE GERAL

"FOOT-BALL"

O «Casa Pia»

bateu o "Bemfica,, por um "goal,, a zero

e os "Belenenses,, venceram o "Imperio,,

Foi ontem o penultimo dia de jogos para o campeonato de «foot-ball» da primeira divisão.

As primeiras categorias, bateram-se em Palhavã, perante uma assistencia não inferior a 10.000 pessoas. O «ground» do Imperio encheu-se por completo, e não é dificil a previsão de que, a continuar em tal «crescendo» o interesse do publico pelo pontapé na bola, se terá, dentro em pouco, de organisar «foot-ball — á gui chets fermés». A não ser que os clubs se resolvam a tratar a sério das suas instalações... para seu maior interesse... e para maior comodidade do publico...

No primeiro encontro, bateram-se o Belenenses e o Imperio.

O «onze» de Belem fez no primeiro tempo, um jogo á: — Belenenses contra Casa Pia...

Tão completa foi essa exibição de infelicidade, que não faltam ao quadro dois «penaltes» defendidos pelo «guarda-rede imperial».

O «half-time» terminou 2-1 a favor dos de Palhavã, com grande pasmo do publico, dos jogadores e do arbitro.

Na segunda parte, o «onze azul e branco» foi realmente o «onze azul e branco». Marcou quatro «goals», dos quais foram: — primorosos os dois primeiros; resultado duma deslocação, o terceiro; e transformação dum «penalty», o quarto.

Os rapazes de Belem fizeram nesta parte, esplendido «foot-ball» — tão bom como o que já haviam feito contra o Sporting.

E se a classificação dos «teams» da primeira série tivesse o improvavel final dum empate de quatro grupos á nove pontos, não teriam poucas probabilidades os que fizessem do «Belenenses» o seu favorito...

A arbitragem de Albertino Gomes: — «comme ci, comme ça»...

* * *

O segundo «match» pôz em presença o Bemfica e o Casa Pia.

A maioria dos prognosticadores sofreu um revez — um revez a juntar a muitos outros, sofridos nesta agitada época de 23-24.

O Casa Pia obteve um triunfo — escasso sozinho... — por 1-0.

O jogo desenvolvido pelos dois «onzes» foi francamente mau. Ás muitas e variadas teorias do «association» sofreram — o termo tem bom cabimento — rudes pontapés...

Houve longos momentos em que um amador dos gosos proibidos do pano verde teve graça ao lamentar:

—«Não ha maneira de vir um «chorrilho». Anda a bola do preto para o encarnado, e do encarnado para o preto — sem uma unica repetiçãosinha...»

O resultado dos 90 minutos de jogo foi um «goal» marcado por Oliveira, após um esplendido trabalho de Alvaro Graça.

De notavel houve mais — e apenas... — cinco bolas que bateram nas traves: a três remates do Bemfica e a dois do Casa Pia.

A arbitragem de Carlos Canuto, foi boa.

* * *

Ao segundo jogo assistiu dum camarote o heroico soldado da Grande Guerra, «Milhões».

A assistencia ovacionou-o com entusiasmo, e deante do camarote perfilaram-se os dois «teams» do «Bemfica» e do «Casa Pia», cujos «capitães» soltaram vivas pelo heroi do 9 de Abril.

A classificação do campeonato

A classificação actual do campeonato da primeira divisão é:

1 — Casa Pia	9	pontos
2 — Bemfica	9	pontos
3 — Belenenses	9	pontos
4 — Sporting	7	pontos
5 — Imperio	2	pontos

Para os dois primeiros — a que falta ainda fazer um jogo — o «goal average» dá respectivamente: 17/10 e 13/7, emquanto o «Belenenses» vem terceiro, com todos os jogos efectuados.

Com os desafios de domingo proximo acaba a segunda e ultima «poule» do campeonato. Os dois «matches» a efectuar, são: Casa Pia-Imperio e Bemfica-Sporting.

E não deixa de ser interessante verificar como os resultados desses encontros pódem mudar a sorte da disputada Taça...

Pela actual classificação, os melhor colocados são evidentemente os «vermelhos» e os «negros». Pelos adversarios que têm que defrontar no dia 13, o Casa Pia encontra-se em situação mais para invejar do que o seu adversario de ontem.

Se os dois privilegiados obtiverem resultados identicos no domingo — duas vitorias ou dois empates — continuarão igualados a 11 ou a 10 pontos, e restar-lhes-ha jogar uma «final», para o titulo... da 1.ª divisão.

Se um deles obtiver melhor resultado de que o outro — e para essa hipotese tem mais vantagens o Casa Pia — ficará esse implicitamente: o campeão

Resta a probabilidade — agradavel aos amadores de sensações fortes — de sofrerem os privilegiados, no dia 13, dois revezes.

O resultado seria um empate a 9 pontos, do Bemfica, Belenenses, Casa Pia e Sporting. E a sequencia seria: um acrescimo do campeonato, com duas «meias finais» e uma «final».

«Voilà»...

Uma tourada á espanhola no Coliseu dos Recreios

O acontecimento sensacional do dia é a estreia que hoje se realisa no Coliseu dos Recreios, em ultimo espectaculo da moda da grande companhia de circo, da celebre pantomima burlesca, de grande espectaculo, em 8 quadros, *A Feira de Sevilha* que ha 26 anos se não realisa em Lisboa e na qual tomam parte todos os artistas da companhia e grande numero de comparsas, lindos bailados, cantos flamengos e diversos episodios caracteristicos da Andaluzia postos com o maior aparato e luzimennto, terminando por uma grande corrida de touros á espanhola na qual será lidado um autentico e bravissimo novilho pelos engraçados *clowns* e *faztudos* da companhia que são muito queridos do publico pelos seus magnificos trabalhos e pela sua alegria.

Os titulos dos quadros da famosa pantomima que ha de conservar o publico em constante gargalhada são os seguintes: 1.º *A Taberna do Tio Pete*, caminho de Triana, rapto de Carmencita, noiva de Josélito, pelo valente contrabandista José Maria; 2.º *Josélito persegue o contrabandista seu inimigo;* 3.º *A Feira de Sevilha;* 4.º *Diversões e bailes publicos;* 5.º *Chegada dos toureiros;* 6.º *A los toros!...* 7.º *As cortezias* e 8.º *Grande corrida de touros.*

Para este espectaculo unico e sensacional os preços não são alterados e o seu desempenho deve constituir um grande triunfo para a companhia de circo prestes a despedir-se do publico de Lisboa.

Segredos da Musa

é o titulo d'um magnifico livro de **Freitas Camara**, actualmente á venda e que o *Diario de Lisboa* recomenda gostosamente aos seus leitores.

A's Senhoras

Pepsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Vila Real e de Melo, D. Leonor de Almeida Coutinho de Lemos (Seixo), D. Sebastiana Viana Ferreira Roquete, D. Maria Izabel de Varennes Menteiro de Mendonça, D. Julia de Castelo Branco de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Maria da Gloria de Queiroz e Leneastre, D. Maria Beatriz Centeno Gorjão Henriques, D. Maria Tereza dos Santos Leitão e D. Margarida de Faria Teixeira Bastos.

E os srs.:

Conde de Azevedo, Amancio Cayola Zagalo, Jorge Zileri Dal Verme e Pedro de Magalhães Van-Zeller.

—Faz hoje anos a sr.ª D. Judite Alice da Fonseca.

Casamentos

Foi pedida em casamento pela sr. D. Vicencia Natalina Caeiro Carvalho Rico, para seu filho o distinto engenheiro agronomo sr. Miguel Caeiro Carvalho Rico, a sr.ª D. Adelina Peres de Oliveira Carlos, interessante filha da sr.ª D. Adelina Peres de Oliveira Carlos, já falecida, e do capitão de fragata sr. Marcelino Carlos. O casamento deverá realizar-se por todo o corrente ano.

—Na residencia dos irmãos da noiva, sr.ª Judite de Melo Brou Athias, e do sr. Marck Athias, realisou-se ontem o casamento da sr.ª D. Sara de Melo Brou, gentil filha da sr.ª D. Maria Joana Guedes de Melo Breu e do distinto clinico portuense sr. dr. Anibal Brou, com o sr. Arnaldo Moreira Rocha e Brito, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Candida Pinheiro da Mota Brou e de padrinhos o pai da noiva e o sr. coronel Carlos Fernando Breu, ilustre governador da Companhia do Niasse.

Terminado a cerimonia foi servido um fino «lunch» partindo depois os noivos para o Porto, onde foram fixar residencia.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

Diplomatas

No Palacio da Legação de Inglaterra, á rua Pau da Bandeira, oferece no dia 10 do corrente, um jantar diplomatico, o ilustre ministro em Lisboa, Sir Carnegie.

Recitas elegantes

No São Luis

Continua sendo grande o interesse que estão despertando as recitas da companhia francesa de que fazem parte a grande actriz Jeanne Provost, e os celebres actores Georges Mauley e Maurice Lagrenée, que no dia 23 do corrente se estreia no teatro S. Luis, cuja assinatura deverá atingir um tão elevado numero que, decerto, excederá tudo a nossa espectativa.

No Trindade

No escritorio do teatro abre ámanhã a assinatura para as oito recitas que vem dar a esse teatro a magnifica companhia de revistas Velasco, o maior acontecimento artistico da actualidade, todas com peças diferentes, devendo a estreia realizar-se a 1 de maio proximo. Os assinantes das companhias Robinne-Alexandre e Aura Abranches, conjuntamente, têm preferencia aos seus logares, até ao dia 10 do corrente, e de 11 a 13 só de qualquer das duas companhias, começando a 14 a assinatura livre.

Fontes de reunião

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará ámanhã «rendez-vous», de tarde, nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite, no Avenida, 1.ª representação da peça original, de Eduardo Schwalbach, «O Parlapatão»; no Trindade, a 50.ª representação da engraçada opereta portuguesa «O Poço do Bispo» e, no S. Luis, o grande exito da actualidade, a opereta genuinamente portuguesa «As Andorinhas».

Em viagem

Partiu da sua casa do Porto, para o estrangeiro, o sr. dr. Duarte Lima.

Uma peça celebre

Todos conhecem a peça celebre de Sardou «Madame Sans-Gene», episodio curioso da vida do grande Bonaparte, o imperador Napoleão que ainda hoje é um dos idolos dos franceses. Pois muito breve o Condes estreará um grande «film» de reconstituição historica, «O Filho de Madame Sans-Gene», pela grande vedeta Hesperia, que é uma das mais notaveis obras no genero que ultimamente se tem realisado no cinema. A'manhã, na «matinée» elegante, repetindo-se na sessão da noite, estreiam-se o 5.º e 6.º episodios das «Aventuras de Ruth», o extraordinario drama de aventuras, que tanto tem interessado os frequentadores do Condes. Constance Talmadge no primoroso «film» de arte «Leste e Oeste» continua obtendo o maior dos triunfos, bem como a esplendida comedia de Cara Linda e do pretinho Africa «Prendam as almas do outro mundo»! uma destas endiabradas farças como só dois impagaveis artistas seriam capazes de inventar

O 9 de Abril

Vem cantado d'uma fórma vibrante e patriotica no livro **Segredos da Musa** de FREITAS CAMARA, á venda em todas as livrarias.

SERPOZIL
NOBRE SOBRINHO
Eficaz em todas as TOSSES, ainda as mais rebeldes. Cura radical da
TOSSE CONVULSA
E' laxativa e expectorante e de sabor agradavel.
Deposito: Rua de Santa Justa, 45, 2.º—LISBOA.
Teixeira Lopes & C.ª, Lda.

IN ILLO TEMPORE

Magalhães Lima

E O QUE SE PASSOU

NA SEDE DO "DIARIO DE LISBOA"

Depois da minha saida do *Seculo*, que eu fundara em 1880, dirigi, durante alguns meses, a *Folha do Povo*, tendo feito, logo a seguir, acquisição da *Vanguarda*, para continuar a minha propaganda republicana. A *Vanguarda* ocupava a mesma casa, onde se encontra hoje instalado o *Diario de Lisboa*.

Esta circumstancia impõe-me o dever de afirmar a minha solidariedade profissional com o seu brilhante director, o dr. Joaquim Manso, e de revelar alguns episodios, ali passados, que revestem o interesse de uma narrativa contemporanea.

Era uma epoca de crença viva, de sonho, de ilusão e de esperança. A *Vanguarda* hasteara a sua bandeira de combate, com os meus artigos, intitulados *Baixo Imperio*, alguns dos quais poderiam ser hoje reproduzidos com mudança de nomes apenas. Amavamos os principios na sua pureza, e defendiamo-los com a fé de apostolos, não recuando nem diante do perigo nem diante do sacrificio. Nesse tempo não se preguntava a que partido cada um pertencia. Lutava-se pela Republica sem epiteto.

Compare-se esta sinceridade de então com a hora presente. Ninguem se bate hoje pelas suas ideias. A paixão desappareceu, e a paixão é tão necessaria para amar uma mulher, como para amar uma causa. Mas ha uma coisa pior do que essa apatia criminosa: é a mascara afivelada, para traficar com as ideias que se dizem defender.

Assim, pois, a *Vanguarda* desempenhou a sua missão de jornal politico, com nobreza, com coerencia, com dignidade.

* * *

Não me perderei em minucias. Não mencionarei os ruidosos triunfos obtidos por Aquilino Ribeiro, com as suas *Notas do dia*, admiraveis na forma e no conceito; com os folhetins de Rocha Martins, que, tendo principiado pelo *Pecado da Irmã Coleta*, atingiu o exito maximo na *Madre Paula*, na *Maria da Fonte* e no *Bocage;* com a publicação de um grande romance realista de Ramada Curto, fotografado *d'après nature*, que provocou a revolta, por parte de alguns cavalheiros do Cartaxo, onde se passaram algumas das suas scenas.

Não falarei na famosa campanha, levantada por Fernão Boto Machado contra o trafico das brancas, que lhe valeu o aplauso caloroso de milhares de pessoas; não exaltarei os artigos de combate de Heliodoro Salgado e Julio Augusto Martins; os finos comentarios de observação e de critica do *Riso Amargo*, pseudonimo que ocultava o nome aureolado de Cruz Magalhães; os ecos, algo causticos de Luis Derouet e a deliciosa reportagem do nosso querido Gregorio Fernandes, assim como a efectiva colaboração de Guilherme de Sousa, de José do Vale, de Andrade Neves, de Lino de Macedo, de Urbano Rodrigues, de Gonçalo Neves, de Antonio Guedes, de Faustino da Fonseca, de Ernesto Loureiro, de Gomes da Silva, o primoroso estilista, cujos artigos eram procurados com avidez, assim como as criticas teatrais de Fernando Reis e o sensacional *Misterio da Rocha do Conde d'Obidos*, de Archer de Lima.

Não renovarei a minha gratidão a todos esses companheiros dedicados — o dr. Esteves Lisboa, meu socio, durante um ano, Eduardo José Gaspar, Ferreira Pinharanda, Julio Afonso, Botelho de Sousa, Alvaro dos Santos, e outros, que, em horas amargas, me confundiram com as provas da sua lealdade. Analizarei apenas alguns factos a que a *Vanguarda* deveu os seus maiores exitos.

Desenho de Antonio Carneiro

* * *

Restrinjo o muito que poderia dizer a três acontecimentos: a visita de Loubet a Lisboa; a colaboração das senhoras na *Liga Portuguesa da Paz* e a ditadura franquista.

— Vou dar-lhe três dias de Republica — dizia-me Eduardo Vilaça, o ministro dos estrangeiros de então. — Três dias que se hão de transformar numa eternidade — retorqui.

mas senhoras interessadas no movimento. D. Virginia Quaresma pertencia aeste numero.

A visita do presidente Loubet foi um verdadeiro acontecimento, — Viva a Republica! — gritava o povo ao lado da carruagem real. O canto da *Marselhesa* ecoava por toda a parte.

A *Vanguarda* confiou o encargo da reportagem ao distinto jornalista Ferreira Martins, que se houve admiravelmente no seu desempenho, tornando-se o jornal um centro de informação.

Caiel (D. Alice Pestana), a prestigiosa educadora, que tambem honrou a *Vanguarda* com as suas lições, acabava de fundar a *Liga Portuguesa da Paz*. A sua secção feminina desenvolveu-se rapidamente. No meu gabinete reuniam-se todas as tardes alguns unicamente por amor dos principios. Idealisavamos a liberdade, como a tinham idealisado Lamartine, Michelet, Edgar Quinet, Proudhon, Victor Hugo, etc. Um caso, como o recentemente sucedido em Espanha, com Unamuno, teria levantado todos os espiritos, como sucedera noutro tempo com Maximo Gorki. A ditadura franquista, com os seus corregedores, á maneira de Pina Manique, irritára a opinião, e pode bem dizer-se que muito contribuiu para acelerar a marcha da Republica. Não me deterei a contar os actos de heroismo praticados. O exemplo do sacrificio, por parte da massa anonima, foi inexcedivel. A *Vanguarda* transformara-se em barricada.

Perguntar-me-hão que impressão me ficou desses tempos heroicos da propaganda. A impressão de que se faltou aos compromissos tomados publicamente com o povo. Porventura os principios mudaram? De forma alguma. Quem mudou não foi o povo que se conserva o mesmo. Não mudou o ideal republicano. Mudaram os seus servidores.

No tempo da *Vanguarda*, ninguem pensava em negocios.

O jornalismo republicano constituia para todos nós um apostolado. Não havia indiferentes nem defectisas. Os dirigentes divorciaram-se dos dirigidos e geraram, pelos seus actos, uma atmosfera de desconfiança.

Confesso que tenho saudades daquele tempo. Eramos perseguidos, sim! Mas a perseguição tornava-se estimulo. As vitimas constituiam um bloco invencivel.

Afigura-se-me, pois, que uma das soluções, para o mal de que enfermamos, seria regressar ao principio, levantando uma campanha contra o derrotismo que lavra e que ameaça subverter a sociedade portuguesa. A cada passo se ouve dizer que o país está perdido, que a Republica faliu, que estamos em vesperas de uma invasão estrangeira e outras verdades de igual jaez.

O país vive. O que não pode viver é a exploração politica e social; o que não vive é a oligarquia devoradora, a clientela absorvente; o que não pode viver é o arbitrio, substituindo a lei; o que não pode viver é o açambarcamento politico e economico; o que não pode viver é a burla, a mentira e a ficção.

Só pode ser derrotista quem desconhece a grandeza da nossa historia ou quem nunca leu os *Luziadas*.

Tal era a maneira de ver da *Vanguarda* que dirigi, e tal é ainda hoje o meu sentir de republicano e de português.

Magalhães Lima

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

RUA DO COMERCIO, 134 a 140 LISBOA **RUA DO OURO, 18 a 24**

Telef. C. 1.227, 447, 538 — Teleg. OTTOS

FILIAIS
PORTO: Praça da Liberdade, 26 a 31 Tel. 79
BRAGA: Largo da Lapa
VIANA DO CASTELO: Rua Candido dos Reis
COIMBRA: Rua Visconde da Luz
CHAVES: Largo do Arrabalde

Telegramas: OTTOS

Correspondente na Madeira e no Ultramar:

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ

Correspondente nos Açores:

BANCO MICHAELENSE

Correspondentes no Brazil:

RIO DE JANEIRO e todos os Estados do BRAZIL:

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

PARÁ:

FERREIRA COSTA & C.ª

BAHIA, PORTO ALEGRE, RIO DE JANEIRO, SANTOS e S. PAULO:

BRITSH BANK OF SOUTH AMERICA Ltd

Correspondentes no Estrangeiro:

HESPANHA: Badajoz, Barcelona, Valencia de Alcantara, Madrid e outras praças de Hespanha, Vigo e rogião galaica.
ESTADOS UNIDOS DA AMERICA: New York.
FRANÇA: Paris, Bordeaux e outras praças.
HOLANDA: Amsterdam.
INGLATERRA: Londres e outras praças.
ITALIA: Roma, Milão, etc.
SUISSA: Bâle, Lausanne
BELGICA: Anvers, Bruxelas.
ALEMANHA: Berlim, Hamburgo, Aachen, Cologne.

Representantes em Portugal do

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

RIO DE JANEIRO, S. PAULO, SANTOS

Correspondentes de

BRITISH BANK OF SOUTH AMERICA Ltd

RIO DE JANEIRO, S. PAULO,
SANTOS, BAHIA, PORTO ALEGRE

BANCO NACIONAL DO COMMERCIO

PORTO ALEGRE, FLORIANOPOLIS,
CURITYBA, PELOTAS, RIO GRANDE

Operações bancarias
Ordens de Bolsa
Saques sobre o Estrangeiro
Papeis de credito
Coupons
Moedas
Descontos e transferencias
Contas correntes
Depositos á ordem e a praso
Cambiaes
Ordens telegraficas e cartas de credito
sobre o Paiz e Extrangeiro

SECÇÃO MARITIMA

LISBOA -- R. de S. Julião, 174, 1.º **PORTO -- P. da Liberdade, 29**

Tel. C. 652 Telegramas OTTOSLLOYD Tel. 79

AGENTES EM PORTUGAL da

COMPANHIA DE NAVEGAÇAO LLOYD BRAZILEIRO

EPISTOLARIO

Camilo Castelo Branco

ESCREVE

a Antonio Feliciano de Castilho

uma carta repassada de chistosa ironia

Camilo tinha pelo 1.º visconde de Castilho profunda estima e alta admiração, de que dava publica amostra sempre que se lhe ensejava o lance. O poeta da *Noite no Castelo* pagava-lhe em igual moeda, e Camilo era dos raros santos da casa que escapavam ás suas acidissimas críticas e ás dos aristarcos da sua côrte literaria.

Em 1865 esteve Castilho em Seide onde o dono da casa o recebeu galhardamente. Uma festa nocturna, ao ar livre, foi dada em sua honra, com iluminação regional, bailaricos, descantes e cantigas ao desafio. Celebrando a visita, á entrada da quinta, do lado esquerdo, o poeta das *Nostalgias exegit monumentum* ao poeta dos *Ciumes do Bardo*. O peregrino que ali vá, já despertar fantasmas por estrema curiosidade, já reviver tragedias ou provocar-se lagrimas, ainda lá pode lêr esse atestado de amisade no cipo enegrecido dos liquens irrespeitosos de mais de meio seculo.

Pelas amostras que conheço, a correspondencia entre Camilo e Castilho devia de ser copiosa e digna de cuidada leitura pela soma de informações e juizos sobre livros e gentes do tempo, que forçosamente encerrava. Nos papeis do visconde de Castilho, Julio, ha anos falecido, que com filial piedade ajuntou e arrecadou a herança literaria de seu pai, encontrará, quem tiver a sorte de folhea-los, alguma, se não toda a correspondencia camiliana com o poeta cego.

A carta que o *Diario de Lisboa* hoje oferece aos seus leitores não precisa do nome de Camilo a subscrevê-la. Documento a um tempo de psicologia e fisiologia, só pelo seu punho poderir ter sido traçado. A grande caracteristica da feição camiliana—o sarcasmo arrancado á dôr, á inteligencia do homem superior a ela, dissecando-a, resignação, filosofia, ou indiferença—vivem nessas linhas, entressachadas de amargos traços de desespero á vista dos filhos que brincavam, despegados das dôres do pai, como este noutros tempos em volta do ataúde da propria mãe.

LISBOA

23.º dia do 100.º ano do 1.º centenario de Camilo

Cardoso Marta

Meu amigo

O convite de V. E.ª não podia ser mais amavel. Vem n'elle o optimo coração do meu Castilho. Tendo eu tido muitas e, ao que parecia, todas as provas da sua amisade, faltava-me ...ta. Agradece-lhe a alma do seu invalido discipulo, que já agora a maior caminhada que tem a fazer é d'aqui para os cyprestaes que estou vendo da janella do meu quarto.

Isto agora vae depressa.

Amanhan, para me despedir agradavelmente da medicina, tomo um banho russo: primeiro suar em bica, depois passar para um banho de duche quanto mais frio melhor. Esta sensação deve tornar-me odiosas todas as sensações do mundo que deixo.

Meu caro amigo, eu desejo estar até final com a minha familia. Todo o tempo me será pouco para olhar para estas crianças que brincam á volta do meu leito como eu ha 37 annos brincava ao redor do esquife de minha mãe. Ha 35 que meu pai morreu. Então não já não brincava eu. Lembra-me que lhe abri o caixão para lhe dar o ultimo beijo. Tinha eu 9 anos. Desgraça e sentimentos mais precoces ninguem os teve.

Está hoje um sol de poetas e de formigas. Sahi de casa em uma sege. Fui até á beira mar. Não gostei. O mar a mim nunca me deu nada que prestasse, tirante algum linguado.

Quanto á poesia escalada que alguns bardos costeiros nos dão, pendo a crer que elles a fazem do extracto das ostras e mais mariscos, quando não é da salsugem, especie de dysentheria que o padre oceano revessa para elles bardos.

Agora, meu caro am.º, vou deitar-me, e ganhar forças para o banho.

De V. Ex.ª m.to grato

Porto, 9 de 8.bro de 1871

Camillo C. Branco

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE com exito unanime
A encantadora comedia de Lorjó Tavares
INGLESES...
A abrir: O episodio de Carlos Alberto Ferreira
Irmã Cruz de Guerra

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE — ás 9 horas da noite — HOJE
Exito grandioso
AS ANDORINHAS
Esplendida enscenação
Optimo desempenho

TEATRO da TRINDADE
Telefone C-876 Hoje ás 21 horas
COMP.ª SATANELA-AMARANTE
de que faz parte Nascimento Fernandes
A celeberrima opereta
O POÇO DO BISPO
3 horas de gargalhada

TEATRO AVENIDA
Tel. N. 4356 HOJE, ás 21 horas
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
Companhia Cremilda-Cheby
Cama, mesa e roupa lavada
Terça-feira, 8 — Primeira representação da comedia burlesca, em 3 actos O PARLAPATÃO.

OS POETAS E A VIDA

RENASCIMENTO DO LIRISMO PORTUGUÊS

POR JOÃO DE BARROS

Os meus amigos costumam rir-se de mim, porque nos meus livros falo sempre na Vida. Na Vida com V grande, já se vê... A Vida, a Vida, a Vida!... E' uma *scie*, na verdade.

Mas, quando eu comecei a publicar livros, e a escrever os meus humildes versos, outra *scie* era usada pelos meus contemporaneos. Raro, rarissimo era aquele que não gritava:—a Morte, a Morte, a Morte!... A Morte com maiscula, tambem. Chegava a ser de mau gosto não modular queixas, e não se confessar irrediavelmente desiludido. Não sei porquê, instintivamente—aos 20 anos não se pense com filosofia—toda a minha adolescencia protestava contra a nuvem de pavor e de desespêro que enegrecia o lirismo português. E, com medo de não viver, com medo de ficar asfixiado por essa atmosfera soturna, puz-me a gritar pela Vida como um naufrago chama por Nossa Senhora, á hora em que só um milagre o pode salvar...

Pomposamente, supunha que assim cumpria uma alta missão, qual fôsse a de orientar e de guiar os homens para um destino de alegria. Vaidade ingenua, que seria perigosa se o sentimento da imperfeição da minha Arte não o tivesse logo equilibrado. Pensei que tinha razão, mas que não dizer mal as minhas razões. Só mais tarde compreendi que—como muitos outros poetas desse tempo, poetas doutro valor e doutra grandeza—não fazia mais do que seguir o movimento geral do nosso povo, tendo de afirmar o renascimento das suas melhores qualidades, de provar, com efeito, que ambicionava viver. Foi-se-me embora toda a vaidade, graças a Deus. Mas fiquei arrependido de ter falado tão pueril mente, na Vida—na Vida que eu mesmo, se quizesse, não podia finir!

Um grande poeta, de que Mayer Garção se ocupa no seu livro admiravel *Os Esquecidos*, escrevia por essa época:

«Pois chora! Chora! A dôr humana tem
«De ter quem a amamente... Mas se alguem,
«Para eu não ver a luz dos astros sãos,
«Viesse tapar-me os olhos—tu, criança!—
«Eu, que nas tuas mãos puz minha esp'rança,
«Era capaz de te quebrar as mãos!»

Nunes Claro expressava assim o sentimento dos moços poetas do seu tempo. Afastar a dôr, dominar a dôr, para colher a alegria! A Vida, a vida com v grande e com todos os vv, veiu-nos ensinar depois que a dôr não se domina nem se afasta com essa facilidade sonhada... O que não quer dizer que não houvesse um certo heroismo de pensamento em querer vence-la e destrui-la. Heroismo de que Antonio Patricio nos deu a formula exacta neste distico maravilhoso:

«Crava nos flancos da desgraça azas d'orgulho!
«Sê pó, mas sê pó d'oiro, egual ao pó de Julho»

Poeira de oiro! Tudo o que seduz e fascina, tudo o que nos faz desejar uma existencia mais vitoriosa, mais insofrida e mais bela!

Em suma, todos nós reagamos contra a depressão do momento, depressão que atacava—salvo cinco ou seis casos conhecidos:—Junqueiro, Cesario Verde, Gomes Leal, Eugenio de Castro, Julio Brandão, etc.—a propria essencia do lirismo nacional. O genio de Antonio Nobre dera, no *Só*, a expressão *ponto-final* da amargura e da desesperança. Os que o imitaram, os que em seguida quizeram ser ainda poetas da melancolia, não conseguiram senão evocar fantasmas de sentimento em nevoas de poemas. Pouca originalidade. E, sobretudo, pouco vigor, pouca beleza,

* * *

pouca intensidade de emoção.

Diz Julio de Gaultier, num estudo recente:

«O verso reconstitui, num estado de civização complexa, a riqueza naufragada, no fundo do *oceano das idades*, dum tesouro primitivo:—essa linguagem das origens, que foi, antes da parte da convenção que trouxe a intervenção intectual, uma coisa ritmica e viva estreitamente ligada com o proprio ser fisiologico, exprimindo, numa associação de sons, um sentido e uma sensação; satisfazendo completamente essa necessidade da natureza, a transmissão total dum estado de alma; saciando essa paixão de atingir o seu maximo de expansão que é a lei de toda a força, essa necessidade de se exteriorizar, de se comunicar integralmente que é a lei de toda a inergia psiquica; e cuja privação pode ser considerada a causa mais profunda do mal-estar da consciencia moderna».

Conclui Julio de Gaultier pela existencia de uma lei da constancia da sensibilidade, explicando-nos como, sempre que aumentam e se multiplicam as preocupações de ordem utilitaria e scientifica, o lirismo se desenvolve paralelamente, com maior veemencia e mais larga extensão.

Estamos longe da profecia de Le Dantec jugando—do que depois se arrependeu!—que o espirito scientifico, que a evolução intelectual matariam o lirismo. Mas os factos, afinal, justificam as ideias de Jules de Gaultier, e não os raciocinios, aliás aparentemente tão logicos, do autor das «Influencies Ancestrais»...

* * *

Creio bem que o *retorno á alegria* do lirismo português não foi senão o resultado dessa lei de constancia da sensibilidade. Ele estava agonisante na prisão dos mesmos temas de tedio e de tristesa, das mesmas palavras de aborrecimento e cansaço, da mesma negação, do mesmo amor piegas. O seu apelo da Vida foi, apenas, uma tentativa,—feliz ou infeliz, o futuro o dirá—de evasão e de fuga.

Havia um dominio fechado para o espirito criador dos poetas:—forçaram-no.

Havia a preocupação de não aceitar certas imagens e certos assuntos como indignos da poesia:—esqueceram essa preocupação. Havia o preconceito de que um verdadeiro lirico só podia cantar o passado:—esse preconceito desapareceu. E começámos a assistir a uma renovação de formas e de formulas, de estilo e de sentimento, de inspiração e de tendencias, que decerto vão ser caldeados e inteiramente e gloriosamente realizados—na obra vindoura do grande poeta português de ámanhã.

De ámanhã—ou de hoje. Porque, se é cedo ainda para julgar das consequencias da tentativa audaciosa, mas inevitavelmente necessaria, eu fico-me a pensar, lendo Augusto Gil ou Teixeira de Pascoaes, Antonio Patricio ou Lopes Vieira, Jaime Cortezão ou Americo Durão—e tantos, tantos outros, que entre as suas obras deve já existir a *obra-prima* ou as *obras-primas*, que o porvir escolherá como representativas da ressurreição do actual lirismo português, apostolo da Vida e da Alegria...

João de Barros

LITERATURA

DIALÓGO

ENTRE

o cabelo longo duma senhora curta e o cabelo curto duma senhora longa

CABELO LONGO—Não tens vergonha... Parece que andas nu...

CABELO CURTO—Tu és monotono como um folhetim...

CABELO LONGO—Para isso era melhor não existires... Ser cabelo já é ser muito pouco... Mas, emfim, eu sou cabelo mas sou longo... Tu és curto...

CABELO CURTO—Calarte... Não chovas tanto sobre os pratos de sopa...

CABELO LONGO—Olhem quem fala... Tu distribuiste em prospetos pelos casacos dos maridos traidores...

CABELO CURTO—Mas não incomodo ninguem... Não sou, como tu, um poeta lirico falhado, não componho tranças ridiculas nem carrapitos hilariantes...

CABELO LONGO—Leviano! Esconde essa nuca...

CABELO CURTO—Dentista!... Quebra menos dentes ao pente da tua dona...

CABELO LONGO—E tu não a comprometas tanto... Dá-lhe um ar menos suspeito, menos equivoco...

CABELO CURTO—Enguiçoso... Não passas a vida ás costas da tua dona, arranja-te, apruma-te, não percas tantos ganchos... Sem ganchos não te seguras nem seguras os amantes da tua virtuosa proprietaria...

CABELO LONGO—Os amantes da minha proprietaria?... Onde aprendeste a caluniar? Naturalmente foi na agua oxigenada...

CABELO CURTO—Gostava de saber quantas mãos têm mergulhado nas tuas ondas...

CABELO LONGO—Posso responder-te com o numero de hocas que têm potsar do nossa boina de apache de revista...

CABELO CURTO—Quantas feras existem agora no teu Jardim Zoologico?

CABELO LONGO—Quantos beijos de amor têm passado por essa «garçonnière»...

CABELO CURTO—Pois sim... Eu sere! uma «garçonnière»... Tu, porém, se fôsses á censura eras cortado...

CABELO LONGO—Olha, pequeno, Cresce e aparece...

CABELO CURTO—Não cresço mas estou mais alto do que tu...

CABELO LONGO—Sim. Estás numa trapeira...

CABELO CURTO—Não cresço porque não quero... Detesto a retorica...

CABELO LONGO—Futurista!

CABELO CURTO—E então? Que mal tem isso ... Mais vale ser futurista do que ser troglodita...

CABELO LONGO—Eu sou a Saudade: distribuo-me em madeixas...

CABELO CURTO—Eu sou o Desejo: vivo na impaciencia das tesouras, essas bocas de prata...

CABELO LONGO—Os poetas cantam-me...

CABELO CURTO—E as meninas romanticas bordam almofadas com os teus sedosos fios...

CABELO LONGO—Invejoso...

CABELO CURTO—Invejoso?!... Porquê? Porque sou feliz? Porque passo a vida a dansar á volta da cabeça da minha estimada proprietaria?

CABELO LONGO—Cão de luxo!...

CABELO CURTO—Gato negro, gato de rua!

CABELO LONGO—Garoto!

CABELO CURTO—Barbeiro!

CABELO LONGO—E's um inutil... Levas a vida a palrar... Não discuto mais. Tenho muito que fazer. A minha dona está a chamar-me. São onze horas da manhã... Vou entrançar-me...

CABELO CURTO—Trabalha, trabalha, meu querido... Faz-me pôr-me a voar... Os cabelos curtos não eci se tu sabias, são todos aviadores..

(Duas horas depois)

CABELO LONGO—Já cortado, irreconhecivel. Cabelo curto, cabelo curto... Estás vingado... A minha dona cortou-me... Não imaginas a minha dôr quando caí...

CABELO CURTO—Não te afilijas, irmão... Caiste para subir... Foi assim que eu tirei o meu «brevet» de aviador...

ANTONIO FERRO

— POLITEAMA —
Empresa LUIZ FEREIRA Tel. 3023-N.
COMP.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE — Ás 21,30 Espectaculo sensacional
Reaparição da engraçadissima comedia
Greve Geral
O teatro mais barato de Lisboa

APOLO Telef. N. 4129
HOJE: Exito sem rival
LAURA COSTA nos seus variados numeros da famosa revista
FRUTO PROIBIDO
ampliada com o QUADRO NOVO
«SALON» BELAS ARTES

LITERATURA FEMININA

Uma poetisa portugueza

que não canta o amôr

Fernanda de Castro e o seu proximo livro

Verdade insofismavel: o nosso lirismo que deu e continua a dar grandes poetas, não deu ainda uma grande poetisa. Ha, de certo, sensibilidades curiosas, temperamentos finos de mulher que conseguem ritmar, com mais ou menos graça e ternura, aquilo que, na vida, mais poder exerce sobre elas, em regra as ardencias e as desilusões do amor. Mas daí a chamarem-se grandes temperamentos de poetisas vai uma certa distancia que é necessario devidamente marcar.

A França deu Marceline Desbordes Valmore; uma paixão alucinada, impetuosa como as labaredas dos grandes incendios; a Inglaterra, a graça emotiva, quasi portuguesa, de *miss* Elisabeth Robert Browning; a Espanha o misticismo dramatico, a sinceridade irreprimivel de Santa Teresa. Estas, sim, podem com rasão chamar-se grandes poetisas—pois deram nos seus versos, gritos de alma, a beleza, a altura, a harmonia do belo mundo intimo dos sentimentos humanos. A mulher portuguesa nasceu para inspiradora — e é este o seu mais simpatico papel.

* * *

Lisboa, a Lisboa de Cesario Verde, o seu mais objectivo e bohemio poeta, encontrou em Fernanda de Castro, esposa do escritor Antonio Ferro, a sua mais sensorial e objectiva poetisa. Deu-lhe as ruas, deu-lhe os mercados, deu-lhe o sol, deu-lhe a lua, deu-lhe os pregões, deu-lhe as flôres, deu-lhe os carros electricos, deu-lhe as varinas, deu-lhe as gaivotas, os becos, os gatos, as creanças, todo o seu corpo de formosa ninfa — e a poetisa, em troca, vai ofertar-lhe a sua alma, na verdade iluminada e perfumada como uma *Cidade em Flôr*.

Fernanda de Castro, ligada a Antonio Ferro por todas as alianças, até pela aliança. do mesmo crédo artistico — são parecidissimas as suas sensibilidades — é, na moderna geração de poetisas, onde Virginia Victorino sorri pequeninas ternuras de *boudoir*, ao telefone, e Maria de Carvalho tem, por vezes, asas de bela inspiração — um temperamento que se destaca, porque mantem uma individualidade propria, saindo da plangencia choramingas do costume.

A PEDRA

Deus fez a pedra rude, a pedra forte
e depois destinou : serás eterna
mostrarás a altivez de quem governa,
não ousará tocar-te a propria morte.

E a pedra julgou linda a sua sorte,
foi palacio, foi templo, foi caverna,
foi estatua, foi muralha, foi cisterna
viveu sem coração, sem fé, sem norte.

Mas viu morrer o infante. o monge, a fera,
o heroe, o artista, a fonte, a flor, a hera,
e humildemente quiz tambem morrer.

Não grita, não se queixa, não murmura,
guarda a mesma aparencia hostil e dura,
mas sofre o mal de não poder sofrer.

Fernanda de Castro

A poetisa da *Dança de roda* faz da sua sensibilidade poetica um grande balão veneziano. E é á luz deste que escreve os seus versos impregnados de naturalismo vadio—como os de Cesario o eram de naturalismo melancolico:

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Ha tal soturnidade, ha tal melancolia...

—Como faz os seus versos?

—De cór. Só os escrevo depois de completamente feitos. Nascem naturalmente, como nasce da terra toda a riqueza vegetal da Praça da Figueira, que não me canço nunca de visitar e cantar.

—O seu poeta preferido?

—Cesario.

—Que pensa do seu novo livro?

—Prefiro-o aos anteriores. Se não o achasse melhor, não o publicava.

Fernanda de Castro fala sem pose, com sinceridade, com naturalidade, sem buscar atitudes, gestos contrafeitos de mulher literata. A poetisa da *Cidade em Flor* que tem uma retina educadissima, fixando, com arte, os mais pequenos aspectos das ruas da cidade, tipo de cigana, tês morena e grandes olhos pretos, tem a paixão das linhas e da côr — a paixão do sol, da luz, de todo o mundo que se vê, que se aperta, que se oferece, e de que ela faz, por milagre, um belo jardim — o jardim encantado das Haspérides.

—E o amor? Porque não canta o amor?

—Canto o amor á minha maneira.

—Mas o amor no seu humano sentido, não é isso...

Fernanda de Castro confessa:

—Não sei fazer versos d'amor.

—Não gosta?

—Gosto, mas não sei. Os meus versos prendem-se ao que vejo — e só o que vejo eu sinto. Eu nunca vi o amor!

E os versos da *Cidade em Flor* seguem, bailam, cantam, rodopiam, correm, levando na musica, no sonho, no poder forte das imagens — o corpo de Lisboa inteira.

Alves Martins

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ADMINISTRAÇÕES

CAPITAL 2.000.000$00

CALÇADA DO SACRAMENTO, 14, 1.º — LISBOA TELEFONE C. 498

Encarrega-se da administração de propriedades rusticas e urbanas, fiscalisação e administração de obras de reconstrução, reparação e conservação, cobrança de rendimentos, administração de propriedades no Brasil, serviços em quaesquer repartições publicas ou tribunaes, etc.

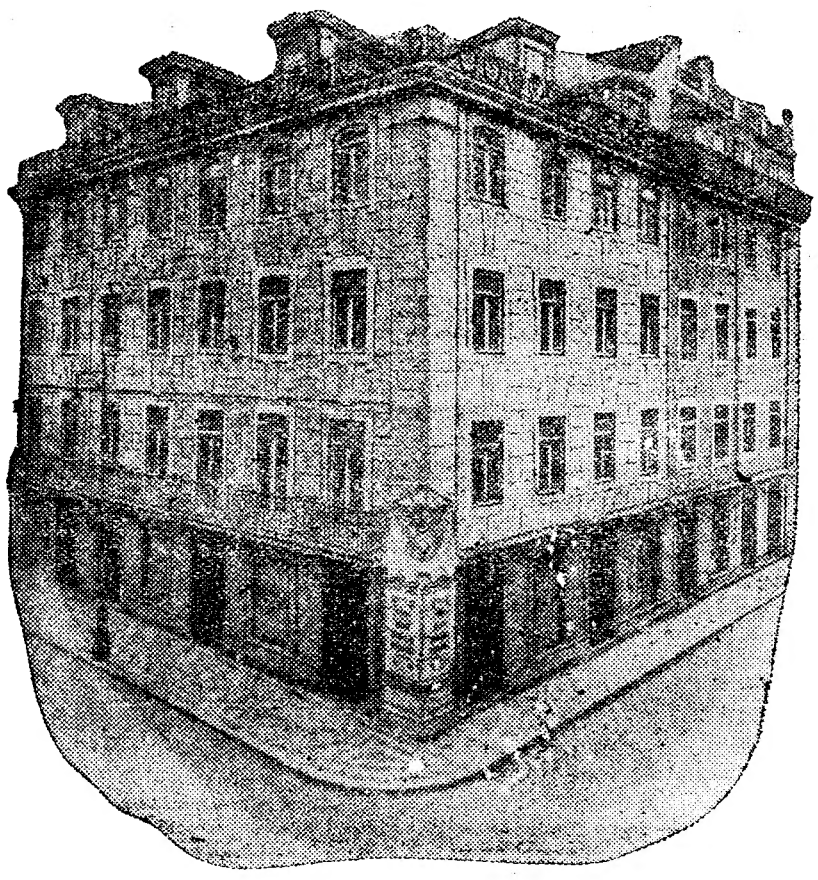
UM DOCUMENTO NOTAVEL

O relatorio industrial

DO BANCO INDUSTRIAL PORTUGUEZ

O credito industrial e a sua função no desenvolvimento economico do paiz

Recebemos o relatorio industrial do Banco Industrial Português. E' acompanhado de magnificas gravuras referentes ás varias emprezas por ele financiadas—(a Empreza Industrial do Alfange (Santarem), a Companhia da Fabrica Ceramica Lusitana (Lisboa), a Empreza Mecanica de Palitos, Limitada (Coimbra), a Construtora de Coimbra, Limitada, a Companhia Industrial de Resinas e Produtos Quimicos, a Empreza Industrial de Freamunde, a Empreza Vinicola Alto Minho, Li-



mitada (Viana do Castelo), Estrela de Portugal (Empreza de Pesca de Bacalhau), etc.)—e é a demonstração iniludivel do muito que a industria nacional lhe deve.

O Banco Industrial Português merece, pelo seu alto esforço, a gratidão de todos os portugueses.

O relatorio que temos presente é um documento notavel, sob todos os pontos de vista. Por isso o transcrevemos na integra:

As maiores nações do mundo, as mais ricas e poderosas, beligerantes ou não, todas se ressentiram das terriveis consequencias da grande guerra.

As condições da vida politica, social e economica, transformaram-se por completo e, á PAZ, que a diplomacia internacional procurou assegurar, outro conflito sucedeu, menos cruento decerto, mas talvez mais implacavel, na defeza dos interesses de cada Paiz.

Tornaram-se os povos de tal forma egoistas, esquecendo amisades e até alianças que o sangue derramado deveria ter selado para sempre, que hoje cada nação tem que contar comsigo só, e só comsigo, se quizer manter-se com decorosa independencia no concerto mundial.

Esta realidade não constituiu para nós, portugueses, uma surpreza. Haviam-na previsto varias individualidades, que ao estudo das questões economicas se têm dedicado.

«A industria, como o comercio, como a agricultura, levará uma grande reviravolta, terminada a guerra. Caducados os tratados de comercio com a Alemanha, novos tratados haverá que estabelecer entre as nações aliadas. Ora nós somos um pequeno Paiz, e por muito boas que venham a ser as intenções dos paizes nossos amigos, a verdade é que se não fazem favores nestas questões e, assim, torna-se indispensavel valorizar o mais possivel aquilo que nosso é.»

Assim se falava em Portugal no decorrer das hostilidades e os factos sobejamente confirmaram a profecia.

Todos os esforços, pois, que no nosso Paiz se façam para intensificar a produção e valorizar o trabalho nacional, são grãos deitados á terra, que hão de forçosamente germinar, e ha em Portugal inumeras riquezas a explorar, muitos esforços a aproveitar. Ha quem atribua ao espirito aventureiro dos portugueses as descobertas que fizeram da nossa Historia a mais gloriosa do mundo inteiro. Mas esse espirito aventureiro não era mais do que espirito de iniciativa, que é ainda hoje uma inconfundivel caracteristica do nosso povo.

A actividade industrial que se tem manifestado entre nós, nos ultimos anos, é uma flagrante prova desse espirito de iniciativa. As condições da nossa vida impuzeram-nos a necessidade imperiosa dum rapido desenvolvimento nesse campo de acção, quer nas industrias já existentes, quer criando outras novas. E, apesar das dificuldades e obstaculos que se têm oposto á marcha regular dessa actividade, o que ha feito e esboçado é de molde a assegurar a perspectiva dum proximo e brilhante futuro.

Um dos mais importantes factores que pódem contribuir para o desenvolvimento das industrias, é, incontestavelmente, *o crédito industrial*. Não tem ele merecido as atenções dos poderes publicos, absorvidos na solução de outros problemas de momentaneo interesse; e das instituições bancarias, pouca assistencia tem alcançado.

As operações nesta especialidade restringiram-se sempre ao crédito hipotecario, desconto de letras e warrants caucionados nas fazendas armazenadas, emprestimos sobre penhores, etc. —velhas formulas.

Ensinam a experiencia e a observação que as funções dum estabelecimento de *crédito industrial* tem que ir mais longe. Já o faziam antes da guerra os paizes mais adiantados e depois dela outros lhes seguiram as pisadas, alargando o ambito de operações e contribuindo assim, poderosamente, sempre com cauteloso criterio, para o inteligente aproveitamento de todas as iniciativas nesta esfera de actividade.

Coube em Portugal esse papel ao BANCO INDUSTRIAL PORTUGUÊS.

Mas, precisamente porque se tratava de novos cometimentos, foi mister caminhar com toda a prudencia, tendo sempre presente o velho rifão «devagar que tenho pressa».

Os interesses tão respeitaveis confiados a este Banco assim o aconselhavam, tratando-se dum empreendimento tão diferente de todos os outros, tão eriçado de espinhos, tão susceptivel de surpresas.

O *crédito industrial*, como moderna e inteligentemente deve ser compreendido, não tem por limites quaisquer fundos ou valores depositados pelo industrial, o que seria de rapida constatação, no que respeita a resultados, mas, pelo contrario, abrange uma longa e complicada teia de operações, intimamente ligadas entre si.

A compra de maquinas e utensilios, de materias primas, a construção e ampliação de armazens e as variadissimas transformações industriais, em primeiro plano. Logo a seguir, a assistencia financeira nas crises economicas, na acumulação de stocks, rarefação de mercados, o que póde representar importantes e longas imobilisações de capital.

Sendo estas as caracteristicas do credito industrial, era dentro delas que o referido Banco teria de operar, e assim se justifica que só agora possa publicar o seu primeiro *relatorio industrial*.

Mas, se os resultados são para nós motivo de jubilo e orgulho, não devemos ocultar que muitos foram os obstaculos a transpor, numerosissimas as dificuldades a vencer.

Cada um dos casos apresentados comportava um estudo especial e cuidadoso: analise da operação em si, previsão aproximada dos seus resultados e apreciação justa da individualidade que o propunha.

De facto, neste campo de operações bancarias o credito pessoal ocupa um lugar preponderante.

Não se deve de forma alguma abstrair, numa proposta a estudar, da pessoa do apresentante. Pódem os aspectos economicos e financeiros dessa proposta ser os mais risonhos e excelentes, deixando antever um exito seguro. O exame conscienciose e minucioso do proponente é indispensavel, como indispensavel é que ele corresponda aos requisitos do relatorio do «COMPTOIR NATIONAL D'ESCOMPTE», em 1910: «prestamos o concurso incessante não sómente ás Emprezas de primeira e segunda ordem, mas ainda aos modestos comerciantes e industriais, quando nos sentimos assegurados do seu espirito de prudencia, amor ao trabalho e da sua probidade.»

Este cuidado, pois, na escolha do colaborador em determinada empreza exige tanta solicitude e tanta reserva como o proprio negocio em si.

Daí a necessidade dum conhecimento seguro, a todo o momento renovado, dos meios industriais, cujas condições de existencia variam constantemente, mercê das varias contingencias a que a industria esta sujeita.

Todas estas considerações mereceram á Direcção do BANCO INDUSTRIAL PORTUGUÊS o maior cuidado, tendo-as sempre presentes, não se afastando delas um ápice.

A nossa acção tem-se exercido principalmente junto da média e pequena industria. Não póde o BANCO INDUSTRIAL PORTUGUÊS prestar o seu concurso á grande industria porque, em primeiro lugar, esse papel cabe mais propriamente aos consorcios bancarios, que aliás não existem em Portugal; em segundo lugar, porque as suas disponibilidades não lhe permitiriam os largos movimentos de numerario que ela exigiria e que viriam provocar um prejuizo ás industrias que já financia.

Entre nós é ainda hoje deficiente e hesitante a cooperação dos capitalistas nas industrias, muitas das quais não permitem a rapida remuneração dos capitais empregados que, aliás, encontram, num futuro relativamente proximo, uma generosa compensação.

Não existem no nosso Paiz leis de credito industrial que, sancionando as operações proprias desse credito, protejam as iniciativas nacionais que dele careçam.

Todavia os organisadores do BANCO INDUSTRIAL PORTUGUÊS procuraram, com as adaptações necessarias ao nosso meio, vasá-lo nos moldes dos Bancos similares da Alemanha, Austria e America, os quais, como é sobejamente conhecido, tanto contribuiram para a prosperidade economica dos respectivos paizes, desenvolvendo extraordinariamente as suas industrias pelo fornecimento de capitais na acquisição de materias primas, maquinaria, mão de obra; pelos creditos pessoais, emissão de valores industriais, participação directa nos negocios, etc., etc.

São estas intervenções que caracterizam os Bancos industriais, e o Banco Industrial Português julga tê-las realisado com resultados benéficos na série de trabalhos que passa a expôr.»

UMA PAGINA DE VERSOS

Sonetos e poesias

de Maria de Carvalho e Virginia Vitorino

Augusto Gil, Teixeira de Pascoais, João Saraiva, João de Barros, Antonio Sardinha e Sant'Iago Prezado

Misterio

Não fales... Para quê? Tudo foi dito
Nesse longo silencio perturbado...
Dissémos, eu calada e tu calado,
Que este sonho de amor é infinito.

Não fales... Tu bem vês, fica restricto
Tudo o que na palavra é revelado...
Só o misterio é grande ou é sagrado,
Só o misterio guarda o que é bemdito.

... Podiamos falar... dizer, a mêdo,
Um segredo só nosso... Era um engano.
Conheço a tentação e não lhe cêdo...

Sei o que essa ilusão tinha de insano...
O misterio é divino... e um segredo...
Oh!... um segredo é tristemente humano!

Maria de Carvalho

Renuncia

Fui nova, mas fui triste. Só eu sei
Como passou por mim a mocidade!
Cantar, era o dever da minha idade...
Eu devia cantar, e não cantei!

Fui bela! Fui amada! E desprezei...
Não quiz beber o filtro da anciedade!
Amar, era o Destino, a claridade...
Devia ter amado, e não amei!

Ai de mim! Nem saudades, nem desejos!
Nem cinzas mortas, nem calor de beijos!
Eu nada pude, nada quiz prender...

E o que me resta? Uma amargura infinda!
Pois se é, para morrer, tão cêdo ainda!
E se é tão tarde já, para viver!

Virginia Victorino

Pensamentos

Se te disser alguem que falam mal de ti,
responde: eu não ouvi;
mas procura na tua consciencia,
e por teu coração,
calar a maledicencia
e não lhe dar razão.

* * *

Não ofende quem quere; e mais se apura
a consciencia que a calunia engeite.
E' a maledicencia como o azeite,
que não pode manchar a agua pura.

* * *

Sê sempre em teus propositos persistente,
fiel á tua palavra e firme em tuas acções;
e prende o teu ideal a uma corrente,
que não a quebrem homens nem nações.

* * *

Se queres ser juiz em causa alheia,
e queres bem julgar,
desce da tua teia,
vai p'ra o banco do reu, e põe-te em seu logar.

* * *

Sim, eu bem sei: o homem tem a soberana
razão,
é o mais perfeito ser da criação,
Sonda, inventa, resolve—é admiravel!
mas, santo Deus! a estupidez humana
é incomensuravel!

(Do livro a aparecer: «Entre a Folhagem»)

Sant'Iago Prezado

Fim de Outono

A Antero de Figueiredo

Caem flocos de neve nas cumiadas
E ainda ha rosas nos jardins a abrir...
E' fim do Outono... As arvores cançadas
Despem-se agora porque vão dormir.

Emudecem os bosques... Em bandadas,
Aves e folhas secas vi partir!
Como do bosque as aves exiladas
A alegria das almas vae fugir...

E ai d'aqueles que já no declinar
Do seu Outono agreste, sem afectos,
Vêem morrer as brazas do seu lar!

—Senhor! Eu devo-te um supremo bem:
Sentir-me velho, porque tenho netos,
E não ser velho, porque tenho mãe!

João Saraiva

Sinal solitario

Ao lado, que não ao meio,
—assimetria adoravel—
ha um lunar no teu seio
de palidez inefavel.

Coitadinho! Via-o tão
só e em tal melancolia
que os meus olhos sempre estão
a fazer-lhe companhia...

Augusto Gil

Uma mulher

Antes viver sofrendo, antes viver penando!
A Morte é um castigo imensamente orando
--A Morte que é prisão, mas tambem liberdade—
Para quem deve ter, vivendo, a eternidade
Da amargura em que a vida é só desesperança!...
Nunca, do seu anceio ardente de esposo,
Sísifo ha de gosar o momento formoso
Em que se diz:—cheguei ao termo da jornada
Em que a alma, por ser muito sacrificada,
Poude alcançar a gloria e a paz de quem descansa!
Sempre que se quedar, arfante, no caminho
A pedra rolará, caindo em torvelinho
Pelas encostas onde a sombra nunca medra!
E acorrentado á fuga louca duma pedra,
Obrigado a guiar sua bruta rudeza,
De novo a impelirá no esforço, na incerteza
De vê-la imovel sem apoio do seu braço!...
E reparai, olhai:—o pincaro do monte
E' uma ponta aguda a cravarse no espaço.
Nunca Sísifo, ali, erguerá sua fronte
Para o Sol, e firmando os seus pés sobre a terra,
Possuirá emfim o bem de não lutar!
Lá cima—o solo é como um gládio que se enterra
Na carne fatigada e vil de sempre errar!
E ele, e o peso brutal do rochedo-castigo,
Pela montanha declivosa e sem abrigo,
Subirão, cairão, vaguearão, num clamor,
—Fantasmas imortais do eterno Monte-Do...

(Do livro *Sisifo* que apareceu ha dias)

João de Barros

Um dos meus dias

Dia triste de inverno. Que amargura
A d'esta claridade fria e baça!
Aos meus olhos as cousas desfigura,
Não ha linha gentil que não desfaça!

O meigo azul do ceu ela tortura
E a côr lilaz dos montes ameaça;
Desbota o mimo tenro da verdura
E a cada flôr lhe despe a etérea graça!

Como poeta de genio, o doido vento
Vae recitando versos desvairados
De estranha dôr e ignoto sentimento,

A's arvores da terra, aos escarpados
Rochedos que fantastico tormento
Pelos montes deixou petrificados.

Teixeira de Pascoaes

Soneto a Amadis

Fez-te o Senhor com alma de menina,
mas deu-te um coração de cavaleiro,
em tudo irmão da tua espada fina,
de golpe tão rasgado e tão certeiro!

Nada te vence, nada te domina,
em armas e mais prendas o primeiro,
senão um claro corpo de infantina,
—um corpo de que és dono e prisioneiro!

Vejo deserta a mesa da bravura,
—e nas ciladas desta noite escura
fanou-se ha muito a flôr da gentileza!

Por tua dama, a quem celebro e louvo,
vem, Amadis—vem ensinar de novo
a lei do Amor á gente portuguesa!

Antonio Sardinha

"SPORT,, E HUMORISMO

Como foi que o Padre Eterno

distribuiu por todo o mundo

as qualidades do "foot-ball"

Ao dr. Urgel Horta

No paraiso, pasmou Deus um dia, do exagerado interesse que, na terra, os homens demonstravam pelo estranho jogo de onze contra onze, na disputa duma bola.

Isto se passou ha muitos anos, quando ainda o nobre jogo de «foot-ball-association», ensaiava os seus primeiros passos — que é como quem diz: os seus primeiros pontapés — por esse mundo em fóra.

Desde o dia em que o Eterno Padre, deu pela existencia da terrestre loucura «footballistica», não deixaram emissarios celestes de o informar a par e passo, do progresso de tão exquisita mania

Mas se tais progressos eram grandes em numero de proselitos, já o mesmo se não dava quanto á qualidade do «foot-ball» praticado.

E o Supremo Senhor, perdidas as esperanças de se extinguir o humano furor por tal jogo, resolveu, ao menos, apurar-lhe a fórma. E ha quem diga que a tal decisão não foi estranha a ideia, de mais tarde ou mais cedo, poder o Onipotente passar horas deleitosas na contemplação dum «match» internacional — idéia feita de vagas recordações das belezas olimpicas dos tempos helenicos...

A' presença de Deus foi S. Pedro chamado, na sua qualidade de director supremo das comunicações celestes.

—«Quero que doze mensageiros se dirijam a outras tantas regiões da Europa ode o «foot-ball» se pratica, e que exijam a presença ante mim de um delegado de cada paiz. Nada teem a temer tais homens. O seu «foot-ball» tudo terá a ganhar com esta viagem.

—«Mas, Senhor — retorquiu o venerando apostolo — esqueceste-vos de que os celestes correios ainda não receberam as subvenções prometidas, e de que por isso se encontram em greve — em greve de asas caidas.

«O tesouro exausto. O «Banco do Paraiso», nem quere fazer mais notas, nem deixa vender a prata...

—«Não importa. Manda para o «Diario do Governo» um decreto promovendo os aspirantes a 3.os anjos; os 3.os a 2.os; os 2.os a 1.os; os 1.os a inspectores... e assim sucessivamente. Verás como deixarão de andar desasados...»

Assim se fez. E nessa mesma noite, pela treva protectora da iluminação celeste, desciam doze anjos á terra...

* * *

Foi o delegado escossês, o primeiro a chegar ao Paraiso.

Recebido com as honras devidas a um escolhido de Deus, á presença deste o conduziram, com o cerimonial do costume.

Ia satisfeito o homensinho — que a divina missiva, de sobra informára sobre o motivo da viagem — por ser ter chegado primeiro.

Perante o Padre Eterno, humilimo se prostrou, esperando palavras do alto.

Disse Deus:

—«Não quero demorar-me nem demorar-te. Sabes ao que vieste.

«De que qualidade queres tu, que por mim seja ornado o jogo da bola, que praticais?»

O escossez era matematico distinto. O pai morrera-lhe nos braços, vitima de calculos no figado. A sua resposta vinha preparada.

—«Que o «foot-ball» escossez seja um espelho de precisão e certeza. Que nada seja feito ao acaso — respeitadas, integral e matematicamente todas as leis da Fisica. Que o joguemos como um mestre pratica o bilhar: comandando e dirigindo o jogo, como nos aprouver.

«Eis o nosso desejo.

«De resto, vós o sabeis: — a nossa terra é ingrata. Semeia-se um feijão e nasce uma pedra. E assim poderá ser o nosso «foot-ball», um rendimento mais, a cobrar dos estrangeiros que nos queiram admirar».

O Onipotente ouviu e acedeu.

«—Vai descançado. Será satisfeito o teu desejo.»

O escossês partiu: — contentissimo.

* * *

O segundo delegado era uma mulher. A França escolhera para embaixador: — uma embaixatriz.

Chegou, e não houve anjo que não interrogasse, coisa que não amirasse, ponto de vista que a não detivesse.

Perante o Juiz Supremo, ficou extasiada.

—«Oh! Quele toilette explendide!... Mais qu'il est vieux le bon'homme... Sûr que t'as connu Adam...»

O Divino Padre, embora divertido com aquele «babillage», interrompeu-a:

«—Mas o Pai Adão está cá no Paraiso. Vive aí em certo recanto, na melhor camaradagem com Eva, e outros animais do seu tempo. Trata-se por tu com o burro e com o camelo, do mesmo modo que os terrestres descendentes dele, tratam ainda por tu alguns descendentes dos burros e camelos dessa época.

«E' um excelente homem. Despido de vaidades e despido de preconceitos. Tão despido de tudo, que até anda nu».

Os austriacos: a improvisação. Os espanhois: a elegancia.

—«Je voudrais bien l'admirer...»

—«Impossivel» — respondeu o Onipotente.

Havia, porém, tão poucas francesas no Ceu — e eram tão insossas as que por lá estavam — que Deus se esqueceu a ouvir a gentilissima delegada, durante muitas horas.

E quando ela retirou, apressada, para provar um vestido da «Martin», o Padre Eterno verificou, com um sorriso bom, que ela se esquecera de lhe fazer o pedido — motivo de tão longa viagem.

* * *

Vieram depois os italianos e pediram para o seu «association», o fogo — a «furia italiana».

Chegaram os suecos, e quizeram, a «duresa».

O delegado alemão, que era estupido — duma estupidez em tamanho natural — pediu para os jogadores do seu paiz, a calma — a frieza no jogo: praticado com a mesma serenidade de quem toma um «bock».

Os tchecos quizeram: a mestria nas habilidades e «trucs».

Os hungaros pediram: «shootadores».

Durou dias o desfile...

* * *

Preparava-se Deus para descançar ao setimo dia, quando alguem bateu á porta.

O celeste porteiro encrespou as sobrancelhas, e interrogou de mau modo:

—«Quem é?»

—«Os delegados de Portugal!»

—«Parece-me que veem tarde. Em todo o caso, abrirei».

Pela porta entreaberta, a alta figura de Pedro del Negro passou.

E o porteiro ficou-se á espera da entrada do outro. Esperou sem resultado. Espreitou e não viu ninguem. Olhou interrogativamente o português, e este explicou:

—«Eu vinha acompanhado pelo meu compatriota dr. Marcelo Barbosa — um rapaz triste, com cara de contra-anuncio. Era até ele quem trazia o discurso escrito. Mas perdeu-o, aí pelas alturas de Sirius. De maneira que resolveu voltar para traz para que Raul Nunes lhe escrevesse outro.

«Eu tenho vindo devagarinho — devagarinho, como um homem que começa a perder as ilusões e os dentes.

«Não sei porque alturas virá ele ainda...»

O Padre eterno mandou introduzir o visitante.

—«Vieste tarde, português!»

—«Perdoai-mo, Senhor! Quatro dias durou a discussão para a escolha dos delegados ao Ceu, sem se chegar a um acordo. A viagem era tão tentadora...

«Quando á quarta sessão se resolveu que viessemos — eu e o Barbosa — era noite alta. As vassouras municipais levantavam a poeira que já estava deitada áquela hora.

«Para maior infelicidade, o meu companheiro teve que voltar a Lisboa, e apesar de eu vir devagar, não conseguiu apanhar-me.»

Deus tornou a repetir:

—«Vieste tarde, português! Já nada me resta para te dar. Os outros levaram tudo...

—«Que infelicidade a nossa!» — gemeu Del Negro.

—«Vieste tarde. Tudo levaram. Os escoceses: a precisão; os italianos: o jogo; os hungaros: os «shootadores»; os espanhois: a elegancia.

«Tudo levaram: a serenidade, os «trucs», a improvisação, o jogo de cabeça... Levaram tudo.

«Veiu até uma francesa, e que não levou nada. Esteve para aí a palrar, e quando retirou, verifiquei com desgosto, que tinha uma illusão a menos... e uma pulga a mais.»

—«Mas então, Senhor, vae ficar sem caracteristica o nosso jogo?

—«Mas que hei eu de dar aos vossos jogadores?»

Por uma fresta mal fechada surgiu a cabeça dum «internacional» português. Seguira o director da União, «para ver em que aquilo dava», e conseguira entrar no Paraizo, nem se sabe bem como...

O Eterno Padre, perante o silencio do delegado, repetiu a pregunta:

—«Mas que hei eu de dar aos vossos jogadores?»

O «internacional» apressou-se a responder:

—«Pesetas!»

Encolerisado, fez Deus um sinal a um arcanjo, e este, de espada flamejante, aplicou-lhe no intruso uma suspensão de três anos e expulsou-o do ceu.

Longo tempo conferenciaram ainda Deus e Del Negro, sem que o ambicionado dom restituisse a paz ao coração do português.

De subito, o Onipotente deu uma palmada na divina fronte.

—«Achei!»

Del Negro prostrou-se por terra:

—«Hossana! Hossana ao Senhor nas alturas!»

—«Achei finalmente! Dar-vos-hei a alma — a alma portuguesa...»

* * *

Foi assim que nasceu no «foot-ball» português, essa apregoada alma, de que o «Bemfica» foi durante tanto tempo o mais cioso detentor — essa apregoada alma, que deu aos campeões de Portugal, forças para bater o expoente maximo do «association» Tcheco...

... ...

... ...

Eu sei que o leitor está com uma pregunta á flôr dos labios. Pois bem, diga lá!

—«Que foi feito dessa alma, em Sevilha?»

Olhe meu amigo: — eu estou convencido de que o «foot-ball» português, foi em Sevilha, vitima duma amnesia, agravada com a intervenção de três medicos em conferencia.

Mas em todo o caso, na cidade das maravilhas, ainda houve alma...

Quem poderá dizer que a não tiveram os seis homens da defeza?

«Pois sim — retruca o leitor — e os cinco «deanteiros»?

—«Esses... esses... mas ainda essas a tiveram... á sua maneira... foram «almas... penadas...»

CARLOS SERGIO

FONSECAS, SANTOS & VIANA

BANQUEIROS

Estabelecidos em 1861

RUA DO COMERCIO, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

CRONICA DE MOVIMENTO

A GENTE DE LISBOA
não sabe andar!

A vitoria do encontrão, do murro e do atropelamento

E não!

Lisboa não sabe andar!

Afirma-se esta verdade, de credito tão inabalavel como o das cautelas do Pina, com argumentos de tal forma pesados, que não ha pés capazes de se erguerem do chão para os rebater.

Assim, tal qual: Lisboa não sabe andar!

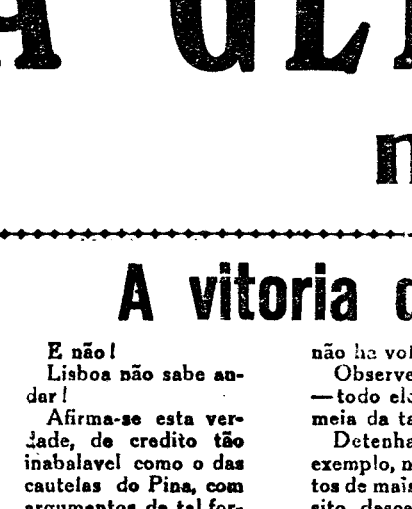
Como se move então o lisboeta? Muito simplesmente, porque adquiriu a convicção de que lhe é necessario pisar o solo e alongar as pernas, em marcha de cadencia, para viajar pedestremente por as suas ruas.

E é tudo quanto sabe — sem saber andar.

A Sabedoria das nações, falivel como uma moção de desconfiança da oposição, ensinou-lhe que «candeia que vai adiante alumia duas vezes»,—o remedio é deixá-lo.

Calce de sapataria de luxo, calce da calçada do Combro, calce do Marquês do Alegrete, calce, da feira da Ladra, calce inclusivamente descalço — que é uma maneira pratica de calçar lama, oficialmente autorizada pela Camara Municipal — o lisboeta nunca aprendeu a andar.

Só em pequenino, ao primeiro erguer gracioso das mãos, lh'o ensinaram. Mas logo que se viu solido nos pés, esqueceu-se — e se alguem lhe vai á mão põe imediatamente o pé atraz...



Não sabe andar, possuindo uma extructura inegavel de bipede. E se o azedam, num encontrão, reponta em estilo quadrupede — o unico para que o sr. Candido de Figueiredo não conseguiu ainda fixar formulas de ortografiia e de sintaxe, gramsticalmente perfeitas.

E' que não sabe — e não ha volta a dar-lhe.

Observem o Chiado — todo elo — ás seis e meia da tarde.

Detenham-se, por exemplo, num dos pontos de mais dificil transito, descendo pela esquerda — a esquina da rua Garrett para a rua Nova do Carmo.

O que constatam? Atropelos, sôcos, «acollades» forçadas, injurias, doestos, reprecações, insultos e obscenidades, até

E porquê?

Porque Lisboa não sabe andar á hora do recolher das costureiritas, desiludidas de pão e de amor, arrostando, para tentarem enganar-se na verdade da mentira, que o seu *bégum* é o melhor de todos os rapazes — emquanto não aparece outro peor — atravessar o Chiado é muito mais perigoso do que comprar uma caixa de fosforos de vinte centavos; das amarelas e encarnadas.

São constantes as explosões:

— Seu urso!

— Sua cavalgadura!

— Não cabe com o corpo?

— Ora o *pilha!*

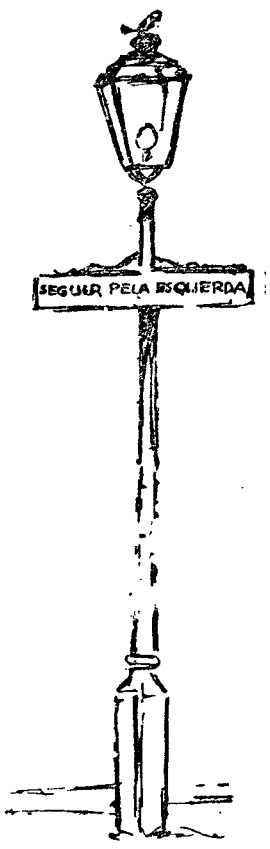
— Veja lá se quer deitar-se em cima de mim!

— Não ha maneira de transitar nesta terra com semelhantes brutos!

E não! Lisboa não sabe andar. E vão dizer-lhe isto! Atribue a culpa aos outros — aos que tambem não sabem... como os proprios que se irritam.

* * *

No emtanto, nas grandes arteries, existem uns candieiros — ora de gaz, ora de electricidade, ora de coisa nenhuma, para não melindrarem ninguem — que ostentam um distico simples, facil resolução do problema do transito se os que



sabem ler não sentissem uma grande honra em fingir de analfabetos.

Pede assim o letreiro, com a delicadeza compativel com as suas exiguas dimensões:

—«Seguir pela esquerda».

Bem pouco conhecia a psicologia do lisboeta quem germinou e poz em pratica tal ideia.

Teria sido muito mais proveitoso, para as exigencias do transito, afixar este outro:

—«Não seguir pela esquerda».

E a apostar que toda a gente e até o civico de giro, de quando em quando, para mostrar que a sua autoridade não era uma palavra vã, faria meia duzia de passos no passeio defeso...

Lisboa é o espirito de teimosia, o espirito de contradição — um espirito mais rebelde a posturas municipais do que a imposturas sociais...

Excelente coração! Mas a respeito de obediencia, eu, como teimoso tambem, continuo a garantir:

—Lisboa não sabe andar!

Ainda ha dias, ao arribar da noite, em plena rua Ivens, quasi no torcer para o Chiado, tive o prazer de apreciar dois sujeitos que seguiam em sentidos opostos — e foram vitimas dum abalroamento.

Frente a frente, durante um longo minuto, nenhum deles tomou a deliberação de se desviar do outro. Ficaram ambos parados, como estatuas esculpidas sem pretensões a dinamismo.

Quasi minuto e meio tinha passado já. Era demais para a minha torturada paciencia!

Os nervos não me permitiram assistir ao final do espectaculo. Não fui espectador do remate. Mas calculo que os dois acabaram por resolver a sua teimosa situação entrando pelo peito e saindo pelas costas um do outro!

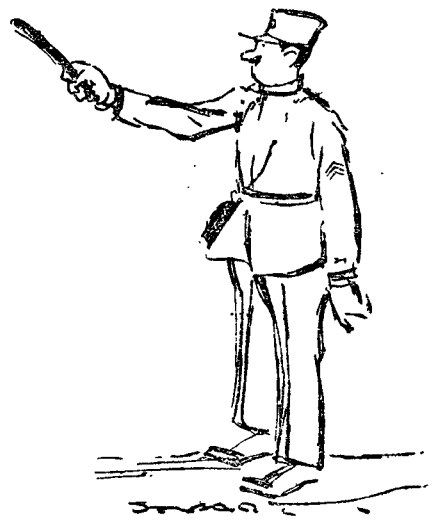
Onde ha portugueses não medram dificuldades.

* * *

Lisboa anda aos encontrões. E' o encontrão no parceiro do concurso, é o atropelo da lei-travão, é o sôco na boca do estomago do escritor falho de talento ao camarada que o suplanta, é o pontapé amavel do cavalheiro que nos chama ilustre na presença — e que na ausencia nos atribue, *com ilustração* da sua lavra, todos os defeitos que possue.

E ainda se todos estes embates calculados servissem para ensinar Lisboa a saber andar? Mas não, infelizmente! Lisboa não sabe andar! Nem na rua, nem na politica, nem na civilisação, nem nos costumes.

Habituam-se a «boxar» com o proximo que lhe fica mais perto — sem se esquecer de não poupar o que lhe fica longe.

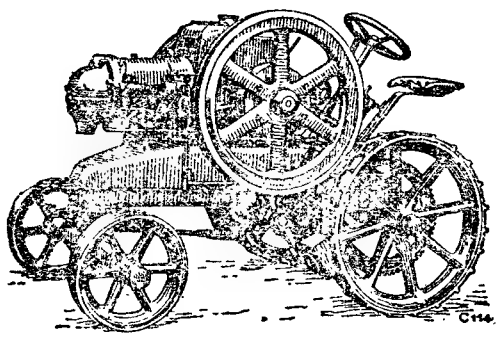


Mas seria injusto não dizer, a fechar a cronica, que Lisboa não sabendo andar, sabe «andar»... «Anda», para o merceeiro, para o homem do leite, para o senhorio, para o padeiro, para o leiteiro — para todos os que lhe não permitem o socego das algibeiras.

E' por estas e todas as outras razões que eu não tenho receio de dizer bem alto:

—Lisboa não sabe andar!

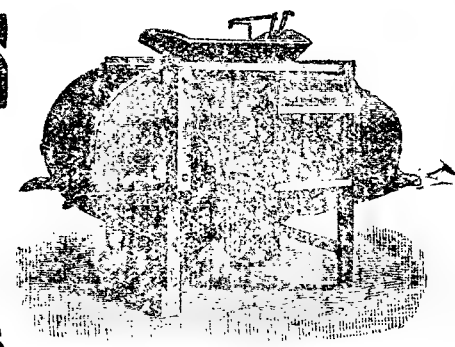
Sarmento Duque



Motor BULLDOG

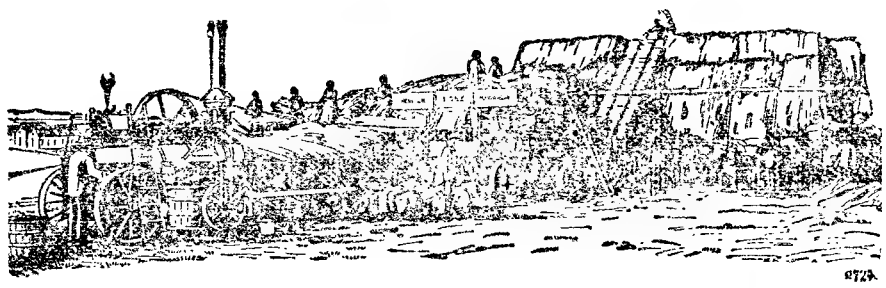
Locomoveis — Moinhos — Semifixas
Debulhadoras — Caminheiras

Tractores FELD a oleos



Tarara LANZ

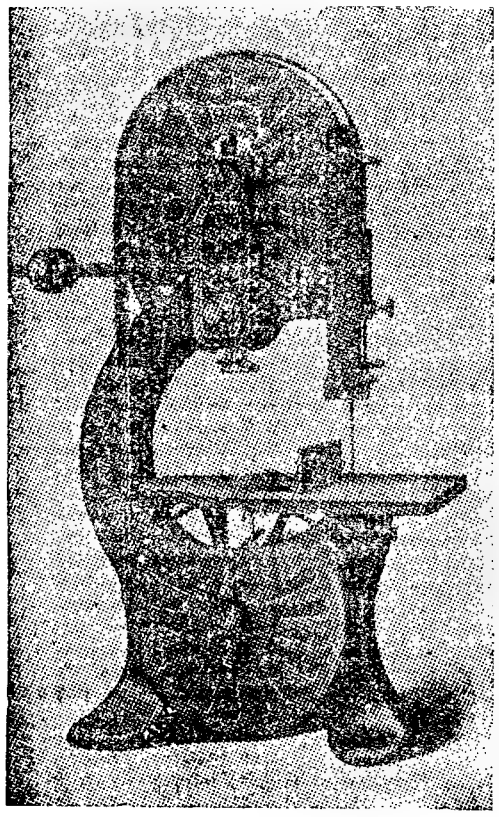
Jogos de debulha para a Pequena e Media Propriedade
Moinhos com e em peneiro
Tractor Landbau
Tractor Feld (38 HP) a gazolina



Jogos de debulha de 1,m07, 1,m23, 1,m40

Tractor Feld a Oleos pesados
Motor a oleos pesados BULLDOG
Descarregadores - Manejos
- Tararas, etc.
Maquinas frigorificas

KIRCHNER

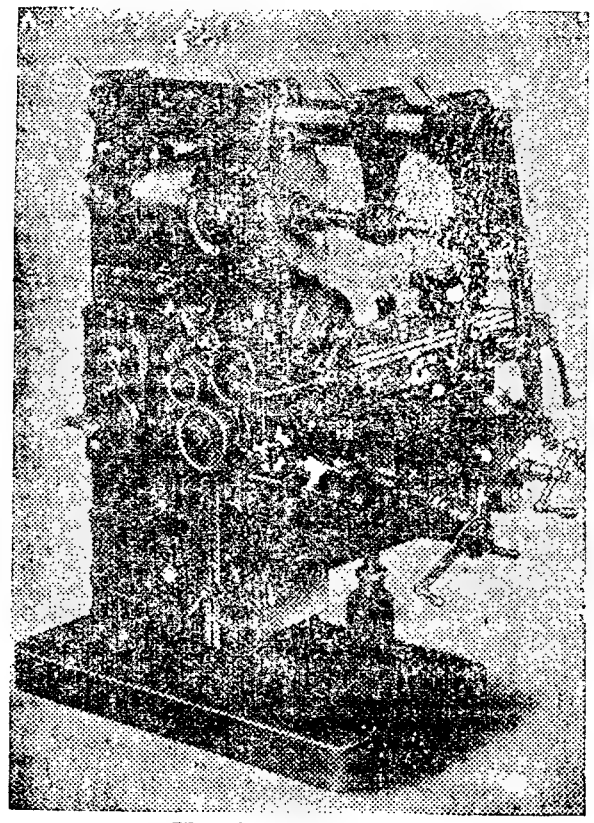


Maquinas de trabalhar madeira

Representantes das fabricas:

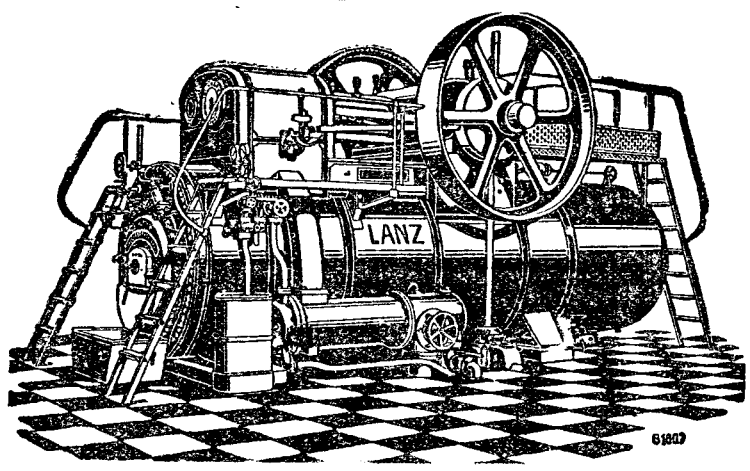
HEINRICH LANZ-MANNHEIM, SCHUCHARDT UND SCHÜTTE—Maquinas, ferramentas e acessorios
FRANCO TOSI—Motores Diesel, maquinas a vapor, turbinas hidraulicas, caldeiras, etc.
KIRCHNER—Maquinas de trabalhar madeira
OTTO-DEUTZ—Motores de combustão interna e de explosão
BERGMANN—Maquinas electricas
WEISE SOHNE—Bombas centrifugas
WERNER UND PFFEIDERER—Instalações de massas alimenticias e panificações mecanicas
POLDIHUTTE—Aços de construção e para ferramentas
BAMAG—Instalações de quimica industrial
EISENWERKE WESERHUTTE—Instalações de ceramica
MINDENIA—Moinhos de pedra e instalações de moagem
LEOPOLD TONNAR—Maquinas de fazer prego e trabalhar arame
SPRECHER UND SCHUH—Aparelhagem electrica
ARON—Contadores electricos
WINKLER FALLERT ET C.IE—Maquinas rotativas e de impressão

SCHUCHARDT UND SCHÜTTE



Maquinas ferramentas

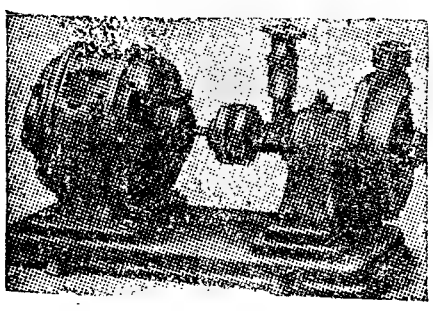
Sociedade Portuguesa LANZ SOPOLA



SIMI-FIXA

Empresa Tecnica Industrial Limitada

FRANCO TOSI



Motores Diesel

A maquina rotativa e as instalações de stereotipia que o «Diario de Lisboa» adquiriu, foram fornecidas e montadas pela nossa casa
Instalações de fabricas para todas as industrias

Sociedade Portuguesa LANZ
SOPOLA
EMPRESA TECNICA INDUSTRIAL, LIMITADA

SEDE EM LISBOA
RUA da BOA VISTA, 43
Telefone C. 3971

FILIAL NO PORTO
RUA DAS CARMELITAS, 40

WEISE SHONE

Bombas centrifugas

O AMOR

A figura lendaria

de D. João

está considerada falida?

Este tipo celebre das historias de amor tem estado em crise, como se a sociedade em que vivemos não podesse comportar a sua actividade tão dramatica como pecaminosa.

Um medico hespanhol, o dr. Gregorio Marañón, num longo estudo publicado na *Revista de Occidente*, declarou falido o lendario D. João, visto que, *biologicamente*, lhe faltam condições para se manter no seu papel de sedutor.

A sciencia comete, de vez em quando, certas imprudencias, como esta de querer matar um homem que os seus manuais não conhecem.

E' possivel que a biologia negue ao heroi de Tirso de Molina todas as qualidades burguesas que constituem o homem que o Darwinismo trabalhosamente foi extraindo de tropegos antropoides que ainda hoje ruminam no sertão a arte de serem felizes, no tronco duma arvore.

Ele, porém, pouco se incomodará com isso, visto que não pensa em acabar os seus dias nos prazeres mornos do elogio mutuo, como é destino dos sabios que, de teoria em teoria, vêm a finar-se na ignorancia total do que seja o coração e os seus poemas.

D. João tem, a seu favor, o prestigio galante da sua lenda, terrivel e encantadora, não pensando na vida nem na morte, senão nas horas em que as pessoas que lhe querem mal espalham pelas vielas tortuosas os sicarios que aguardam na sombra a gloria suprema de o apunhalarem.

Eis como ele raciocina:

«—Eu amo as mulheres, para que elas saibam que, entre os homens, ha alguem que as aprecia, como a flôr mais preciosa que na terra se criou.

O seu corpo é para mim uma presa formosa e sem par—um trofeu de praça de guerra.

Da sua alma não falo, porque essa pertence ao lar em que nasceram, ás virtudes que as fizeram receosas e recatadas.

Que me importa a mim que os outros digam que eu ignoro a dôce paz das familias, onde os olhos das minhas vitimas pagam com lagrimas o sobressalto frenetico, o desvario momentaneo de se perderem nos meus braços?

O bem que eu faço ao mundo, fazendo do amor a maior das tentações, a trepidação mais amorosa da carne, devia grangear-me o respeito do meus inimigos.

Reconheço, desvanecido, que só muito tarde terei na minha campa o epitafio que mereço.»

Como se vê, acredita no futuro e na grandesa da sua obra.

Os poetas, desde que se convenceram que lhes competia tornar os seus alexandrinos rispidos como a face dum juiz, lembraram-se tambem de enterrar D. João: uns entregaram-no ao Diabo, para que este levasse aos Infernos um monstro tão crivado de pecados como de cicatrizes; outros conduziram-no ao arrependimento, obrigando-o a voltar-se para Deus, quando, ao passar nas ruas das cidades, as netas das suas amantes lhe enviaram dos rendados e altos varandins a mimosa maldição dos seus crimes.

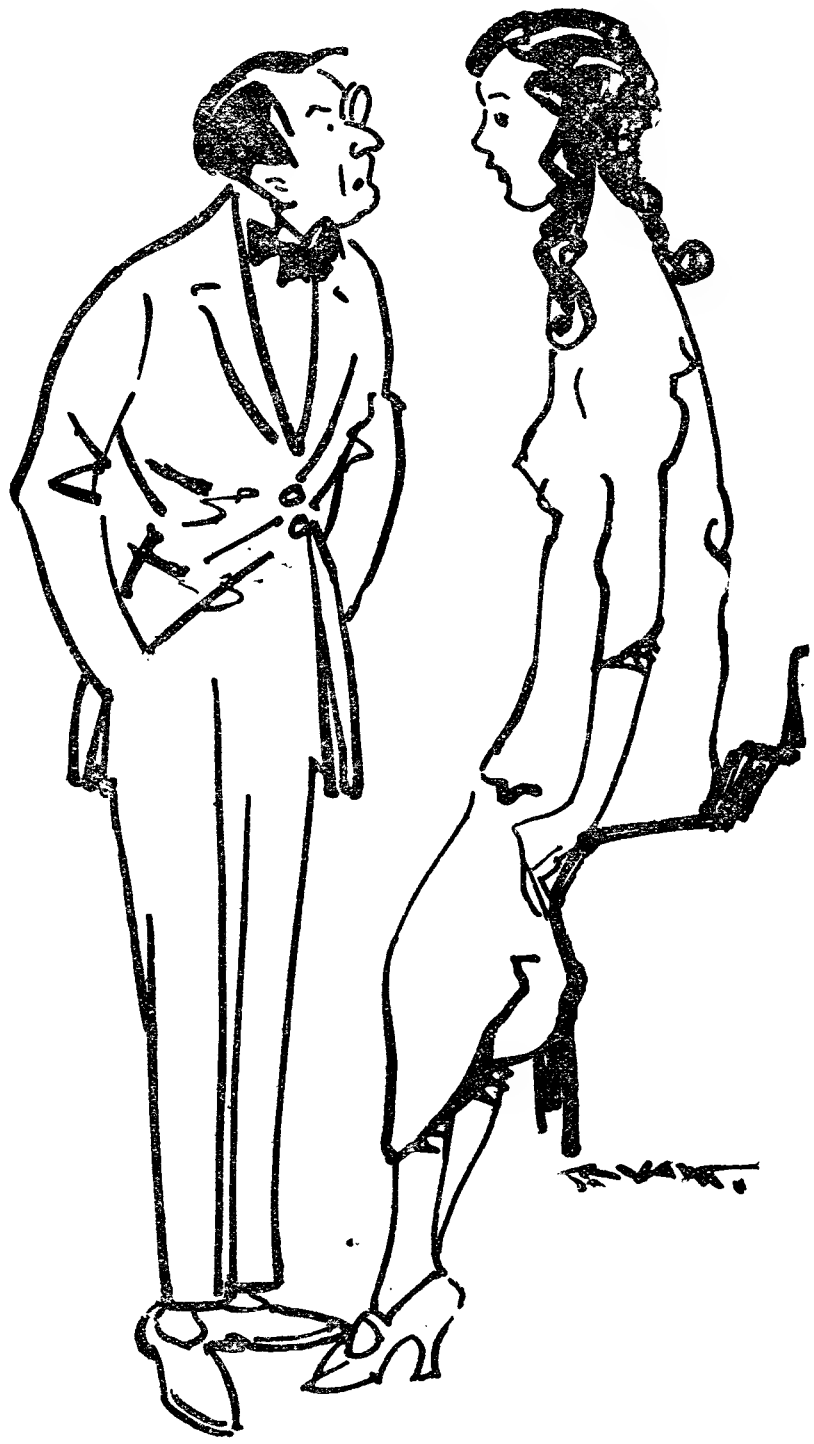
* * *

Guerra Junqueiro acreditava que a justiça está feita com a medicina, visto que para ele a teologia já não tinha o poder bastante para castigar um malvado.

Como liquida ele as aventuras do seu heroi?

Submete-o ao jugo duma enfermidade repelente, arrastando-o pelas vielas e pelas alfurjas em que o seu ser se decompõe em puz e a sua alma em scepticismo.

Ousaria o autor de *A Morte de D. João* perpetrar uma violencia tão retorica e



inofensiva, se, no seu tempo, a avariose fosse atacada por reagentes tão poderosos como os que hoje se empregam nas clinicas?

Deixamos esta pregunta ás reflexões dos poetas que, no desejo de encontrar belas rimas, não cuidam de acompanhar as descobertas dos laboratorios.

O D. João que Junqueiro quiz desacreditar na degradação das suas pustulas, pondo-o a cantar, cinicamente, a sua miseria para os astros, escapou a tão amargo destino, graças ao 914.

Tem-se tratado e a sua saude é como a de tantos cidadãos um passatempo elegante—um pretexto capcioso para contar anecdotas ás senhoras excessivamente curiosas.

Preferimos o processo adotado por João de Barros que, reconhecendo inuteis as expiações exemplares, regenerou o Burlador de Sevilha pela acção e pelo trabalho.

Não faltará quem apresente ao simpatico autor do *Anteu* esta duvida:

—«Poderá um velhaco, cheio de manhas e vicios, sentir qualquer disposição para ganhar o pão honradamente?»—

Nós, quando lemos o seu inspirado poema, tambem assim pensamos, mas, com a queda continua do cambio, compreendemos que D. João não tinha outro caminho.

O amor exige dinheiro, pois as mulheres que se perdem sabem, e muito bem, somar e subtrair.

Nas confidencias fatais dos seus apaixonados, elas gostam de ouvir algumas notas sentimentais sobre as cotações da bolsa.

E' esta percepção das realidades que lhes permite a rara audacia de comprar um colar de perolas, a troco dum colar de beijos.

D. João, que está dentro dos costumes da nossa epoca, não teve mais remedio que organisar uma companhia de seguros, interessando nas suas prosperidades os proprios individuos que se haviam conjurado contra as suas infamias.

Venceu todas as antipatias de que era alvo. O seu nome foi louvado na praça. A sua assinatura, nos bancos, passou a valer oiro.

* * *

Dele disse um prestimoso passador de moeda falsa:

—«Que homem tão afortunado! Corrompeu a honra das familias e todos lhe tiram o chapeu, ao passo que eu, só porque ilegalmente alarguei a circulação fiduciaria, para comprar umas botas, passei seis meses no Limoeiro».—

D. João, que lê todos os livros que exploram a sua cronica, ao ter conhecimento das paginas de Gregorio Marañón, riu-se e rosnou entre dentes:

—«Este doutor julga que eu dependo do séu consultorio...»—

Realmente D. João não é uma personagem passageira, das que episodicamente entram no drama ou na comedia humana.

Que fibras e que nervos!

No tempo da poliandria, as garças voavam para ele, agora é ele que vôa para as garças.

Sempre moço, gentil e destemido.

Não podemos deixar de o considerar um refinadissimo canalha, mesmo quando, nas perversas noites de luar, afirma a D. Inez a plenitude da sua paixão.

Isto, porêm, não impede que seja imortal.

Quando Paris raptou Elena, esposa de Menelau, já D. João tinha seculos e seculos de existencia. Ele simbolisa a revolta dum sentimento que os homens ainda não conseguiram domesticar e educar.

Os seus amores teimam em não ter casa, no momento em que a gente honesta mostra despreso pela vadiagem.

A força vem-lhe da sencerimonia com que joga, num gesto de completa renuncia, o bem contra o mal, o pudor contra o escandalo, negando até Deus, para afirmar a sua sobranceria.

* * *

Contra o que sustenta Marañón, D. João é a maior ilusão dos sentidos—aquela que mais tem resistido aos progressos do espirito cristão. Antes de aparecer em frente das mulheres, a sua influencia misteriosa queima-lhes o sangue.

Nos seus primeiros galanteios, reconhecem elas o hospede dos seus sonhos.

Se fosse possivel isolar a natureza do romance da sedução, de sorte que o sedutor não dispertasse o genio da especie—a Vontade cega que leva o homem a multiplicar-se para alargar e profundar o sofrimento, como ensina Schopenhauer—D. João poderia expirar, como expiraram os antigos cavaleiros andantes.

Acabaria ridiculo e sem aureola.

Infelizmente fez parte das mentiras vitais. Ele manifesta-se e a razão e a critica nada podem contra o seu prestigio. A sua lenda isola-o contra a prudencia dos velhos e o saber dos mestres.

A sua guitarra é fatalista, porque ela acorda um instinto poderoso—sombrio e luminoso, meigo e irritado—que caminha como as torrentes, sem olhar a obstaculos. Aos primeiros clarões da manhã D. João abala, sem a mais leve preocupação acêrca das maguas e torturas que vai semeando.

O pecado é o seu orgulho, a sua carta de nobreza.

Um unico receio o atormenta—encontrar a mulher que se ria da sua lenda. Quando nota que o despresam torna-se o mais vil dos mortais, visto que a vergonha não lhe chega á alma e a dôr só lhe desenha os traços caricaturais.

Joaquim Manso

ARMAZENS

Grandella

Saldos

de fim de estação

Artigos vendidos MAIS BARATOS para dar lugar aos novos sortimentos para verão cuja Exposição se inaugura a 14 de abril

UM SALDO DE SEDAS: Liberty, Pongés, Ottomanes, etc. Valor 33$00. Metro **15$00**

RISCAS E XADREZES: fundo branco em lã, para vestidos. Largura 1,10. Valor real 40$00. Metro **18$00**

SARJAS DE LA Bela qualidade, mais de 30 côres. Valor real 32$00 Metro **24$00**

CRÉPE MAROCAIN LÃ E SEDA, liso e fantasia para vestidos Bonitas côres. Valor real 32$00 Metro **20$00**

AMENDOAS

POPULAR, kilo **6$40**

FAMILIAR kilo **7$00**

SORTIDA (só assuear) torrada kilo **12$00**

FINA BRANCA LISA, torrada kilo **13$00**

SORTIDA CORES, torrada kilo **13$00**

Os restos das cinco edições da

AGENDA

GRANDELLA

PARA 1924

Grosso volume com cerca de 600 paginas, que se vendia a 5$00

LIQUIDAM-SE AGORA A

3$00

CADA

ou seja o equivalente a 150 réis dos tempos idos

ARMAZENS GRANDELLA

R. do Ouro, 211 LISBOA

IMPRESSÕES LEVES

Carta

da primavera

por CLARINHA

Sim querida Luciana, mais um ano sobre o «Diario de Lisboa». Lembro me que a primeira vez que ele circulou no Chiado, provocando um sucesso de curiosidade, ouvi mil dizeres desencontrados, cheios de malignidade alguns outros de admiração — Jornal para um mês! — Credo! nem oito dias! — E que feitio! — Quere ser original. Mas o Manso é tão inteligente... — Sim, mas muita instabilidade...

E o «Diario de Lisboa» triunfou.

E' feito por gente moça, cheia de talento, de vida, de originalidade. A politica ali não é o fito principal, o «leit-motif» como nos outros jornais. Apenas o pretexto para sobre ela se construirem cronicas leves, espirituosas, feitas por quem se de sinteressa dos homens, e só vê os fatos — Por vezes com o olhar demasiado ironico...

E' certo, Luciana, que o inverno este ano correu mais frio, nas nossas montanhas. Da doçura melancolica do outono, dos passeios sob as tilias já doiradas, fugimos, sem transição, para junto dos fogões, atulhados de lenha.

As arvores despiram-se, subitamente, num turbilhão louco de folhas esparsas, de ramos quebrados. Os crisantemos curvaram sobre a relva as cabeças despenteadas e melancolicas que pareciam molhadas nas tintas sóbrias de «Puvis de Chavannes».

O vento sul desfolhou as ultimas ramadas, e lá abaixo, o Duoro, tomou a côr amarelenta das aguas de Castela.

Os campos reverdeceram. A seguir chegou o Natal, e a mesa cobriu-se de dôces regionais e ingenuos — rabanadas — formigas — arroz-dôce — bolinhos de girimu — acompanhados de inegualaveis vinhos de Portugal.

E pelos Reis, querida amiga, os mesmos anheles de creanças, mais rôtos, talvez, esfarrapados e friorentos, cantaram á nossa porta, com a mais tocante desafinação, as quadras ao — Deus-Menino.

Logo depois as nuvens desfizeram-se em flocos alvos. Durante doze horas caiu, silenciosa e fria a nevada de Janeiro.

Já as arvores se curvavam ao seu peso estranho quando subitamente tudo se transformou.

A neve, derretida, correu ao longo das serras, saltou os socalcos, encheu os ribeiros, enlameou os caminhos. De novo o sol resplandeceu. As amendoeiras, timidamente, tentaram deixar barbulhar a seria transbordante. Um melro cantou. As primaveras côr de ouro abriram as petalas, aos milhares, junto aos myosotis côr de torqueza. E a gente seismava se era um reflexo de sol e do ceu que se repetia nos valados...

A seguir a viagem. O mesmo comboio heistante e «mal soigné» a mesma triste «gare» do Rocio, onde cheira a carvão a humidade — os mesmos carros correndo através o asfalto atulhados de malas desconexas — caixas de pau, arcaicas, baús de folha, amolgados, e elegantes «valises» em couro fino, revestidas de capas claras, onde se abre uma corôa sobre as iniciais bem desenhadas.

Subi o Chiado que me pareceu ter abandonado na vespera, á saída dos teatros. Descem grupos compactos. Ha nos passeios os mesmos precipicios onde as senhoras tropeçam sobre os tacões agudos

E toda essa multidão pássa, devagarinho, na paz infinita que nos traz o tragico e delicioso fatalismo, tão nosso.

S. Carlos, minha amiga, abriu este ano a sua sala magnifica a um publico desconfiado e quasi hostil. A epoca foi banal. Acabou aquela encantadora fantasia da opera russa, em que um czar se lastimava na sua lingua natal, ao impostor monge que lhe respondia em francês de formas acentuadamente femininas, estudava geografia, numa esfera da livraria Portugalia, cantando em italiano! Devo dizer que a velha ama lhe respondia em alemão — Mas os principes devem ter uma educação completa.

Esta epoca só o «Cavalleiro da Rosa» foi discutido, e deixou em todos uma impressão de «aburrissement» indefenivel. Os «snobs» musicais deliciaram-se ante as desharmonias das orquestrações, emquanto os simples ouvintes escutavam, encantados, as valsas que cortavam a monotonia dos recitativos.

O teatro francês alojou-se na Trindade. A Trindade alongou-se, alteou-se, e encheu-se duma luz tão aflictiva, tão crua, que temos a impressão de estarmos sob a indiscreta influencia dos raios X, e sem querre, apertamos contra nós as capas de «fourrure», temendo que nos vejam bater o coração...

«Robinine»? Mas querida amiga, «Robinine» é a mesma conscenciosa actriz que tanta vez ouvimos em papeis secundarios.

Demasiado grande, demasiado bonita, demasiado loira, o que fez dela um conjunto de perfeições tal que nunca conseguiu subir mais um degrau do logar que logo conquistou, ao sair do conservatorio. Sorel, indicada pela sorte, á mesma desdita lançou-se energicamente no caminho da elegancia fulminante. Ninguem tem «toilettes» mais ousadas, mais ineditas.

Para ela se fabricam sêdas novas, e tecidos maravilhosos Ha perfumes e «bombons» com o seu nome, e até uma sapataria!

E agora, no declinar duma carreira sem gloria, ainda os jornais repetem as suas conversas com «d'Annunzio» o seu dialogo com o Rei de Espanha, as suas impressões sobre os paizes que atravessou rodeada de malas... e de admiradores.

«Robinine» participa da gloria de «Alexander». Assim tambem a lua é contemplada pelas meninas romanticas que não supõem donde provem o seu brilho...

E preguntame se já chegou a primavera? Chove, faz fric. Mas já sob as olaias se estende o tapete aveludado das suas flôres .Já as tilias, ternamente reverdecidas, acolhem á noitinha os pardais, ébrios de alegria

Nas «vitrines» do Chiado já os chapeus, timidamente se enfeitam duma flôr discreta. As elegantes passam — tornozelos apertados em clara sêda transparente, pés finamente calçados — onde vae a moda das botas praticas? —

Golas erguidas. chapeu caído sobre os olhos e ainda envoltos em véus discretos, passam eternamente moços, eternamente elegantes. Esboça em torno delas um perfume vago de jasmin e rosa. O eterno misterio femenino caminha a seu lado.

Delas vem todo o mal, todo o bem, toda a força da Vida.

Parecem timidos, discretos. alheios a tudo. E no emtanto ha hoje um divorcio, ámanhã um roubo, depois de ámanhã uma lei — que mansamente, sem plano, sem maldade, elas forjaram, na sua cabeça pequenina, de cabelos anelados.

Nariz ao vento, faces levemente rosadas, boca côr de cereja, a mulher passa, e com ela, no seu encalço, seguem as mais firmes vontades masculinas...

CLARINHA

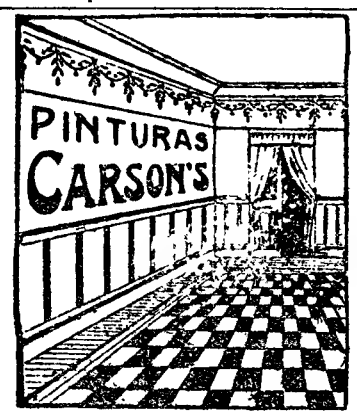
Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & Ç.ª
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

Lar francez

Creando e tendo hoteis e cafés. Restaurant em Marrocos e Africa Ocidental deseja conhecer pessoa dispondo de capital para a formação dum hotel.

Restaurant Francez em Lisboa. H. B. Agencia Rua da Lapa 89 r/c. á Estrela.



"MURALINE"

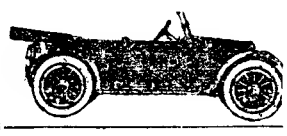
TINTA INGLESA A AGUA

ESMALTES INGLESES
«LA BELLE»

TINTA ANTI-CORROSIVA
para obras de ferro

Á VENDA NOS DEPOSITARIOS
MARIO COSTA & C.ª, L.DA
LISBOA—R. das Pedras Negras, 24-1.º
PORTO—R. do Almada, 30-1.º
e nas principais drogarias
TEL. C-5392

Telefone Norte 4120
Garage Internacional
Rua Almirante Barroso, A. C.



Peçam para este numero um automovel ou moto com *sid-car*.

Serviços

Á hora, por kilometro, de teatro, *soirée* ou atusados.

Informa-se pelo telefone os preços das nossas tabelas.

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e sêco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A **comichão desapareceu como por encanto.** Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, sêcó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardonciu na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, Rua Passos Manuel, 65.

LUZ DE VITRAL

Augusto Rosa

evocado

por Joaquim Leitão

atravez a saudade consciente

da senhora D. Leonor de Castro Rosa

Ha bons nove anos, em 1915, por Julho, escrevemos num quotidiano portuense este comovido alvitre:

O grande actor Augusto Rosa grande em qualquer palco do mundo — póde dizê-lo quem o ouviu contra-scenar em francês o ultimo acto da «Estrangeira» com Jeanne Hading, no «D. Amelia» aí por 1899, acaba de legar ao «Muzeu Nacinoal» a sua preciosa colecção artistica, mobiliario, faianças, telas, todo o recheio da sua casa. Esses tesouros são «dados desde já, embora continuem na posse de um e outro durante a sua vida. Augusto Rosa e sua esposa consideram-se simples depositarios desses objectos, como se de facto, a sua casa não fôsse senão uma secção do Muzeu Nacional».

Nestas ultimas palavras está involuntariamente sugerido o que nós entendemos lembrar e que é o seguinte: em vez de se dispersar essas preciosidades, pelas salas do Museu das Janelas Verdes, ficando um quadro aqui, além uma faiança, gostariamos e achariamos mais proprio que se deixasse ficar tudo onde está, que se alugasse — emquanto o Estado o não póde adquirir — o predio onde reside Augusto Rosa e que entregue á fiscalisação e direcção do «Museu Nacional» se chamasse a essa «secção» do Museu de «Arte Antiga» — a «Caa Augusto Rosa».

... ...

Não conhecemos a casa do ilustre artista. Ignoramos, pois, se a par das suas valiosas colecções ele terá conservado e terá patente as recordações da sua vida gloriosa. Quando na sua residencia e em sua vida lá não estejam, nós não teriamos mais que pendurar d'alguma parede desocupada os cartazes das suas creações, os «affiches» das suas recitas artisticas, a iconografia da sua vida de palco, retratos, caricaturas, programas, etc.

... ...

Ali dariam conferencias os criticos e os professores da arte de representar, os actores, os dramaturgos.

A «Casa Augusto Rosa» seria visitada como o é a «Maison Balsac» no velho pavilhão de Passy, e a «maison Vitor Hugo» na «Place des Vosges».

A «Casa Balsac» tem um interesse muito restricto, não está alfaiada, não tem uma cadeira, nem uma mesa. Mas as caricaturas, as «maquettes», a estatua em marmore do romancista no seu roupão de monge, as ilustrações das suas obras pelas paredes, as suas frases em quadros parietais, a Biblioteca Balsac formam uma vestimenta suficiente e azada á evocação dos admiradores enternecidos.

... ...

A «Casa Vitor Hugo», tem pela escadaria os cartazes estridentes dos seus romances e das suas peças, e por mobiliario apenas a cama em que morreu e a escrivaninha tosca onde aquele homem pequenino escreveu de pé as suas paginas de grande genio.

E' tempo de em Portugal se imitar da França o que de belo e de elevado ela póde inspirar-nos.

... ...

A «Casa Augusto Rosa» desfeita, levada ás costas de galegos para as Janelas Verdes, seria um legado de que os herdeiros se apressam a tomar posse e a mandar buscar para encher um canto desguarnecido.

... ...

Os moços de fretes, ou as carroçadas das mudanças levarão facilmente o mobiliario, a faiança e as telas da rua do Arco do Limoeiro, mas não poderão transportar o ambiente espiritual de que a alma do artista tem impregnado as suas paredes. Numa casa fica-nos sempre um pouco da nossa alma. Deixem ficar o lin do legado no seu scenario, e deixemos de nós a prova de que soubemos ser iguais em sentimento de arte e em gratidão ao grande homem que nos legou a «Casa Augusto Rosa».

Quando os portugueses não vão antes, irão a «casa de Augusto Rosa» depois que ela fôr uma secção do Museu, conservada e visitada religiosamente.

Pois nós não esperamos por essa hora para lá ir.

A'manhã, o nosso primeiro serviço será ir á rua do Arco do Limoeiro deixar dois cartões, ás duas almas de artistas que lá demoram: o senhor e a senhora Augusto Rosa.

E' um dever de português, agradecer o que ambos acabam de fazer por Portugal.

... ...

Assim fizemos. Seis dias depois, recebiamos a seguinte carta, escrita no papel pessoal do grande artista, chancelado com as suas iniciais, e pela divisa *Labor omnia vincit:*

«19-VII-915 — Sintra — Hotel Neto

... Senhor:

«Comoviduamente venho agradecer a V. o artigo publicado no jornal «Liberdade» do Porto, e a sua romagem a minha casa.

«Meu velho pai educou-nos a amar a Arte; é por isso que não quero que algumas coisas que possuo, passem mais tarde para mãos profanas que as não saibam compreender, respeitar e amar.

«São poucas as coisas boas que me cercam e com as quais minha mulher e eu vivemos; mas algumas devem interessar o paiz de céu de safira e sol de ouro, que as têm guardado.

«No meu regresso a Lisboa terei o maior prazer em receber V. em minha casa, para ver o pouco que me rodeia mas que muito nos conforta,

«Gratamente me assigno

De V. muito sincero admirador

Augusto Rosa».

Agradeci o convite e os seus penhorantes termos, repetindo pessoalmente todas as minhas palavras a Augusto Rosa, logo que nos encontrámos, na volta da missa por alma de Ramalho.

— «Tenho ainda a casa *encombrée* com as malas da vilegiatura. Logo que me sinta definitivamente de regresso, telefonar-lhe-hei para combinarmos o dia da sua visita» — disse-me Augusto Rosa.

A dispersão da vida, o meu feitio de bicho de buraco, a doença dele depois, por fim a morte deixaram sem cumprimento o convite dele e a minha promessa.

E só na quinta-feira ultima entrei naquela casa tão ilustre. Já não é na Rua Arco do Limoeiro porque o Municipio de Lisboa entendeu, e muito bem, que ela devia chamar-se Rua Augusto Rosa. A casa faz frente para uma ilharga da Catedral. Portas castanhas, de taboas inteiras e corridas, reforçada por prégos de cabeça. Tem exteriormente o aspecto melancolico de vivenda esquecida. Pois se ha recanto querido e visitado em Lisboa é o Salão da Senhora Dona Leonor Rosa. A sua distinção, o seu *charme*, a sua inteligencia tão senhoril e tão bem servida pela mais encantadora e melhor empregada das memorias explicam que á casa Augusto Rosa não só ficassem fieis as mais ilustres das suas visitas, mas que, a essas, outras amizades se lhe juntassem perfeitamente encantadas.

Nessa tarde encontrei já no Salão da Senhora Dona Leonor, a sr.ª D. Helena Bordalo Pinheiro, que tão pungidamente nos falou do Pai Rafael e de Manuel Gustavo, a sr.ª D. Beatriz Nogueira de Sales, culta e senhora, sr.ª D. Eponina Mackee conhecendo o mundo todo e distinguindo-se de todo o mundo, D. Amelia Rey Colaço com a sua pequerrucha, a Marianinha — as mais perfeitas sobrancelhas que o lapis de Sequeira ou de Columbano desenhariam, uma boquinha para pronunciar perdões, e uns olhos que pousaram para as telas das filhas de Carlos I.

E esperta! Já com curiosidades de arte! Como ela distinguiu os «meninos» de Teixeira Lopes, adormecidos numa mesa, como ela adorou uma pendula antiga, e os espelhos das velhas credencias doiradas, e as bonequinhas de Saxe! com que interesse espreitou por uma portinha de vidros meudinhos, baixa como porta de alcaçova, a ante-camara Imperio! como notou as telas, e os marmores, e como gostou de passear ao meu colo a sumptuosidade artistica daqueles salões!

Ao meu colo, sim. Porque o seu vestidinho de malha, tinto no ceu de Portugal, ainda não tem cauda. Isso não impediu que fossem os seus quinze meses que agrupassem as atenções e dirigissem a conversa do salão, naquele principio de tarde.

Assim que a Marianinha se retirou, é que se viu como o *charme* da sr.ª D. Leonor Rosa prende almas e cerebros. Tinhamos ficado todos a morrer pela Marianinha; dali a dez minutos morriamos por aquela Senhora de cabellos brancos, que com tal majestade nos deixa entrever a sua saudade, como nenhuma, consciente e elegante.

Fortuitamente, falou-se de teatro, e sem se negar justiça aos vivos evocou-se o valor inesquecivel dos Mortos. Dentre eles, ergueu-se logo Augusto Rosa, as suas maneiras bem-nascidas, a sua distinção natural, a sobriedade dos seus processos e a Senhora Dona Leonor contou:

— Estavamos hospedes de Lopes Vieira em S. Pedro de Muel. O actór Alvaro, actor de verdadeiro talento, foi visitar o Augusto. O Afonso pediu ao Augusto se lhe dizia o acto da *Castro*, que ele estudára para o sarau de Alcobaça. «Com muito gosto» — disse o Augusto. Sentou-se a uma mesa, abriu a peça, e começou a dizer. O actor Alvaro, num consciente entusiasmo, parecia um espectador em delirio. Quando o Augusto acabou, o Alvaro só dizia: *Isto é bruxedo! Como é que eu nos meus tempos para arrancar estes efeitos e levantar o publico, tinha de berrar, de gesticular, e este homem sem quasi mexer as mãos consegue isto?! Estes processos de hoje têm bruxaria!* E abraçava o Augusto numa comovida admiração de alma leal!

Esse episodio relembrou, então, a atitude de Jeanne Hading ao contrascenar com Augusto Rosa, na *Estrangeira*, que começára a scena, na verdade contrascenando, e que acabara por se transformar numa docil espctadora, esquecendo-se de que estava a representar.

— Foi dos mais dificeis sucessos de seu marido, minha senhora! exclamámos nós.

— O Augusto não queria fazer a *Estrangeira* em francês. A primeira-vez disse terminantemente que não! A segunda disse com mais frouxidão: — *«Ora, vou agora fazer a «Estrangeira» em francês!»* Depois o Visconde mandou-lhe a peça, ele começou a ler, a estudar, e lá foi. Mas dizia sempre: *«Eu antes queria estudar toda uma peça nova, do que fazer em francês o acto duma peça que eu já fiz em português. E' preciso mudar tudo!...»*

— E com que distinção ele dava o Duque de Septmonts! Melhor do que o *Coquelin!*

— Como o Coquelin não dava o *D. Cesar!* — disse alguem.

— Eu tambem gostava mais do Augusto no *D. Cesar!* — confirmou a senhora D. Leonor.

— O *D. Cesar* era Augusto Rosa.

— Como o *Cyrano* era o Coquelin! — disse a senhora D. Leonor. — E como o *Emigré* era o Guitry. Tanto que eu disse ao Augusto que nunca fizesse o *Emigré* porque o Augusto era incapaz de o ir imitar, outra interpretação não era possivel, como certas peças permitiam. Lembro-me, por exemplo, do *Sansão* que o Guitry interpretou tão diferentemente o que o Augusto dizia: *aquele homem que nasceu num dos bairros mais mal afamados de Marselha, não pode adquirir um tal verniz. E' um homem que cospe para o chão.*

— Basta vê-lo entrar! — dissemos nós.

— Esbarrando numa cadeira! Tal qual! — concordou a senhora D. Leonor. E no *Assaut*, quando o Guitry aqui em Lisboa ia para a scena da narrativa do roubo, disse para o Augusto: *Cá vou para o tunel.* O Augusto não lhe disse nada, mas a mim disse: *Para o tunel! Para mim é a melhor scena!*

— E que ensaiador! — lembrou alguem.

— Era-o de paixão. Já muito doente, estava a ensaiar as *Almas sem rumo*, tradução de *Come le foglie*, de Giacosa. Para poder sair, foi preciso dar-lhe uma injecção de morfina. Não se calculou bem, e á hora do ensaio ele não estava bem. Não o deixei ir só. Quando nos apeámos á porta do teatro, o Augusto queixou-se: *«Não me sinto bem! Estou tonto!»* Era a morfina. Deixou-me na friza e ou fiquei em mil cuidados. Ele foi para o palco, sentou-se no *guignol* e dali a pouco falava, andava, mexia, representava...

— Esquecido!

— Esquecido da doença, sem sentir a tontura, nada!

— Que linda galeria a das creações dele.

— Quer vêr? — e passamos todos para a salinha das recordações, não sem primeiro a nossa alma ajoelhar ante o grande retrato do glorioso Columbano.

Na salinha uma tela de Lupi, magistral, Augusto Rosa aos 14 anos, um *crayon* de Columbano, projecto de um pano de boca, com as figuras do tempo do Pai Rosa, simplesmente admiravel, aquele *crayon* de genio com que Columbano maravilha até se ter a sensação do inverosimil.

Numa moldura de corôa de louros, em figurinhas de barro, com aquela flagrante semelhança que tinha o lapis de Rafael Bordalo, as principais criações de Augusto Rosa: o *D. Cesar*, o *Regente*, o *Alcacer-Kibir*, a *Triste viuvinha*...

Apontando para o «alferes Barroso», no momento em que esfregava enfatuadamente a côxa, a sr.ª D. Leonor lembrou a fala de Augusto Rosa:

— Todas!...»

E se transcrevessemos toda a convorsa da senhora dona Leonor Rosa, a noite sensacional do *Regente*, a dicção de *Coquelin*, o monologo *Naufragé* que o *Ainé* disse com homenagem á senhora dóna Leonor, uma visita do actor Alvaro a Sintra, os serões de Guitry em Lisboa, a casa de Coquelin, toda decorada com mobiliario portuguêês adquirido nas *tournées* a Lisboa, a estante missal de Coquelin, com telas em que os primeiros pinceis da França fixaram as suas creações, se narrassemos toda essa tarde não teriamos uma pagina de jornal mas um enternecido tomo.

Tudo isso foi dito no encadeado do dialogo, no imprevisto da conversação, naturalmente, gradualmente. De tal modo que eu tive a sensação de que vinha realmente de passar a tarde com Augusto Rosa.

E, de facto, naquela decoração de um artista de eleição, Augusto Rosa lá estava, conversando com as suas boas e sobrias maneiras, com a sua distinção natural, a sua dicção perfeita.

E' que a saudade consciente da senhora D. Leonor projecta na imagem de Augusto Rosa a sua luz, e anima-o, fá-lo viver, como o feixe de luz solar ou a meiga chama de uma lampada faz viver a imagem de um vitral.

Joaquim Leitão

Da Academia das Sciencias de Lisboa

1921

O terceiro aniversario

AS GRANDES REPORTAGENS

e a acção jornalistica

do nosso jornal

O Diario de Lisboa completa hoje três anos. Três anos de actividade profissional, de improvisado labor literario, de perpetuo bom humor perante os acontecimentos triviais, de respeito nunca desmentido perante os grandes factos nacionais.

Não é para salientar a circunstancia de um jornal acompanhar par e passo a vida do seu país. E' essa a sua função.

Mas ás pessoas que trabalham nesta casa, desde o director ao mais modesto cooperador, é hoje, com o pretexto do aniversario, bem grato registar, reconhecer com quanta independencia, com quanta justeza, com quanta alegria, aqui se reflectiram todos os acontecimentos da Nação e até os do estrangeiro nas horas proprias.

O *Diario de Lisboa* não pretendeu nunca passar por um grande jornal de larga informação; mas, dentro dos seus limites de espaço e da sua orientação de jornal da tarde — que tem de ser leve, descuidoso, por vezes terra a terra, outras vezes elegante de maneiras literarias — teve este jornal a felicidade rara de poder dar sempre aos factos a sua importancia maxima, revestindo-os, de preferencia, de côres alacres, e não contribuindo nunca para acinzentar ainda mais a complicada vida do país.

A Cidade no *Diario de Lisboa* — foi, é sempre côr de rosa. O pessimismo não roçou nunca a sua aza doente por estas salas. A discussão fez-se sempre aberta, por vezes tão livre que essa liberdade a espiritos ronceiros chegou a dar impressão de licença. E o *Diario de Lisboa* que tem pouco mais que uma duzia de redactores e colaboradores que, graças a Deus, chegam por sua mocidade e desenvoltura para o encher de ponta a ponta — foi e é o jornal de toda a gente.

Nós gostamos de assinalar isto. Assinalamo-lo mesmo como um pequeno, modesto, mas confortanto triunfo.

Nêste jornal falaram, discutiram, atacaram e se defenderam, disseram de sua justiça e de suas aspirações, se mostraram, se confessaram, se exibiram, emfim têm vivido sempre que têm querido—os politicos, os membros dos governos, os parlamentares, os homens de gabinete, os escritores publicos, os artistas de teatro, das belas artes, das letras, da musica, os autores consagrados e os modestos, os operarios, os funcionarios publicos, os agentes de autoridades, a policia, o exercito, os estudantes — o homem conhecido da rua e o proprio anonimo. E dentro destas correntes e classes da sociedade, aqui estiveram e estão a toda a hora, os politicos mais opostos, o republicano jacobino, velha tinta e o conservador de côres suaves, o realista que quere este Rei e o realista que quere aquele; o comunista, o sindicalista, o cristão, o ateu, e filosofo.

O Parlamento, mesmo, muitos vezes aqui ao *Diario de Lisboa*, é que veiu acabar ou esclarecer as suas questiunculas ou as suas doutrinas.

Discussões começadas noutros jornais, vieram acabar neste.

—E—repetimos—se é certo que todos os bons jornais têm de ser o reflexo da vida nacional, o *Diario de Lisboa* com mais liberdade, mais franqueza, mais «hall» de exposições, mais salão de conferencia, mais montra de livros, mais «Passos Perdidos» mais «foyer» de teatro, mais Tribunal, mais Praça Publica —gabinete e rua—aqui tem sido neste velho, casarão, ora restaurado, que foi da *Vanguarda*, de Magalhães Lima—a casa de toda a gente.

A sua primeira pagina, sobria e intangivel na sua expressão doutrinaria, e subordinada ao espirito de uma politica nacional para todos os portugueses—não foi nunca atingida com o desencontro, o tumulto, a alegria das outras paginas.

E talvez porque nesta casa não ha paixões nem interesses vis, e toda a ansiedade, por vezes até inconscientemente, tem um sentido patriotico, optimista e generoso—não temos inimigos.

Eis o que, sem excesso de amor proprio, os redactores do *Diario de Lisboa*—no maior tributo de homenagem ao seu querido director e querido amigo, sr. dr. Joaquim Manso, e aos ilustres e dedicados directores da Renascença Grafica nossos amigos srs. Pedro Bordalo Pinheiro e Alfredo Pinto—hoje confessam uns aos outros, em voz alta, para que todo o publico oiça, certos de que a confissão lhes é legitima e a satisfação intima perdoada.

A administração do «Diario de Lisboa»

No 1.º plano—*Arminda de Vasconcelos, Manzoni de Sequeira (administrador), Perpetua Luciano*
No 2.º plano—*João Ribeiro, Antonio Cesar de Oliveira, Alvaro de Oliveiro, Carlos Freire, Luiz Saldanha*

A redacção do

No 1.º plano—*Sá Pereira, Aprigio Matta, Alvaro de Andrade (secretario da r*
No 2.º plano—*Alves Martins, Fausto Vilar (revisor), Vasconcelos e Sá (redactor mundano), M quico), Manuel Nunes, Stuart C*

Recordamos hoje, sem excesso de amor mas com contentamento de dever cumprido, algumas das reportagens mais coroadas de felicidade deste jornal. Quanto a nós—e isto neste caso é axioma—o assunto não surge na hora do acontecimento, mas só na hora em que chega o jornalista. Isto é: o assunto é preciso vê-lo. «Puxar-lhe pelas orelhas»—é recurso legitimo, que só pode ser classificado de abuso, quando o sentimento não foi ao proprio local buscar o pormenor, a côr, o espirito do facto, a sua verdade.

O 19 de Outubro e a noite tragica

Quando o *Diario de Lisboa* iniciou a sua publicação—faz hoje 3 anos—o país realisava a memoravel e sentida homenagem patriotica do Soldado Desconhecido na Batalha. Mas os nossos serviços de reportagem estavam apenas a 48 dias de inicio, e em Lisboa dava-se a grande greve grafica de 1921. Em todo o caso esse foi um baptismo profissional, que nos estimulou, e nos preparou para outros cometimentos. Poucos meses depois registava-se em Lisboa uma profunda, tragica e impressionante tentativa revolucionaria, logo coroada de exito. O nosso jornal logrou então distinguir-se na imprensa portuguesa, acompanhando com raro *entrain* colectivo e comprovada justeza todos os acontecimentos dessa epoca tragica. O nosso camarada especialmente encarregado da reconstituição dos crimes e da reportagem local fê-lo por tal fórma e com tal rigor que essas paginas, por nosso intermedio, pertencem hoje á Historia. O *Diario de Lisboa*, cuja feição literaria e artistica s aliava, aproveitando este pretexto jornalistico, ao interesse do acontecimento flagrante, marcou com a reportagem da noite tragica o seu primeiro grande exito jornalistico. Evocamos hoje o intensivo trabalho de redacção da rua, de dia e de noite, nesse periodo agitadissimo e sangrento.

Consiglieri Sá Pereira foi o redactor nosso camarada a quem atribuimos a mór parte desse triunfo colectivo e inicial de outros exitos.

A travessia do Atlantico

Vem Março de 1921. Já se tinha registado, quasi sem noticia, por preconcebido proposito de Gago Coutinho e Sacadura, a viagem Atlantica á Madeira. O *Diario de Lisboa* lança-se, com um entusiasmo e uma fé lusiada, ao pregão constante do «raid» do Atlantico. Chamámos-lhe *Aventura Magnifica*. Ao tempo, a imprensa portuguesa não se entregava, senão por pequenas excepções, ao levantamento moral da tentativa. Os aviadores partem numa manhã de bruma; o interesse nacional criado então em todos os jornais toma corpo. As nossas paginas são poucas para o grande acontecimento. Todos nós nos damos, com um entusiasmo predestinado, á informação, ao encorajamento da fé nos audaciosos empreendedores. Mas dá-se o incidente dos Rochedos de S. Pedro e S. Paulo; novo aparelho parte no navio do Lloyd Brasileiro *Bagé*, e um nosso camarada vai com ele.

E' com comovido orgulho que todos aqui evocamos a amplitude, o exito telegrafico, o poder fortissimo e impressionante da nossa

1924

do "Diario de Lisboa,,

DESDE A NOITE SANGRENTA

á arrojada viagem aerea

de Lisboa ao Rio

ario de Lisboa»

), Joaquim Manso (director), Artur Portela, Sarmento Duque, Norberto Lopes Martins (redactor teatral), Carlos Sergio (redactor sportivo), Rogerio Perez (redactor tauroma- es (caricaturista), Felix Correia

eportagem, do nosso comentario, das nossas ronicas, escritas com lagrimas no proprio cal do desastre e da gloria, e, com lagrimas, das no *Diario de Lisboa*, e recortadas, trans- itas por esse país, como subsidio fundamen- l para a historica reconstituição dessa epo- ia nacional.

De Fernando de Noronha, do alto mar, do *epublica*, do Rio, de todo o Brasil o *Diario Lisboa*, jornal pequeno e modesto, manti- a as tradições da fé portuguesa, e a leal- de do espirito de narrativa das velhas cro- cas.

Norberto Lopes foi o redactor nosso cama- da que desempenhou essa missão felicissi- , e duplamente nobre de português e de rnalista.

A viagem presidencial

Aqueles dois acontecimentos — um de tra- dia deprimente outro de beleza grandiosa consoladora — foram os mais notaveis sucess portugueses destes três anos.

Dá-se depois a viagem presidencial ao asil. O *Diario de Lisboa*, jornal modesto s pundonoroso, desloca um seu redactor a essa custosa reportagem. O *Diario de boa*, sofrendo como toda a imprensa as tig- ncias das incertesas dessa viagem, dando aos seus leitores as notas de co- ntario livre, que os acontecimentos, bem ientaveis de começo, iam sugerindo. Discu- as e apreciadas, essas notas foram uma fo- rafia dura, mas ainda assim favorecida. E o em pleno Oceano o *Diario de Lisboa* a para o país o relato telegrafico do que passava, tomando o primeiro lugar na in- nação precisa, ainda que discreta, a quando arribada ás Canarias.

egue-se no Brasil o triunfo diplomatico, republicano-português — do sr. dr. Antonio José de Almeida, e o *Diario de Lisboa*, com a autoridade da sua independencia critica dá ao país, acrescentando-a de pormenores flagrantes, a noticia desse incontestavel e insofismavel triunfo do Chefe do Estado. As nossas informações e recortes são transcritos. O jornalista lograra não ser brilhante; o *Diario de Lisboa* fôra fiel e insuspeito apregoando o exito pessoal e politico de um grande português.

A vida teatral e artistica

Raros jornais de uma maneira tão constante, tão livre, tão desempenada, e por vezes — em relação aos nossos colaboradores — tão brilhante, se têm ocupado de critica literaria e artistica, e egualmente da critica e do comentario de teatro, como nós o temos feito.

A critica, ao contrario da reportagem, comporta erros, comporta mesmo excessos involuntarios, quando eles são justamente o reverso das virtudes criticas e da sensibilidade afinadissima na observação e no comentario.

No *Diario de Lisboa* varios redactores têm feito critica de arte, de letras e de teatro. Alguns colaboradores a têm realizado tambem, abertamente.

Nada mais marcante, consoladoramente marcante para nós, de que o processo largo e desenvolto com que neste jornal, sem objetivos ocultos e sem paixões malevolas, se tem tratado a vida de beleza e de espirito intelectual.

Olhando, neste capitulo, a obra do *Diario de Lisboa* e o compensador interesse publico de aplauso e de discussão, observavamos do alto da nossa independencia, que aqui dentro se criou uma escola imperfeita, mas escola livre de comentarios, que — diga-se o que se disser — é sempre estimulo. O papel de jornalista critico, fora da catedra, obteve, nesta nossa mocidade sincera, é que não deve receios, pela primeira vez «uma personalidade».

Sente-o toda a gente. mas nós reconhecemo-lo, sem vaidades inuteis, que ficarão para quando nos aproximarmos mais das routeiras da velhice.

Artur Portela, é o redactor, nosso camarada, a quem atribuimos grande parte do exito e da criação de «personalidade» dentro da critica da arte.

Reportagens varias

Não se poupou nunca a gerencia da Renascença Grafica, entidade cujos componentes são nossos camaradas como os nossos proprios colegas, aos encargos de enviar representantes do *Diario de Lisboa* para fóra do continente. Recordamos a missão jornalistica tão justa e sobriamente desempenhada pelo nosso querido director, sr. dr. Joaquim Manso, em Espanha e em França, por varias vezes. As suas reportagens nobilitam algumas das paginas do jornal nestes três anos, e muitas delas mereceram honras de critica e referencia noutros jornais.

O *Diario de Lisboa* fez-se conduzir á Madeira, ao encontro do Alto Comissario de Angola. Quer o artigo-entrevista com o general sr. Norton de Matos, quer as cronicas das belezas da maravilhosa Ilha da Madeira, marcaram como belo sucesso de reportagem de Artur Portela. Em Marrocos, e nalgumas cidades do Brasil, Norberto de Araujo e Norberto Lopes encontraram motivos para preencherem cronicas de sugestiva leitura.

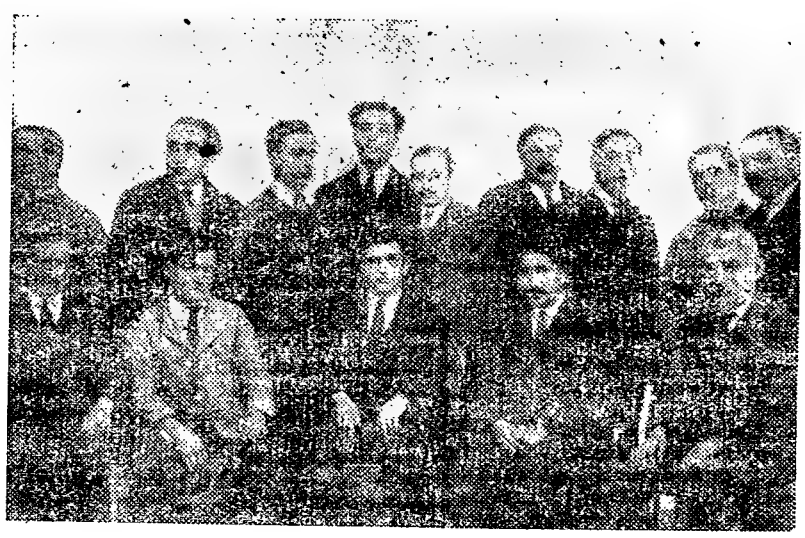
Reconhecem todos que estes sucessos de jornal só são possiveis quando uma administração colabora com a direcção e com os redactores na escolha dos assuntos flagrantes, sem olhar a encargos.

Balanceando todas as nossas colecções, sem outra satisfação que não seja a de ver que poucos podem valer muitos quando a vontade é grande, encontramos os traços do trabalho diario, a reportagem anonima e dificil, ardua e cheia de contratempos, na cidade e por esse país fóra, levada a cabo por aqueles dos nossos que, a par da nota literaria, não desdenham e antes se orgulham de trabalhar a informação na rua e nos gabinetes, pela conversa politica, pela conversa artistica, pelo comentario surpreendido no proprio momento em que espontaneamente se produziu.

Aprigio Mafra — cuja factura tambem da sessão parlamentar, quando ela pela sua elevação não requere um respeito e uma narrativa sobria, é a que. convem pelo espirito e levesa á propria inconsistencia da maior parte da obra do Congresso —; Felix Correia, Sarmento Duque, Alves Martins, Manuel Nunes, são os redactores nossos camaradas que, ao lado dos que já citamos, e sob a direcção de serviços de Alvaro de Andrade, identificado como amigo e como colega no espirito de todos, logram realisar este dia a dia da noticia solta, da informação vibrante, do acontecimento feito historieta, e que predispõe á leitura, anulando o pessimismo da vida e substituindo-o por um criterio mais resignado, mais util, mais verdadeiro afinal.

Centenas de reportagens, cronicas de impressões literarias e jornalisticas, de informações em primeira mão, de estimulo social, de incentivo e de justiça — o crime, a politica, a revolução, o sucesso caricato, o ridiculo, o boato, a greve, as eleições, o estrangeiro —; milhares de artigos trabalhados sem pretensão, mas com desenfadado labor, o *Diario de Lisboa* ficou devendo a Sarmento Duque, a Felix Correia, a Alves Martins, a Manuel Nunes, a Norberto Lopes, a Sá Pereira, a Artur Portela, a Aprigio Mafra, a todos nós que julgamos apenas ter cumprido, debaixo do alto espirito de liberdade disciplinada dos chefes — o nosso dever.

Neste grupo de trabalho estão tambem os nossos camaradas Nobre Martins, Vasconcelos e Sá, Carlos Sergio, Rogerio Peres, que fazem, com a mesma felicidade que aos demais assiste, o dia a dia das secções de teatro, de sociedade, de sport e de tauromaquia.



A tipografia do «Diario de Lisboa»

No 1.º plano — *Julio Baptista, José Vitorino, Miguel Martins (chefe), José Silva, Manuel Martins*
No 2.º plano — *Gabriel Duarte, Ivo Costa, Manuel L. Barbosa, Joaquim Bizarro, Filipe Coelho, Artur Mercês, Anibal Duarte, Manuel do Espirito Santo e Carlos de Macedo*

LISBOA HA TRINTA ANOS

Recordam-se os casos celebres

de Urbino de Freitas, de Vieira de Castro e do "Remexido,,

e conta-se a verdadeira historia

do celebre gatuno "Tisico-Mór,,

O chefe Morgado, da policia civica de Lisboa, é o mais antigo da corporação. Inteligente, culto, com uma folha notavel de serviços em que avultam realizações de tomo indiscutivel, como o Albergue das Crianças Abandonadas, a conversa com ele é sempre um prazer de alma que se torna enlevo, e se torna ensinamento.

A gente trava o dialogo, e dentro em pouco, sem esforço, com uma naturalidade que se torna dificil nas outras entrevistas, tem-se no canhenho e na memoria assunto que baste para colunas e colunas de coisas interessantes.

No que respeita, então, a episodios do passado, a motivos policiais, sobretudo crimes de morte que fizeram sensação, roubos que marcaram pela audacia ou pelo trama dos gatunos—é uma mina inexgotavel de notas para a reportagem, a memoria daquele homem que nem sequer envelhece por mais que os anos lhe passem por cima.

—Ha quantos anos é funcionario policial?

—Ha quarenta e quatro.

—Nunca publicou as suas memorias?

—Colaborei na «Galeria dos Criminosos Celebres».

—Qual o crime que mais o impressionou?

—O de Urbino de Freitas, em 1893. O famoso medico era acusado de haver envenenado os sobrinhos com amendoas, na mira de lhes apanhar a fortuna que possuiam.

—A sua opinião sobre o caso?

—Ainda hoje existe no meu espirito um ponto de duvida sobre se foi elé o autor do envenenamento das duas crianças. De resto, nem os quimicos portugueses e alemães conseguiram descobrir nessa epoca a qualidade do veneno empregado nas amendoas.

—Qual foi a prova feita no tribunal?

—A informação dum individuo que viajava numa carruagem mal iluminada de Lisboa para o Porto e que, depois de ter estado dois anos no Brazil, disse ter sido companheiro de viagem de Urbino de Freitas. Eu, se tivesse feito parte do juri, não o condenava.

* * *

—E Vieira de Castro?

—Esse tambem levantou bastante celeuma em Lisboa. Como sabe, Vieira de Castro era um verdadeiro talento, como o provou nos seus folhetos e no parlamento, quando foi deputado. Tinha uma unica ambição—a gloria. Esse, foi em 1870...

—Matou a mulher...

—Uma noite, quando sua esposa dormia tranquilamente, no seu quarto, aproximou-se da cama, tirou da algibeira um pequeno frasco, ageitou a luz da lamparina de forma que lhe visse bem o rosto, cloroformisou-a, asfixiou-a...

—Dinheiro, tambem...

—Claro. Foi, igualmente, para lhe ficar com a fortuna.

Uma pausa para acender um cigarro. E depois:

— Crimes de grande sensação foram tambem os de Matos Lobo, e os das quadrilhas de João Brandão, José do Telhado e Diogo Alves, que matavam para roubar.

Um parto simulado

— Não tem nenhum caso inedito?

— O caso do parto simulado...

— Curioso?

— Muito. Uma senhora espanhola vivia com um rapaz da nossa melhor sociedade. Ainda é vivo. A certa altura ele, queera bastante incredulo, quiz deixar a espanhola para se casar com uma senhora portuguesa. Aquela, sabedora do caso, de que se havia de lembrar? De o capacitar de que estava prestes a ser mãe.

— E ele?

— Ele chegou a convencer-se. Um belo dia quando entrou em casa, ouviu chorar uma criança e deparou uma parteira, atarefadissima no exercicio da profissão.

— «Delivrance»...

— Não lhe podia restar duvida de que era pai. Mas...

— Era mentira?

— Apareceu uma carta anonima na policia, a desvendar o misterio. Encarregaram-se três medicos de examinar a presumida mãe, e...

— O resultado?

—A criança, em seu entender era, realmente, fruto dos amores da espanhola.

—Até agora, o caso não tem misterio nem, sequer, novidade...

—Sim; mas o pior é que a policia não se deu por convencida, e mandou examinar outra vez a mulher por um medico especialista de partos, o dr. Teotonio da Silva; e esse, depois dum rapido exame feito na presença dos outros peritos, verificou que a criança só podia pertencer áquela mãe por qualquer segredo de magica.

Um sorriso ironico:

—Eu só queria que visse a cara dos três medicos peritos... Em face disto, a mulher confessou então, que, cheia de ciume, combinara com uma parteira, que lhe arranjasse um recemnascido para convencer o homem de que era ele o pai da criança.

—Foi condenada?

—Cumpriu um ano de prisão e depois emigrou para a Argentina. Não sei se ainda vive. O rapaz, ainda ha dias o encontrei.

O progresso de matar...

—Eram frequentes, nesse tempo, os crimes de homicidio?

—Muito raros. E, os poucos que se davam, eram os que apareciam praticados, até 1896, com armas perfurantes.

—Não haviam armas de fogo?

—Quando foi da dissidencia Alpoim, havia apenas, registadas, cinco licenças de porte de arma de fogo.

—Ou nesse tempo, ou agora...

—Agora existem cêrca de vinte mil. Depois do Cinco de Outubro começaram a aparecer muitas armas.

Outro caso interessante:

—Na rua do Poço dos Negros, havia um café mal frequentado, que era servido por mulheres. As creaturas usavam o avental de côres berrantes, rosa de papel na cabeça e tocavam castanholas. Era eu auxiliar, nessa ocasião. Vieram dizer-me que no tal café havia homens que se vestiam de mulher...

—?!...

—Confesso-lhe que tambem não acreditei. Mas, por descargo de consciencia, nomeei uma brigada de agentes e fomos até lá. Eu fiquei á porta, por ser muito conhecido, e os agentes entraram. Como, decorridas duas horas, não tivessem voltado ainda, resolvi, bastante arreliado, entrar, por meu turno, no café. E qual não foi a minha admiração quando os vi sentados a uma meza confraternisando com as mulheres, sem se importarem para nada com a missão de que iam encarregados.

—Castigou-os...

—Dirigi-me para o primeiro gabinete que encontrei. E em tão boa hora, que surpreendi um homem a vestir um espartilho. Prendi-o, é claro; e dessa prisão resultaram mais vinte. Não calcula a sensação que isso produziu.

—Nesse tempo...

—Veiu a população inteira, quasi, assistir, á porta do governo civil, á saida dos homens vestidos de mulher.

—A penalidade?

—Foram condenados á um ano de prisão, como vadios.

A policia foi formada em 1867

—Quando foi constituida a nossa policia?

—Em 1867. Tinha então três divisões; uma delas com 100 guardas.

—Era governador civil...

—O conde de Cavaleiros, homem energico e decidido. O primeiro edital que ele pulicou foi sobre a proibição dos abusos carnavalescos no Ciado. Todas as pessoas que transgrediam o edital eram presas, e só saiam do calabouço depois de quarta-feira de Cinzas. Foi a primeira vez que a policia apareceu no Chiado.

—E a respeito de transgressões?

—Isso é interessante. O conde de Cavaleiros, quando mandou afixar o referido edital disse que se alguem fosse preso, escusava de meter empenhos porque não os atenderia.

—E cumpriu a promessa?...

—Se cumpriu! A primeira pessoa a ser presa foi um sobrinho seu. Nesse tempo ainda não havia o telefone. Mandaram-lhe dizer por um portador que o sobrinho estava preso e se desejava que o mandassem em liberdade.

—A resposta?

—A resposta foi que lhe passassem, imediatamente, guia para dar entrada na cadeia do Limoeiro, até quarta-feira de Cinzas.

* * *

—Quando foi alterada a lei da reforma da policia?

—Em 1876, por Rodrigues Sampaio. E' a que ainda hoje vigora na provincia, com pequenas alterações.

—Já havia comissarios, nesse tempo?

—Já. Desde 1867 até 1910 passaram pela policia três comissarios, apenas.

—Recorda-se dos seus nomes?

—Recordo. Foi o D. Diogo de Sousa, foi Luis Waddington, e foi Pedro Morais Soares.

—E de 1910 até hoje?

—Camara Pestana, Barreto e Couto, Esmeraldo, Pimentel, Azevedo, Patacho, Carrão, Marrecas e Ferreira do Amaral.

O "Remexido", miguelista

—E sobre crimes politicos?

—Nessa altura havia apenas dois partidos, que se revezavam no poder. No tocante a crimes dessa natureza, houve apenas um, que bastante apaixonou Lisboa: foi o do «Remexido», miguelista dos quatro costados, que se exilou numa das serras do Algarve, para roubar os transeuntes. Alimentava sempre a esperança de que o seu bom D. Miguel voltaria. Não publiquei um livro sobre este homem, por se tratar de um politico.

* * *

Qual o gatuno mais habil do seu tempo?

O chefe Morgado, reclinando-se na cadeira, levou as mãos ás guarnições da secretaria, passeou o olhar pelo gabinete, para disfarçar a impertinencia do *reporter* e disse:

—Não estava preparado para esta palestra...

E foi rememorando:

O gatuno mais habil foi o «Tisico-Mór», que, sendo criado dum hotel, em Vila Real, sem saber ler nem escrever, se fez passar por advogado, assistiu com quintanistas de direito a uma reunião de estudantes; apresentou-se como comissario da policia na Regua, e como director do Hospital de S. Marcos de Braga, em Lisboa.

— Como advogado?

— Sim. Como sabe, os advogados têm a sua clientela na provincia, na cabeça do distrito. Um pobre provinciano dirigiu-se ao hotel a procurar o advogado. O «Tisico-Mór» correndo ao quarto do advogado, que nessa ocasião estava ausente, vestiu o sobretudo daquele, e apareceu ao provinciano, como sendo o jurisconsulto.

— Cá estou eu! O que quer você?

— É, que proximo da minha quinta, sr. dr., tenho um visinho que todos os dias me rouba a agua da nóra...

— Bem! fique descançado, que eu vou já tratar de o meter na cadeia.

— Quanto lhe devo senhor doutor?

— Por ser para você, são dez tostões.

— E como se fez passar por comissario de policia?

—Isso é muito curioso. Sabendo que na Regua estava vago o lugar de comissario de policia, havia bastante tempo, foi hospedar-se no hotel da terra e fez constar a todas as pessoas que era ele o comissario da policia.

Um belo dia o administrador do concelho apareceu no hotel a apresentar-lhe os cumprimentos e convidá-lo para assistir, no camarote da autoridade, a uma recita no teatro da terra.

—E ele?

—A principio escusou-se. Mas, depois de muito instado, aceitou.

—E...?

—No dia seguinte o administrador deu-lhe a honra dum policia, para sua ordenança. Ora tal honra é que ele não queria. Por varias vezes dispensou o agente, mas o administrador teimava, insistia em lho pôr ao serviço.

Amigo «Tisico Mór» era muito considerado no hotel por toda a gente. Era senhor comissario para aqui, senhor comissario para acolá...

—Fez partida, claro...

—Já lá vamos... Um certo dia disse para o proprietario do hotel:—«Tenho que ir para o Porto, por três dias, mas está um frio levado da breca e não estou prevenido com «abafos».

—E o proprietario do hotel?

—Tenho uma boa manta de viagem que lhe posso emprestar—respondeu o hoteleiro.

—E ele: Não quero que se incomode. Muito obrigado...

—O sr. comissario tem de levar a minha manta. Eu não posso consentir que vá no comboio sem abafos.

Bem! Já que tanto insiste, vá lá; aceito... Mas, agora me lembro de que tenho muito pouco dinheiro em meu poder. Vou mandar a minha caderneta do Montepio Geral para Lisboa para me mandarem algum.

—Esa a dificuldade mais dificil de vencer...

—Qual historia?! O proprietario do hotel, todo salamaleques, ofereceu-lhe logo quatro libras, que foi quanto perdeu.

* * *

—Depois... director do Hospital de S. Marcos...

—Em Lisboa, ia sempre para o Terreiro do Paço, roubar os incautos chegados do Brasil. Uma bela manhã, travou conversa com um brasileiro e prontificou-se logo a mostrar-lhe a cidade.

—Dizendo-se medico?

—Vamos devagar. Ele em Lisboa dizia-se sempre medico. Mas' como ia dizendo, prontificou-se a mostrar as enfermarias do Hospital de S. José ao brasileiro, a quem conseguiu apanhar algumas libras.

—E deixaram-no entrar?

—Quando chegou ao portão do hospital deviam ser umas cinco horas. O porteiro embargou-lhe a passagem.—Para onde vai?

—Visitar as enfermarias!

—Não pode entrar... Já terminou a hora das visitas!

—Então você proibe-me a entrada?

—Já lhe disse!

—Ora não seja idiota. Você não sabe que eu sou o director do Hospital de S. Marcos de Braga...

—Desculpe v. ex.ª; não sabia. Desbarretou-se e pediu-lhe por favor, ainda por cima, que entrasse. E lá andou mostrando todas as enfermarias, na sua qualidade de director do Hospital de S. Marcos...

Manuel Nunes

1.000.000$00

Já estão á venda na antiga casa D. E. Gouveia & Silva sucessor Manuel Alves da Silva Neves. Preço por bilhete 310$00.
Para a lotaria de 18 de Julho.
Lotaria de Santo Antonio.
Rua da Assunção, 84 e 86 (proximo á Rua do Ouro).

VERSOS

PRIMAVERA

POR

Oliva Guerra

Numa dolalencia ascética d'outono
Longos dias cheiei, num abandono,
Vivendo a minha escura imperfeição.

Em tragicos silencios d'anciedade,
No jardim solitario da Saudade,
Errei, buscando sombras d'emoção.

Rendida ao fatalismo d'essa magua,
Meus olhos afoguei em ondas d'agua,
No coração calando inquietas ancias.

E ao chão curvando a fonte esmaecida,
Numa atitude triste e vencida,
Eu fui seguindo ao longo das distancias...

Meu gesto de renuncia insatisfeita
Palpando a vida efemera e imperfeita
Não tentou já sequer prendê-la assim.

Fui Angustia dispersa e Dôr errante.
Desvairei sobre o abismo dum instante,
Julgando tudo findo para mim.

Mas tu bateste um dia á minha porta,
E um novo sol, sobre uma luz já morta,
Seu grito d'oiro ergueu no meu ceu escuro:

Foi um clarão aceso e exaltado
Que, dispersando as cinzas do Passado,
Me iluminou os longes do Futuro.

Cessou então em mim toda a agonia,
E eu sinto que hoje alguem meus passos guia
Nesta senda de luz que ando a trilhar.

De novo a estrela d'alva da Ventura
As coisas ao redor me transfigura
Ferindo num afago o meu olhar...

Senti um bater d'asas no meu peito
E o meu deslumbramento foi perfeito
Quando o teu sonho ao meu se revelou:

Aprendera a fazer já frente á Dôr
—Que a isso me ensinára o teu amor
Na hora em que á minha alma se entregou...

E hoje, o que foram ermos outonais
São espaço aberto ás azas da Chimera:
Canta em meu peito uma ilusão a mais

.....

Renasce em mim de novo a Primavera.

Oliva Guerra

EDUARDO DE AGUILAR
Cantigas á Bandurra
Edição luxuosa — Primorosos desenhos de *Alfredo de Morais* — Um volume encantador 7$00.
Para despesas de correio mais 100.
A' venda em todas as principais livrarias
Depositario geral: LIVRARIA IBERIA — R. Nova do Carmo, 43 — LISBOA

—Como conseguiste esse explendido fato?

—Finalmente, meu amigo, que nos podemos vestir bem e por preços baratissimos, comprando nos depositos dos fabricantes DONAS, da Covilhã.
Teem um colossal sortido de fazendas de lã e estambre para fatos, sobretudos, vestidos e casacos em todos os padrões e côres, quasi por metade do preço. Uma experiencia nada custa.

Depositos de vendas a retalho
EM LISBOA: — Rua dos Fanqueiros, 187, 2.°
NO PORTO: — Rua Fernandes Tomás, 392-A

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da Clinica Necker—Paris
Tratamento dos tumores da bexiga pela electro-coalugação.
T. NOVA S. DOMINGOS, 9, 1.°, ESQ.°

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.°— RUA AUGUSTA —70, 2.°
TELEF. C 1196

FATOS E SOBRETUDOS
Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 33, 2.°

CONTO PARA CREANÇAS

Lenda

de Santa Rita

por Maria Sophia de Santo Thyrso

Era uma vez no seculo treze uma senhora chamada Fatinelli, e essa senhora tinha uma criada da cozinha que se chamava Zita.

Essa criada da cozinha era muito boa rapariga, tanto que depois foi feita santa, e era tão boa criada que esteve quarenta e oito anos na mesma casa sem nunca se despedir nem pedir aumentos de ordenado.

Tinha, porem, um defeito; ás vezes esquecia-se das horas, mas isso mesmo nenhuma diferença fazia, porque os anjos tratavam sempre de lhe valer.

Uma manhãsinha, dia de coser pão, a santa Zita começou as suas orações da manhã — Resou, resou, resou — ela gostava tanto de resar, sentia-se tão bem a falar com Nosso Senhor, que não se lembrou do pão nem de mais coisa nenhuma.

De repente, ouviu a senhora a chama-la:

— Zita! Zita!...

E santa Zita lembrou-se que, naquele dia, era dia de amassar o pão e que a senhora Fatinelli ia com certesa preguntar-lhe por ele e ficou muito triste por ter assim faltado á sua obrigação, e pediu ao Anjo da Guarda que lhe valesse.

Ora o Anjo da Guarda, mais previdente do que ela, tinha-se lembrado que era aquele o dia da semana em que era costume amassar o pão; quando santa Zita passou pela casa do forno e viu a fornalha acesa, ficou admiradissima, e abriu a porta do forno, e qual não foi o seu espanto ao ver lá dentro o pão, muito bem cosidinho, branco e fofo! E nesse dia tanto a senhora Fatinelli como toda a outra gente disse que o pão estava muito melhor do que o costume.

Se santa Zita tivesse sido manhosa, para a outra vez teria ficado a resar em vez de ir amassar pão, mas santa Zita não era manhosa, era santa, e nunca mais deixou o Anjo da Guarda ir fazer de padeiro e nunca mais deixou de ser muito pontual nas suas orações em dia de coser pão.

Maria Sophia de Santo Thyrso

COMPANHIA DE SEGUROS GARANTIA
Fundada em 1853 — PORTO
CAPITAL E RESERVAS: ESC. 2.598.667$09
Efectua seguros de: vida, terrestre e marítimos em moeda nacional e estrangeira.
AGENTES EM LISBOA, COIMBRA, FARO, SANTAREM E PORTIMÃO
José Henriques Totta, L.da
BANQUEIROS
Em Lisboa: Telef. 533, 1589, 4078, 4152 e 4153

VISITEM
o Deposito da Covilhã
VENDE
Fazendas de lã para: fatos, sobretudos, abafos e vestidos de senhora, directamente da fabrica ao publico por menos 30 a 40 por cento
— ASTRAKANS —
Lãs em fio branco e côr para malhas, por preços da fábrica
Tem alfaiates para exclusivamente servir a sua numerosa clientela com grande economia de preços
ROCIO, 93-2.° ANDAR
(esquina da Rua do Amparo) não tem lojas
Ascensor Telefone 4670-N.
FILIAL NO PORTO
Rua de Santa Catarina, 299

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

VERSOS

5 SONETOS

POR

Antonio Carneiro

Que é de ti?!

Que é dessa meiga, ingenua rapariga
Que Deus me prometeu p'ra confidente?
Porque é que ela não vem, e assim me obriga
A contar esta dôr a toda a gente?

Onde é que pára aquela terna amiga
Que sente tudo o que a minha alma sente,
E me cuida sem tedio nem fadiga,
Como a um pobre bé-bé convalescente?

Que é do cofre ideal dos meus segredos,
Que me escute co'as mãos entre os seus dedos,
E a quem possa dizer seja o que fôr?

E a quem a minha dôr faça doer,
A um ponto tal, que, p'r'á não ver sofrer,
Acabe por calar-lhe a minha dôr?...

Pena eterna

Não sei se Deus me fez a graça enorme
De me escolher a minha muito querida,
P'ra que o meu bem em mal se me transforme,
E eu pague qualquer falta cometida.

Pois desde que nos meus braços ela dorme,
Tem-me sido continua a dôr sofrida;
Mas não ha mal com que eu me não conforme,
Vendo-a nos braços meus adormecida...

Sobre espinhos ande leguas e leguas!
E embora a minha dôr não tenha treguas
Emquanto o meu amôr andar comigo,

Senhor! p'ra que este amôr junto a mim ande,
Que esse crime que eu fiz fosse tão grande,
Que vos mereça eterno este castigo!

Egoismo

Quando ás vezes o olhar te surpreende
Nos teus olhos de pomba comovida,
Toda a doce expressão reconhecida,
Por este amôr, tão grande, que te prende;

Queria dizer-te ó pobre ingenua
O que a tua vaidade não entende:
Que morria por ti! Mas, compreende
Que era por mim que dava a propria vida.

Não me agradeças tanto sacrificio!
Eu preciso de ti como dum vicio
A que não quero nem posso pôr um fim!...

E a prova que não sou um teu amigo,
E' que quando quizeres cortar comigo,
Não te deixo fugir de ao pé de mim!

Renuncia

Tal a religião com que a venero,
Que de tudo o que oferece, eu nada aceito:
E só me atrevo a dar-lhe o meu respeito,
Dos sentimentos mais com que lhe quero.

Imponho-me castigo tão severo,
Porque a si me não julgo com direito;
—Pois tão baixo me puz em meu conceito,
Quanto é alto, que a si o considero...—

Tenho cheia de crimes a existencia
E não devo tomar sem penitencia
A hostia branca da sua alma em flor...

E assim amor, se nunca mais me vir,
Reflita que consista em lhe fugir,
A maior prova do meu grande amor...

Tinha de ser!

Tinha de ser, amor! Quando te vais
Ou te fujo e me fleas toda em pranto,
Parece amor que nunca te quiz mais!
Sinto que nunca me quizeste tanto!

Mas se as nossas almas são iguais,
Que hoje, meu velho amor, já me não espanto,
Quando nos braços outra vez me cais,
Ou volto á sedução do teu encanto!

Linhas uma p'r'á outra dirigidas,
Vêm fatalmente ao mesmo sitio ter,
E assim devem na vida, as nossas vidas!

Meu querido amor, nós queremo-nos sem querer!
Juntemos estas bocas desunidas!
Tinha de ser, amor! Tinha de ser!

Antonio Carneiro

BANCO NACIONAL AGRICOLA

S. A. R. L.

SEDE: 188 — Rua de S. Julião — 198 2 — Rua Nova do Almada — 10 **LISBOA**

CAPITAL: Autorizado: 60.000:000$00 Realizado: 20.000:000$00

TEL.: C. 2738 — 701 :—:—: *TEL.*. AGROBANK

COFRES FORTES — Tabelas de preços de aluguer

Mod.	Alt.	Larg.	Prof.	6 meses	12 meses	Indicações diversas
1	25	24	50	22$00	38$00	Os cofres podem ser utilisados todos os dias uteis (incluindo sabados) das 10 ás 18 horas (6 da tarde).
2	24	41,5	50	24$00	43$00	Cada locatario recebe DUAS CHAVES de seu exclusivo uso, e das quais não existe outro exemplar.
3	25	50	50	28$00	50$00	Os nossos cofres estão instalados no subterraneo do edificio do Banco, isolados do exterior por fortes construções em cimento armado e blindagens especiaes SISTEMA ARNHEIM, de Berlim.
4	41,5	50	50	40$00	65$00	

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde — LISBOA — Rua do Comercio

Agencia — LISBOA — Cais do Sodré

CAPITAL SOCIAL: **48.000.000$00**
CAPITAL REALIZADO: **24.000.000$00**
RESERVAS: 30.200.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Pertalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traás-os-Montes, Vizeu.

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores).

FILIAIS NAS COLONIAS — **Africa Ocidental**: S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Tomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango — **Africa Oriental**: Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo — **India**: Nova Goa, Mormugão e Bombaim (India Inglesa) — **China**: Macau — **Timor**: Dily.

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E. PARIS, 8, rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New York, 93, Liberty Street.

Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, colonias, Brasil e restantes paises estrangeiros

SAPATARIA CONTENTE, L.da

Rua do Carmo, 74

Calçados chics

CORREIA LEITE, SANTOS & C.A

BANQUEIROS

53, Rua Augusta, 59 — 101, Rua da Conceição, 107

COMPRA E VENDA DE CAMBIAIS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

O COMERCIO DE SANTAREM

ARMAZEM DE MERCEARIA
Tomaz Pereira da Fonseca & C.ª (Irmão)
Deposito de bacalhau, sabão, massas, arroz, petroleo e semeas. Chá e café, especiarias, etc.
2—RUA SERPA PINTO—4 **SANTAREM**

FARMACIA VERISSIMO
R. de S. Nicolau **SANTAREM**
Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras

Sapataria Modelo de Antonio da Silva Santos
R. Serpa Pinto, 73 e 75 (Em frente da Casa Singer) SANTAREM
Nesta casa executam-se todos os trabalhos em calçado de luxo com esmerado acabamento, para homem, senhora e creança. Recebe concertos e medidas para toda a parte do paiz.

Praça de Touros de Santarem
(Empresa José Mendonça)
Inauguração da epoca em 13 e 14 de Abril por ocasião da
Grande Feira do Milagre
16 touros puros, dos lavradores dr. Alberto Pedroso, da Chamusca e Joaquim Lima, do Vale de Santarem
Cavaleiros:
José Casimiro e Simão da Veiga (filho)
Bandarilheiros:
Mario Luiz Lopes, Rafael Gonçalves e Francisco Gonçalves
Amadores: Agostinho Coelho, Teofilo Guerra e o matador de novilhos **Josellito Cardenas**

A Electrificadora de Santarem
Rua Direita, 172
Instalações para luz — Artigos de iluminação e de «ménage» — Material sanitario
José Maria da Silva Junior

ARMAZEM NOVO
DE
FRANCISCO CORREIA
Praça Visconde da Serra do Pilar
SANTAREM
Sedas em todos os generos — Veludos — Artigos de novidade — Tecidos de algodão e lã — Miudesas — Muitos objectos proprios para brindes

Sociedade Comercial e Industrial, L.da
SANTAREM
Celestes de Santa Clara
Fabrico especial de pastelaria e doce fino
Serviço esmerado para «soirées» e casamentos

Dias, Claudio & C.ª L.da
Armazem de Fazendas
vendas por atacado a praso e a dinheiro correspondentes do Banco Espirito Santo de Lisboa
SANTAREM
Rua Miguel Bombarda, 9 a 15
PORTO
Rua Costa Cabral, 2320

EMPREZA INDUSTRIAL DO ALFANGE
SANTAREM
CAPITAL: SEIS MIL CONTOS
Central electrica de 440 HP. — Serralheria mecanica e civil
Alcool — Oleos para lubrificação — Adubos

CARLOS MARQUES
R. Direita, 113 e 115
Santarem
Armas de fogo
Ferramentas
Ferragens
Cutelaria
Drogas

CENTRO COMERCIAL
CRUZ & ANACORETA, LIMITADA
R. de S. Nicolau, 85-87=R. Guilherde d'Azevedo, 59-61-63 (Frente ao Banco Ultramarino)
SANTAREM Fanqueiro :: Modas :: Retrozeiro

Manuel João Telhada
Casa fundada em 1875 SANTAREM End. teleg. «Emetelhada»
Secção bancaria — Depositos á ordem, e a praso e todas as operações de Banco em geral
Secção de fazendas — Armazem de fazendas. Vendas só por atacado
Secção de cereais — Armazem de mercearias, cereais, legumes e azeites. Vendas por atacado

Sociedade Agricola das Fontainhas, L.da
Quinta das Fontainhas — SANTAREM
Fabrica de moagem de cereais. — Tijolo e telha — Vinhos e azeites.

MANDARIM LISBOA
Fazendas — Modas — Retrozeiro
JOÃO FERREIRA DA COSTA
Rua Guilherme de Azevedo, 51 a 53
SANTAREM

Retrozaria da moda
LOURENÇO COSTA CARVALHO
Artigos de fanqueiro, mercador e retrozeiro
Preços fixos — Enviam-se amostras
R. S. Nicolau, 27 e 29 (frente á Camisaria Alves)
SANTAREM

Antiga Casa Comercial de JOSÉ GUIMARÃES
Sucessor
Helio de Castro Guimarães
Fazendas, modas, louças, vidros e artigos de novidade
65, 65-A — Rua de Marvila — 67, 69 e 71
SANTAREM

CANTO DAS NOVIDADES
R, Serpa Pinto — (Junto á Ourivesaria Lemos)
SANTAREM
Completo sortido de miudesas — Sedas para vestidos
Casimiras nacionais e estrangeiras

Armazem de fazendas de MOTA & GAMA
Completo sortido de fazendas de mercador, fanqueiro, retrozeiro e modas
Rua da Misericordia, 54, 54-A e 54-B
SANTAREM

João Manuel das Neves
Sucessor de Dionisio Neves
Armazem de ferragens, drogas e vidraça
Rua Serpa Pinto, 49-A, 51
SANTAREM

TAUROMAQUIA

O "ganadero,, Palha Blanco

fala ao "Diario de Lisboa,,

do "rejoneador,, Antonio Cañero

Na Quinta de Nossa Senhora da Consolação, nas Areias de Baixo, em Vila Franca de Xira, habita um grande português que se chama José Pereira Palha Blanco.

Das janelas da sua bem situada casa, decorada com azulejos sevilhanos e berjada de magnolias em flôr, domina os extremos das suas propriedades, que se estendem ao Senhorio de Pancas, e vigia os creados cuidadosos no lavrar do arado e no atentar das águas e dos touros.

Nas suas cocheiras, ornadas de cartazes vistosos de corridas em que se lidou o seu gado, nos seus pateos honrados com cabeças bravas que ilustraram o livro de ouro da ganaderia em que se distingue aquela do touro premiado por tipo e bravura no certamen de Sevilha a que concorreram os melhores ganaderos espanhois, finalmente nas suas salas enriquecidas de telas e bronzes, por toda a parte se nota o elegante gosto dum nobre fidalgo.

E' preciso ter-se presenciado a lide dos seus touros em Espanha e ter-se gosado com patriotico orgulho o espanto que provocam pelo seu tipo e arrobas e o terror das «cuadrillas» ante a sua acometividade, para se compreender o escrupulo e a persistencia creadora deste sem par.

E' preciso conhecer os selecionados produtos das suas terras e tê-las percorrido atentando no cuidado e inteligencia das sementeiras e tratamentos para se avaliar o valor e a utilidade deste esforçado agricultor.

E' preciso ter-se connecido de perto o honrado homem que com o exemplo dignifica uma numerosa familia de filhos e netos e uma maior familia de creados, que são amigos, para se estimar as altas qualidades deste austero educador.

Do creador de rezes bravas que desde 1878 com invulgar energia mantem em Portugal a raça bovina brava, — que é afinal um produto indigena e espontaneo da bacia salitrosa do Tejo como em Espanha o é do Quadalquivir — do famoso «ganadero» lusitano já nos ocupámos quando noutra cronica falámos dos seus touros.

Do agricultor que Portugal e o estrangeiro conheceu pelos seus esmerados produtos, primores de cuidado e aprêsentação, não nos é dado falar na nossa ignorancia da especialidade.

Do honrado homem cujo nome habituámos a ouvir abençoado pelos velhos das aldeias espanholas donde ambos sômos oriundos — El Almendro e Villa Nueva de los Castillejos — do protector de tantos lares ribatejanos, sentimos não poder escrever paginas de que a nossa pena, debil e torpe, é incapaz e que só o nosso coração poderia ditar.

Melhor que nós o sabem fazer os dois poetas da Arcadia ingenua das Areias que se reune em oiteiros á hora em que abandonados os trabalhos o sol os abandona e se ouvem ao longe os chocalhos nostalgicos do gado. São ambos analfabetos, um é capataz e chama-se Domingos Antonio Cunha, o outro um anão de 37 anos arrancado duma tela de Velásquez e moldado em bronze por João Silva. Deste que é surdo são as duas composições seguintes que nos ditou:

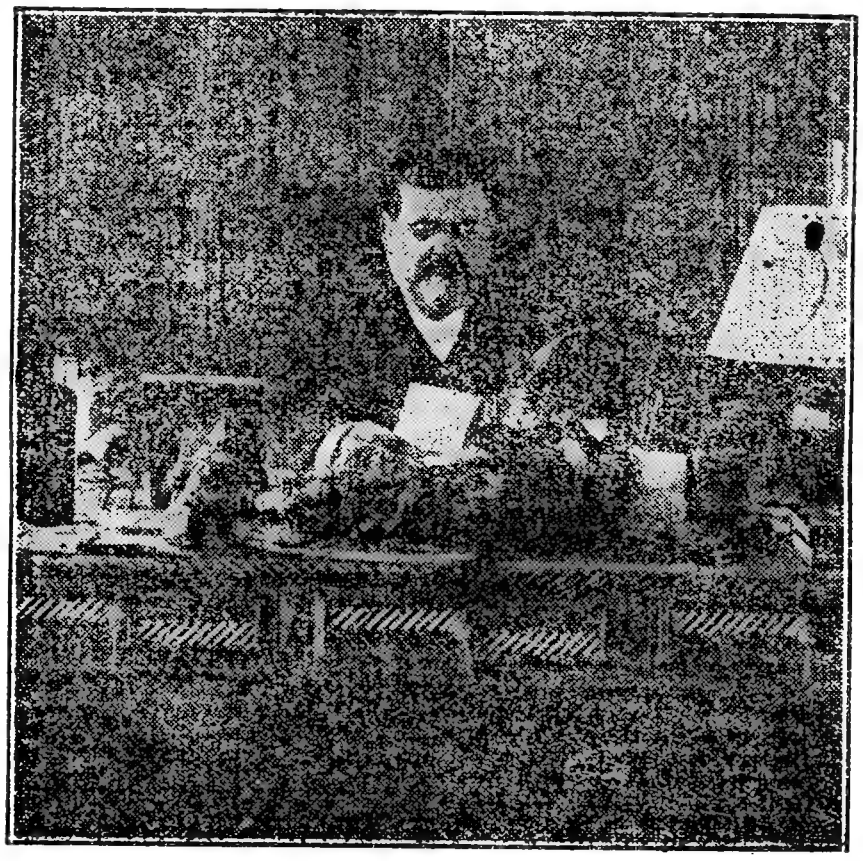
MOTE

Não é com o pezo dos anos
Que o patrão está descaído
Na sua época atrazada
Alguns desgostos tem tido.

GLOSAS

Com bondoso coração
A sua cruz tem levado
Netos e filhos tem creado
Homens na perfeição
Tem lhes dado educação
Com pensamentos humanos
Livre de falsos enganos
Com a sua alma franca
Tem a sua barba branca
Não é com o pezo dos anos

Emquanto no mundo existir
Com sua ideia assente
Anda sempre para a frente
Sua casa a dirigir
E eu quero repetir
Tem seu corpo combalido
Mas não sae do seu sentido
A grande responsabilidade
Não é tanto pela idade
Que o patrão está descaído



Palha Blanco

Os seus anos vae contando
Sempre no seu fadario
Leva sua cruz ao calvario
Emquanto a morte vem chegando
Vae a seus filhos demonstrando
Esta sua casa ligada
Que nunca será separada
Segundo diz a escritura
Tem mudado sua figura
Na sua época atrazada

Está seu corpo a descobrir
Está sua força a faltar
Está sua ideia a pensar
Os dias que póde existir
Está sua ideia a sentir
E coração já prevenido
Porque ainda está ofendido
No seu atrazado golpe
Com precalços da negra morte
Alguns desgostos tem tido.

* * *

MOTE

Viva o patrão José Pereira
Viva o lindo creador
Viva Maioral Mór e Abegão
Subordinados ao lavrador.

GLOSAS

Vivam os touros do Sapal
Todos em diferentes cores
Vivam os lindos pastorés
Viva o encarregado real
E' o Custodio sem igual
Que tem delicada maneira
Escolhe os touros para a feira
Para na praça serem corridos
E na Espanha serem vendidos
Viva o patrão José Pereira

Vivam as vacas paridas
Viva a linda afilhação
Quando fazem a apartação
Ficam todas mui sentidas
Porque tambem são mães queridas
A seus filhos têm amor
Chamam por eles com pavor
Quando estão a desmamar
Outra manada se foi formar
Viva o lindo creador

Vivam as eguas alfeiras
Vivam poldras da desmama
Viva o creador de fama
Vivam as grandes sementeiras
Viva a grande construção
Viva a sementeira de pão
Será bom para todos nós
E viva a lavra da Foz
Viva Maioral Mór e Abegão

Vivam os bois de amansia
Que no campo andam lavrando
Vivam os campinos que os vão tocando
Na charrua todo o dia
Viva a grande alegria
Ver os bois em - Amor
Viva o serviço agricultor
Que eles fazem ao patrão
Vivam todos e o Abegão
Subordinados ao lavra[illegible].

Entre tão expontaneos vates, que admiramos com um carinho que não prodigalisamos a muitos poetas do Chiado, fômos encontrar o grande lavrador numa tarde em que aportámos ás Areias levados pelo desejo de ouvir a sua autorisada opinião ácerca do detentor do interesse tauromaquico da actualidade, Antonio Cañero.

Quiz a amabilidade de José Pereira Palha Blanco mostrar-nos antes os touros que esperam a vez de serem lidados em Espanha esta temporada e que apreciámos gordos, bons tipos, bem armados e variados de pêlos em que foram marcados, a fogo, a letra inicial do apelido do creador encimada pela Cruz dos Pereiras.

Na totalidade compõem-se, entre corridas e novilhadas, quinze lotes que provocarão no paiz vizinho a admiração e o espanto que são previlegio deste ferro.

Em Barcelona já se lidou uma novilhada que causou vinte e uma caídas a cavalos «pererenos» que são resistentes e não avançam aos tercios o que dá ideia do poder e bravura dos touros de Pancas.

Mas o «ganadero» é avesso á pratica de «propinas», tão em uso aqui ao lado, e as «reseñas» ocultam a verdade desta e de muitas outras corridas. Só um dia acedeu a dar o que lhe pediam para um jornalista que se lastimava de ter muita familia, mas fê-lo por caridade e não aplicando adjectivos que os touros não merecessem.

Domingo 30 lidou-se uma novilhada em Madrid.

Regressados do campo emquanto esperávamos o jantar de que nos fez participar, chegou a hora da desejada confidencia.

José Pereira Palha Blanco conheceu Antonio Cañero, de quem é amigo; nos «tentadores» de Miura onde o notavel toureiro cordovez intervinha ao lado do saudoso «Gallito» e patenteando excelentes aptidões fisicas ao serviço duma rara intuição tauromaquica.

Depois admirou-o como matador com outro aficionado aristocrata de nome semelhante, «Cañedo», continuando Antonio Cañero a merecer o posto dum espada de primeira fila.

Ao mesmo tempo assistiu aos seus triunfos em quantas provas hipicas tomáva parte, classificando-se sempre como o melhor.

Finalmente, quando Cañero começou reunindo as suas qualidades de grande toureiro e grande equitador, presenciou a corrida patriotica em Madrid ha dois anos. Desceu Antonio Cañero dum coche de gala e pela mão do Duque de Tovar foi levado até debaixo da tribuna regia e apresentado ao Rei como é antiga usança nestes torneios.

A maneira como o extraordinario «rejoneador» burlou os touros, fazendo gala dos seus conhecimentos de equitador, e a maneira porque rematou as sortes, evidenciando-se rarissimo toureiro, causaram profunda admiração no nosso inteligente entrevistado que desde então o admira com um entusiasmo raro em quem como ele guarda todos os entusiasmos para os touros desinteressando-se dos toureiros.

Como comentario lembra-nos José Pereira Palha Blanco que os grandes cocheiros lisboetas da ultima geração, fôram antes boleeiros, tal como um grande cavaleiro tem que ser tambem um bom peão, como o foi o inolvidavel Tinôco.

Como neste recordado cavaleiro português, torna-se notavel, em Cañero a distinção do seu porte.

E pouco mais nos disse o respeitado «aficionado» que todos sabem dificil no elogio e sobrio em entrevistas e manifestações de entusiasmo.

Para todos que se prezem de bons aficionados é suficiente prova do valor de Antonio Cañero o depoimento de José Pereira Palha Blanco que em Portugal é tambem em Espanha é um ilustre nome na festa de touros.

Que o digam os portugueses que assistiram á festa que os «ganaderos» Miura lhe ofereceram ha anos em Sevilha em homenagem ao nobre exemplo da sua vida que Deus guarde por dilatados anos.

EL TERRIBLE PEREZ

PAPELARIA VIUVA MARQUES
TELEFONE C. 2676
LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO
Artigos de escritorio Material para desenhadores
—— PREÇOS MODICOS ——
34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

LINOTYPE & MACHINERY LIMITED

A CHEGAR BREVEMENTE
para a
"RENASCENÇA GRAFICA" S. A. R. L.
3 MAQUINAS DE COMPOR
"LINOTYPE"
e em exposição no nosso Deposito
OS ULTIMOS MODELOS N.º 4 e N.º 6
Agentes para Portugal
Bordalo Pinheiro, Limitada
48, CONDE BARÃO LISBOA

NÃO TER MÃE

Uma visita ao Refugio

onde ha creanças

que nunca souberam

o que era um carinho maternal

Luis Filipe Guedes

quando voltou para o Refugio

Naquele casarão enorme, de abobadas conventuais, que foi recolhimento de freiras Salésias e onde a Republica instalou um asilo para velhos e crianças, ha assunto não para uma cronica, que é uma impressão momentanea da vida, mas para um livro curiosissimo de quinhentas paginas, se dedicarmos a cada *caso* o espaço resumido de uma pagina.

Um asilo não é mais do que um hospital, o grande hospital da miseria, onde são recolhidos todos os que sofrem do mal de não ter no mundo mais do que os sete palmos de terra a que todos temos direito é a luz argentea das estrelas para iluminar a noite sem fim da sua misera existencia.

Ali, cada doente que entra é inscrito com o seu numero de matricula adiante do nome e a marcha da doença tem o seu grafico, com sintomas, diagnostico, temperaturas, observações sobre a dieta a seguir e mais detalhes de ordem clinica que interessam á cora do doente.

Cada asilado póde considerar-se um caso clinico e mais do que um caso clinico—um caso de patologia social.

Para quem tenha olhos de ver e alma para compreender a dôr, a vida dos asilos é um manancial inexgotavel de observações.

Ha de tudo: velhinhos que os filhos abandonaram, quando já não tinham forças para trabalhar; crianças de dois, de três e de quatro anos que as mães lançaram ao mundo, como se fosse pecado dar vida a um inocente; garotos de tenra idade que a policia surpreendeu a soletrar as primeiras letras do vicio; pequenitas de pés descalços que começaram a sua vida, como flores engeitadas, pelos bancos dos jardins e que acabam quasi sempre, quando a policia as deixa circular livremente, no banco do hospital.

O asilo é um espelho de miseria, de vida humilde, de *bas-fond*. Chove a desgraça nos bairros pobres. A enxurrada leva três caminhos: o cemiterio, o asilo e o hospital.

* * *

O antigo convento das Salésias, á Junqueira, onde hoje está instalado o Refugio e Casas de Trabalho, é o estabelecimento mais caracteristico da Assistencia, sob o ponto de vista da população.

Antes de serem distribuidos pelos diversos asilos, é ali que vão parar todos os que se abrigam debaixo das azas protectoras da Assistencia, velhos a quem a vida não sorri e creanças que entraram no mundo pela porta larga da miseria.

Até ha pouco tempo, o Refugio era uma casa de estar, de estar sem fazer nada. Não havia aulas, não havia oficinas, não havia ordem, não havia uma enfermaria digna desse nome.

Foi sob a direcção inteligente do dr. Costa Ferreira, que ali dentro, em boa hora, se começou vida nova. Não se póde afirmar, por emquanto, que seja um estabelecimento modelar, porque os recursos não abundam; mas percebe-se claramente que entrou naquela casa um espirito de renovação e de progresso, um desejo honesto e benemerente de realisar uma obra util.

O dr. Costa Ferreira não é, em boa verdade, o director do Refugio; é o pae adoptivo das creancinhas que estão sob a sua guarda.

Vivendo mais pelo coração do que pelos sentidos, profundamente bom, ninguem melhor do que ele compreende a dificil missão de dirigir uma casa de caridade, onde se recolheram os mais raros exemplares que a maré-cheia da vida atirou, como sargaços, para a valeta imunda da desgraça.

E porque um asilo é ao mesmo tempo um hospital, a escolha de um medico ilustre para aquele lugar é perfeitamente acertada e digna dos nossos melhores elogios.

* * *

Quando entrámos ha dias no Refugio, á hora em que o grande refeitorio dos menores, triste como uma enfermaria, se enchia de um ruido discreto e ordeiro, o dr. Costa Ferreira chamou a nossa atenção para um pequenote de catorze anos, recrutado, como tantos, entre a enorme população de pé-descalço que enxameia pelas ruas de Lisboa.

Tem o numero de matricula 2.815 e chama-se Luís Filipe Guedes. Tem, além disso, o seu romance.

Aos 8 anos foi entregue ao Refugio por ser mal comportado e não ter uma noção clara do direito de propriedade. Para um rapaz daquela idade, criado á lei da natureza, vagabundo desde o ventre de sua mãe, compreende-se que todo o mundo seja dele. A policia é que o não compreendeu assim e o nosso Luís Filipe, um belo dia, quando as rosas se desfolhavam já nas roseiras enfesadas dos jardins publicos, deu entrada solene no Refugio, acompanhado de um guarda e de meia duzia de ilusões que formavam toda a sua bagagem.

Preguntaram-lhe os outros de onde vinha e ele não soube responder.

—Vinha da rua.

Quizeram saber se tinha familia e se a mãe viria ao domingo para o levar a passeio.

O pobresinho ignorava o que era familia e só mais tarde havia de compreender a doçura desta palavra *mãe*.

Do seu processo, consta simplesmente que nasceu no hospital de S. José e é filho de Herminia Jorge e de José Guedes. Como nos versos de Junqueiro, veio ao mundo e não tem mãe. Porque morreu? Não! Ele não sabe se ela morreu; sabe apenas que o abandonou.

Encontrou-se no mundo sósinho, sem o calor de um beijo, sem a ternura de um afago, sem o conforto de um berço. Realisa perfeitamente o tipo da quadra que o povo canta: é filho das tristes hervas, neto das aguas correntes.

Nascido numa cama humilde de hospital, o seu destino foi talhado logo no berço.

Como se criou? Misterio! A primeira recordação que tem da sua existencia, á superficie do planeta, data de 1916, do dia em que entrou no Refugio.

Antes disso, é como se não existisse. A memoria não lhe alcança mais para além do portão de ferro do antigo convento das Salésias.

—Tinhas vontade de conhecer a tua mãe?

Nos olhos muito vivos do pequeno Luiz Filipe passa um clarão que logo amortece e transforma em cinza de saudade a braza que lhe anda a arder dentro do peito. Saudade daquilo que não chegou a ter...

Responde a sorrir:

—Quem me dera!

—Nunca ninguem te deu um beijo?

—Não me lembro.

—Eras capaz de ser muito amigo de tua mãe, se a tivesses?

—Lá isso era...

—Trabalhavas para ela?

—Trabalhava, sim, senhor. De dia e de noite, se fosse preciso.

—Queres que «ponha um anuncio no jornal» a preguntar pela tua mãe?

Os seus olhos brilham de alegria:

—Quero! Quero!

Só de ouvir pronunciar esta palavra *mãe*, os olhos dele ficaram depois rasos de lagrimas. E é este filho, que uma mulher abandonou, mal despontava ainda á luz do dia, que procura hoje a sua mãe entre todas as mulheres sagradas pelo resplendor da maternidade. Esta não o deu á luz, deu-o á treva.

No dormitorio imenso, aconchegado na sua pequenina cama de asilado e crucificado pela sua dôr, quantas vezes os seus labios não terão pronunciado, com o fervor duma oração:

—Minha mãe! Minha mãe! Porque me abandonaste?

* * *

Luis Filipe foi requisitado ha três anos pela Provedoria para ser colocado na provincia.

Andou pelo Alemtejo, por Alvito, embebedou os seus olhos na luz faiscante dos montados, á hora do sol, e aprendeu a ser homem. Aprendeu mais: a ser sacristão e sapateiro.

Luis Filipe Guedes

com a farda de internado

Mas como lhe viesse a nostalgia do Refugio e a mesa do tutor, que era o sacristão da freguezia, não bastasse ás exigencias do seu estomago, um belo dia fugiu de casa e veio bater novamente á portaria do convento.

Vinha rôto e cansado de tão longa caminhada.

—Porque fugiste?

—Tinha fome...

Deram-lhe de comer e vestiram-lhe um fato novo. Hoje vive quasi feliz, com a unica ambição de se poder abraçar um dia ao pescoço de sua mãe.

* * *

Mas este caso não é virgem no Refugio. Ha outras creanças que vieram ao mundo e nunca souberam o que era um carinho maternal.

Um dia, a policia entregou ali uma pequenita, linda como um anjo, que não teria mais de dois anos, porque ninguem lhe conhecia a idade, nem o nome, nem a terra onde nasceu, nem a mãe que a deu á luz.

Mal abriu os olhitos inocentes para a vida, teve frio e chorou. Era inverno. A policia encontrou-a por acaso. No dia seguinte, dava entrada no Refugio, onde a baptisaram com o nome de Maria Rita.

Tem hoje três anos e lindos aneis doirados na sua cabecita loira de querubim. Gosta de bon-bons e chama «papá» ao director.

...Se em todas as linguas do mundo não ha outra palavra mais doce do que esta—«mãe»—porque hão-de nascer, Senhor, anjos condenados a nunca puderem aquecer os seus labios ao fogo do mais puro sentimento que abraza os corações!?

Norberto Lopes

Alfaiate Seabra

FATOS prontos á vestir por 250$00, belas fazendas, bons forros, bem acabados e muito elegantes. **Rua Campo de Ourique, 134, 1.º**, carro á porta (Estrela-Santos).

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

SOBRE UMA CATASTROFE

OS TERREMOTOS, A IMUNDICIE, O MAU GOSTO, OS "GAIOLEIROS" E OS EDIS

e quantas mais desgraças sobre Lisboa cahiram...

...aqui têm serena e imparcial analise

Por uma madrugada destas, a furia incontivel da tormenta fulminou com a sua colera um tugurio de miseraveis trabalhadores. As paredes de frogil armação, as madeiras roidas de males, os alicerces cambaleantes, foram pelo peso das aguas e pela violencia assassina do ciclone convertidos em montão de destroços imundos, em que nada denunciava a construção derrubada. Sob os escombros, colados ás palhas dos leitos, pela morte surpreendidos em sono profundo, ficaram dezaseis entes — dezaseis cadaveres cujas fotografias andaram no «réclame» dos rotativos.

O publico não ligou importancia de maior ao caso. Deu-lhe, sómente, a de procurar interessar-se por ele. Conseguiu-o mal. A sensibilidade colectiva extinguiu-se; a pessoal rarefez-se. Os grandes massacres da guerra e a dispersão do mundo moral subsistente até 1914, insensibilisaram as multidões. Fatigadas de sofrer, fecham os olhos aos horrores. Quanto mais o «reporter» exagera os seus relatos, retocando-os de cru realismo, mais o publico lhe nega atenção. Por isso como episodio da tragedia ininterrompida que vivemos ha dez anos, a catastrofe da travessa do Tarujo teve uma vida de interesse de poucas horas. Já esqueceu!

* * *

Esquecida a tragedia, subsiste um problema. Esse problema, que tem seus ares de enigma, chama-se: «Lisboa». Possuimos uma capital exagerada, excessiva, que longe de um desenvolvimento normal padece de molestia hipertrofiadora. Ela não progride — incha. A sua pobreza de arruamentos nobres mantem-se; e a tal pobreza póde acrescentar-se a de higiene, a de segurança a de bom gosto.

Em quinze anos, a cidade duplicou as suas proporções, ou mais ainda, talvez. Como no tempo de ficticia propriedade em que era a consignataria das riquezas deslumbrantes do Oriente pouco antes desvendado, ela foi, agora, na nossa época, inundada por gente de todas as proveniencias. O cortejo de seductores negocios que a conflagração pôz em marcha, ao passar por aqui, acenou convidativamente á Provincia. Veiu gente, massas de gente, gente sem fim, instalar-se na capital. Assim se creou uma falsa prosperidade que, iniciadas já as convulsões da crise derradeira, terá morte brevemente. Falsa opulencia essa, constituida pelo conjunto de uma intermina série de falsos progressos. Porque o extraordinario desenvolvimento comercial, é ficticio; porque a movimentação celere, vertiginosa, de riquezas, que deu base financeira á mentira da opulencia lisbocta, proveiu directamente da inflação fiduciaria, que não mais representa que a febre alta de um povo em agonia; porque a doação de muitos milhares de nec-burocratas á classe media alfacinha, redunda agora no rompimento da mediania em que ele ha largos anos vivia; porque o ouro colhido pelos «novos ricos» no acaso de negociatas felizes é que obrigou Lisboa a alastrar-se por quilometros.

Lisboa envernizou-se de civilização e cresceu em carnes, tal qual um escanzelado rocinante que tivesse comido, na mão de um cigano arteiro, varios gramas de arsenico. Aqui o arsenico, foi a imoralidade de uma epoca e o amorfismo de um povo. Crearam-se variadissimas necessidades; delas, a mais premente, a da habitação. O alfacinha autentico, sem mistura, tomada a cidade querida de assalto pelos bandoleiros da civilização, renunciou ao prazer antigo de mudar de ares, trasladando, qual caracol, o lar modesto do morro da Graça para a planura de Santos ou cousa parecida. Perdida essa facilidade, deixou-se aprisionar no derradeiro arraial em que a crise o surpreendeu.

Surge, então, o «gaioleiro». Improvisa-se mestre de obras quando, em regra, não passa de mau trolha; saca capitais aos ouzeneiros que não olham ao genero do seu emprego desde que o juro seja gordo e seguro. E os andaimes erguem-se, rapidos, para logo surgirem, semanas, o maximo meses depois, concluidas já as edificações, Lisboa, cidade rotineira, estagnada, que ha poucos anos, ainda, sabia de cór e salteado quantos predios se tinham feito recentemente e por quem — ergue os braços ao ceu. Cousa impossivel! Com uma rapidez cinematografica, pucharam-lhe os pés e a cabeça. Vertiginosamente, estende-se por patios e terras de horta. E como os terrenos estão caros, os predios crescem em andares, num macaqueio reles e perigoso dos «arranha-ceus» de Nova York.

Tudo, absolutamente tudo, serve de material de construção. As paredes adelgaçam-se; os alicerces penetram timidamente a terra; mingua a percentagem de cal e galga quasi á totalidade dessa composição de areia; as madeiras de pinho, ainda verdes, vertem humidades da arvore, pelo que, depois, se deformam, arruinando o edificio. Ganhar dinheiro, enriquecer depressa — eis o desejo do «gaioleiro». Não lhe fala o coração nem, tampouco, o cerebro. A sua ganancia não recua ante a possibilidade de horriveis catastrofes. Construir — depressa e mal. Assim, impulsionada a construção urbana por um egoismo inclassificavel, porque é mais do que feroz, porque excede o crime premeditado, Lisboa adquiriu milhares de predios novos. A troco de uma renda escandalosa, ha a quasi certeza do tumulo. Mas toda a casa tem inquilino, por eloquentes que sejam os seus sinais de ruina. A necessidade é muita e a despreocupação maior ainda. O locatario é a mesma pessoa que, na qualidade de consumidor, impulsiona as especulações desvergonhadas, impudicas, com a sua indiferença cobarde.

O Crime, este formidavel Crime que me indigna, em toda a emotividade do meu ser, mas que é sancionado pelo despreocupado encolher de ombros da opinião publica — entidade que, entre nós, é uma força apenas negativa e que, ao manifestar-se, ou arma o braço de «chantage» ou categorisa o Delicto — nunca encontrou Força que lhe fôsse ao encontro, disposta a empenhar luta energica e sem quartel.

A edilidade, tenha ou não minorias fiscalisadoras, consome a actividade na alteração idiota dos letreiros de ruas, e para quem afirme a vista, entreverá através as preocupações municipais, a brenha confusa dos arranjos. A agulheta do favor politico, depois de ter inundado o Terreiro do Paço, inundou o Pelourinho. A vereação republicana de 1908, manteve e desenvolveu, até, os serviços da cidade, por forma a motivar aplausos retumbantes, precipitando a instauração do presente regimen. Pois toda essa obra teve por agentes — 300 funcionarios aproximadamente. Agora, e numa situação caotica, relaxada, cujo relato se me afigura dispensavel — tem 3:800, ao que me informam. Nada ha, efectivamente, como a eloquencia dos numeros.

* * *

O Municipio não dispõe de instrumentos repressivos na luta com o «gaioleiro» — alega-se. Bem está. Apenas, se existisse o escrupulo, consequencia da consciencia das predisposições catastroficas dos bairros novos, já os edis teriam batalhado por que lh'os concedessem. Isso! De estranho poder de narcotização dispõe a sala de sessões, pesada nos seus reposteiros, nos seus tapetes, no estofo das suas cadeiras, do paço do Pelourinho.

A edilidade tem descurado a fiscalização severa, exagerada até — e, em tal capitulo, o exagero é só de aplaudir — das construções, como têm descurado a sua integração na estetica geral citadina, como tem descurado a sua higiene. Sabem bem os leitores, que existe uma disposição camararia obrigando o senhorio a caiar, em prazo deetrminado, as frontarias dos predios. Pois o cumprimento de tal texto é vagaroso, indolente. Passam-se decadas sem que a maioria dos predios veja a brocha da tinta. Devido ao que, listrada de imundicie a cidade, substituido o mármore e granito do nosso excelente Herculano pelo cimento falsificado e pelo tijolo ruim, quebradiço, as paredes não passam de campos de concentração de interminas hordas de microbios. Pingam as ruas imundicie e, a não ser o favor das varias cargas de agua que anualmente caem, já teriamos morrido, nós todos, os quinhentos mil habitantes de Lisboa — afogados em trampa!

Quanto á estetica, são por igual conhecidos os horrores que por aí vão. A Lisboa nova é um completo, eloquentissimo atestado da sensibilidade cafreal, simiesca, dos meus ilustres compatriotas. Ha merceeiro aposentado que manda copiar, com ligeiras mudanças, o ultimo modelo de caixas de «bon-bons» da «Aliança» e proprietario de agencia funeraria que, ao «chalet», dá o geito de ataude em funeral de primeira classe. Ha predios baixos, obesos como Sancho Pança, e predios esguios, esqueleticos como D Quixote. Ha predios que lembram marrecos e predios que lembram velhas de capote e lenço. Daquele pedaço de via-ferrea compreendido entre a Cruz Quebrada e o Dafundo, é licito admirar uma colecção destas aberrativas exteriorizações do gosto do nacional enriquecido para mal da arte portuguesa. E, se nos lançamos em passeio pelo xadrez das avenidas recem-construidas, fazendo analise séria, ha motivos para fazer rir o mais persistente dos misantropos, embora padeça muito a sério do figado.

* * *

O meu pavor, autentico, absoluto, que alguma cousa mais é que um artificio para interessar o leitor por estes dizeres, assume proporções himalaescas ante a perspectiva — de um terremoto.

Em Portugal ha dois retalhos, isolados, de terrenos secundarios. Um, é constituido pelo litoral algarvio; o outro pelas terras compreendidas entre Lisboa e a Barquinha. Segue pela margem do Tejo fora abrangendo as que vão desta vila a Aveiro. Essa zona desce depois, circunscrevendo a zona de Cintra, até Lisboa. Setubal e a capital assentam em terrenos modernos, formados pelos aluviões do Tejo e Sado, e o perigo de deslocações oferece-se de continuo. A historia dos abalos subterraneos é longa e sobressaem o de 1598 que, além de arrazar a cidade, fez subverter o monte de Santa Catarina, deixando aberto um funil, hoje aparentemente consolidado, que se chama Bica Duarte Belo, e o de 1755, de que são conhecidas as monstruosas proporções. E' quasi certo que, com intervalos de dois a três seculos, a terra treme, até que entre num repouso definitivo — que não se sabe quando terá inicio. Entretanto, a boa prudencia exigiria as precauções possiveis. Ao abismarmos ante as paredes, grossas como muros de fortalezas, das construções do seculo XVIII, recordemo-nos que os nossos antepassados não o faziam pelo prazer de sacrificar os seus cruzados a um luxo desnecessario de solidez. Faziam-no porque ainda estava fresca a memoria do recente cataclismo.

Mas agora esqueceu-se o horror desse afastado dia 1 de Novembro, de Todos-os-Santos — e impera o «gaioleiro»... Ha semanas, dois ou três estremeções alarmaram Lisboa. Pois, a terem sido um pouco mais pronunciados ou duradoiros, a Lisboa nova ter-se-ia convertido numa miseravel cordilheira de destroços, sepultura de muitos milhares de inocentes vitimas. Esta é a terrivel realidade, tão patente, a meterse tanto pelos olhos de quem a observe, que todo o estrangeiro culto, ao passar por Lisboa, conhecendo os seus antecedentes sciemicos, fica estupefacto da negligencia, da imprevidencia, da incuria, como nos expômos aos azares de uma Natureza — que nem sempre nos dá a delicia dos seus frutos ou o explendor do nosso ceu azul, de que tanto nos orgulhamos.

Mau orgulho, de resto. Por que ele não basta para compensar a formidavel dóze de meridional negligencia com que o nosso bom sol nos prezenteia quando pela primeira vez o fitamos...

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

LOTERIA

Santo Antonio

O feliz cambista

PINA

tem já á venda bilhetes e suas fracções para esta lotaria que tem os premios seguintes:

1.º premio.... 1:000.000$00
2.º » .... 400.000$00

e muitos outros.

Chamamos a atenção dos nossos clientes para a rapida habilitação para esta lotaria, visto a grande procura que está tendo.

Sempre sortes grandes

sómente no

PINA

se podem obter.

Atendemos prontamente todos os pedidos do continente, Africa e Brasil desde que se façam acompanhar da respectiva importancia.

Revenda — A preços especiais

Particulares — Sempre os preços usuais

Dirigir pedidos a

Costa, Limitada

75, Rua de S. Paulo, 77

Telefone C-3486 LISBOA

VERSOS

Oito sonetos ineditos

do livro "Fogueira eterna,,

do poeta Antonio Alves Martins

Selva Escura

I

Inconsistentes que nós somos... Nada
Existe, em nós, com o sinal de eterno;
Vivemos á mercê de cada inverno,
E seguimos ao gôsto da levada!

Trevas da noite, alvôres da madrugada,
No nosso olhar, mixto de ceu e inferno;
E toda a luz do nosso mundo interno
E' por contrarios ventos assoprada!

Não é nossa a virtude nem o crime!
Só é nosso o remorso — e de maneira
Que, dando-nos a culpa, nos redime!

E fica sendo, pela vida inteira,
— Duro calvario, redenção sublime—
Nossa unica vida verdadeira!

II

Que altura de horisontes, que amplitude,
Ungida da mais celica harmonia,
Se alarga ao nosso olhar que se extasia,
Levado, nos remorsos, á virtude!

Quanto maior a nossa inquietitude,
Mais essa imensidade se alumia,
Que é nos infernos d'alma que se cria
Essa visão do Bem que não ilude!

Vemos, na dôr, o Bem—mas tão sujeito,
Pela tortura de o não termos feito,
A' nossa escura e fraca humanidade,

Que assim, tão belo e triste, faz lembrar
O vago das paisagens ao luar,
E as sombras erguidas na saudade!

III

Oh socegado rio cristalino,
Quem ousou perturbar, gesto impiedoso,
Teu curso enamorado e venturoso,
Reflectindo Deus inda menino?

Forte aragem da serra em desatino
Atravessou o espaço misterioso...
E um salgueiro, nas aguas em repouso,
Caiu com todo o peso dum destino!

Rio, sofreste a queda do salgueiro;
Teu curso afligiu-se — mas provaste
Que tinhas coração, ao vale inteiro!

— Alma que em lêdos sonhos repousaste,
Abrasou-te um remorso — e o verdadeiro
Negro abismo das almas revelaste!

IV

Caim, tragica sombra que nascêste
Para encarnar todo o remorso humano,
Se aos fraguêdos asperrimos te irmano
E' quando, em sonho fluido, a lua os veste!

Nasce da tua noite a luz celeste,
Mas a memoria viva faz-lhe dano!
E em nada, Caim, logras engano
Ao crime em cujas maguas te perdêste!

E confessas, a Deus, o teu tormento...
Só ele existe sobre a terra ardida,
Como, em más noites, só existe o vento!

Imagem de remorsos consumida,
De ti ficou, no mundo, o sofrimento,
Enchendo todo o coração da Vida!

Sonetos de Carcere

I

Ora uma esperança, ora um desalento,
Eis a vida que eu levo na prisão;
Sinto-me reduzido ao coração,
Mas nele a vida toda em movimento!

Se chego a Deus por este sofrimento,
Devo adora-lo... Sinto-me cristão.
Cada saudade minha é uma oração,
E alargou-me esta cela o sentimento!

Perdi aqui a vida transitoria,
Merecendo aqui, talvez, por minha dôr,
A que pertence a Deus por sua gloria!

Mas ai da alma! Como debil flor,
Cai nas agudas rochas da memoria,
Sem ter chegado ao mais divino amor!

II

A tão longa saudade destes dias,
E destas noites a tão longa dôr,
São uma bela penitencia, Amôr,
Por essas horas que eu tornei sombrias!

As horas que, entre nós, teem sido frias,
Por minha culpa, deixa-me supôr
Que já lhes deu ternura este calôr
Que sempre, como agora, mereciaS!

A minha culpa sinto-a resgatada;
Bemdita seja a cela condenada
A aprisionar tão longa saudade!

Bemdita seja, sim, pois a ternura,
Que agora sinto, vem desta amargura,
E por ela comungo a Eternidade!

III

Foi tudo farça—a começar no *Heroi*.
—E agora, morto o sonho, para onde,
Se o Deus do Bem cada vez mais se esconde,
Se o Deus do Mal cada vez mais destroi?

Farça? Eu sei lá bem o que isto foi!
Preguntas, para quê? Ninguem responde!
E por mais que me sinta e que me sonde,
Só compreendo e sinto o que me doi!

O que me doi—e não ter sido isto
Em holocausto á Patria, verdadeiro
Como, por nós, foi a paixão de Cristo!

Que é do Calvario após o captiveiro,
E o vulto, na Cruz, onde foi visto.
Se nem foi vista a sombra do madeiro?

IV

Doloroso estar preso, e doloroso
Sentir, recuperada a liberdade,
A' luz do sol a mesma saudade,
Sofrida lá na cela sem repouso!

Nada o mundo me dá de eterno goso,
Minha anciedade gera outra anciedade,
Nas almas passa a mesma impiedade,
Meu olhar continua duvidoso!

Minh'alma, agora livre, se definha
Sentindo que na cela, onde habitou,
Foram de mais as maguas que lá tinha!

O mundo, que era mau, não melhorou,
Nem se fez bela a Vida—tão mesquinha
Que parece que Deus a não criou!

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Carreiras regulares mensaes entre o Norte da Europa e Norte e Sul do Brazil

LINHA DO SUL DO BRAZIL:
para Funchal, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DO NORTE DO BRAZIL:
para Pará, Maranhão, Ceará, Cabedelo, Natal, Pernambuco, Maceió, Baía e Vitória.

LINHA DO NORTE DA EUROPA:
para Havre, Anvers e Hamburgo.

LINHA DE INGLATERRA:
para Liverpool e Avonmouth.

Para passageiros e carga tratar com **OS AGENTES**

PINTO & SOTTO MAYOR
(SECÇÃO MARITIMA)

LISBOA — RUA DE S. JULIÃO, 174, 1.º — Tel. C. 652

PORTO — 28, PRAÇA DA LIBERDADE, 29 — Tel. 2764

Capital autorizado: Esc. 100:000.000$00
Capital realizado: Esc. 20:000.000$00

Sucursaes em S. Thomé, S. Vicente de Cabo Verde, Loanda, Benguela, Lourenço Marques, Inhambane, Moçambique, etc.

Filial no Funchal

Correspondente no Porto: PINTO & SOTTO-MAYOR

Correspondente no Brazil: BANCO PORTUGUEZ DO BRASIL

Telegramas: PROCOLONIA
Telephones:
Direcção: 3640-C.
Gerencias: 3641-C.
Expediente: 3642-C.

Banco Colonial Portuguez

SÉDE:
Rua Aurea, 175 a 191
LISBOA

Correspondentes em todas as localidades do Continente, Ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiaes e de moedas e notas estrangeiras, pagamentos por ordens telegraphicas e por correspondencia, cartas de credito, ordens de Bolsa no Paiz e no estrangeiro, compra e cobrança de «coupons», emprestimos caucionados, transacções sôbre mercadorias, etc.

TAPETES DE BEIRIZ

(Pat. Reg.)

Medalha d'ouro — Rio de Janeiro 1923

FABRICA EM CALVES-BEIRIZ a 3 km. da Povoa de Varzim

End. Teleg.: TARIZ — POVOA DE VARZIM
LISBOA — RUA IVENS, N.º 30

FABRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE, L.DA

Ilhavo — Portugal

FUNDADA EM 1824

POR

JOSÉ FERREIRA PINTO BASTO

Premiada com o diploma de honra na Exposição Internacional do Rio de Janeiro em 1922

Administração: 17, LARGO DA BIBLIOTECA PUBLICA

TELEFONE, C. 5232

WAGONS E LOCOMOTIVAS

Da importante fabrica alemã

Linke-Hofman-Lauchhmmer

Representantes para Portugal e Colonias

COMPANHIA PORTUGUESA DO ULTRAMAR

Rua do Carmo, 15, 1.º

TELEF. C. 1723

PAPELARIA — Praça Luiz de Camões, 43
TIPOGRAFIA — Rua do Ferregial, 12 a 20

Papelaria Camões

DE

Augusto, Rodrigues & Brito, L.da

42, Praça Luiz de Camões, 43 — Telf. C. 1040

LISBOA

Grande variedade em objectos para escriptorio, livros para escriptorio e escolares, estojos para desenho, papeis para flôres e muitos outros artigos

Grande sortimento de objectos para pintura a oleo e aguarela

Secção de tipografia

RUA DO FERREGIAL, 12 a 20 — TELEF. C. 697

Grandes oficinas movidas a electricidade

ENCADERNAÇÃO E PAUTAÇÃO

Trabalhos simples e de luxo

OS ISOLADOS DO MUNDO

Os leprosos DE PORTUGAL e o hospital de Coimbra

Ha terras portuguezas onde os lazaros enterram os seus proprios membros

O hospital foi um velho convento, convento de freiras humildes, todas irmãs como flôres, como creanças, que aos dez anos andam a bricar na rua.

Tem ainda a mesma fisionomia apagada e esquecida; a mesma pedra magoada de dôr; os mesmos claustros profundos, onde as fontes choram; os mesmos azulejos de biblias; e até as rosas, que rebentam nos jardins fechados, parecem esperar a novena dos clausuristas para serem sangue, para serem pecado, para serem amor, aos pés de Cristo.

E' o hospital dos lazaros, sobre Coimbra velha, aberto ao sol, como a chaga dum mendigo. Chego á janela—e é todo luz, farrapos de sonho, cisnes brancos, violetas de aromas, que se evolam no Mondego e se prendem na pilhagem cansada dos choupos, embaciam as montanhas distantes, azuis como os lagos profundos, longas e afiladas como os perfis das catedrais seculares, distantes e vaporosas, infinitas e maravilhosas como o fundo dos quadros dos primitivos. Paisagem igual, tão suspensa de poesia, de esquecimento e de quietação só a tem *Gioconda*, a do sorriso eterno, eternamente vivo e misterioso.

Do hospital a terra é linda, para ser mais triste aos olhos do mundo. Tudo é deles—mas entre eles e a vida está a morte, está o silencio, está o abandono. Os cegos têm a saudade do que viram, mas quando vão pelas estradas, entre as rosas, entre as searas, ha sempre aquela rapariguinha descalça, silvestre, perfumada, Marianela em flor, que lhes solta as tintas da alvorada, e repete as canções dos ninhos, e lhes dá toda a luz das estrelas... Os lazaros, não. Para eles—a saudade é constante, tão constante como as lagrimas, numa oração de mulher abandonada. A beleza da terra, o azul liquido e imenso das noites transfiguradas; os poentes de incendio; os fins do crepusculo; as caricias na cabeça loira duma crianças; o amor, a vida, os proprios beijos,—morrem nos seus olhos, e ficam lá longe, muito longe, como um paraiso proibido.

Erguem as mãos como naufragos, ajoelham, choram, clamam, invocam, e já gritam com violencias vermelhas, com loucuras estridentes, rasgando a carne, esmigalhando o coração... Para quê? Para quê? Se os homens os deixaram até ao fim da vida, abriram de par em par o imperio da morte, horrivel, silencioso, e inegualavel, onde não nasce uma piedade, um amor, abandonando os para sempre!

Cada vida—cada supplicio. Cada corpo—cada cadaver. Cada alma—cada larva.

Eles não falam, não sabem falar; o isolamento aniquilou-lhes o coração. Encolhem os dedos, escondem-nos, inuteis, vencidos, roidos de lepra, sabendo que as flores morrem a mesma caricia, que as cartas que escrevem cheias de saudades levam a morte nesses saudades.

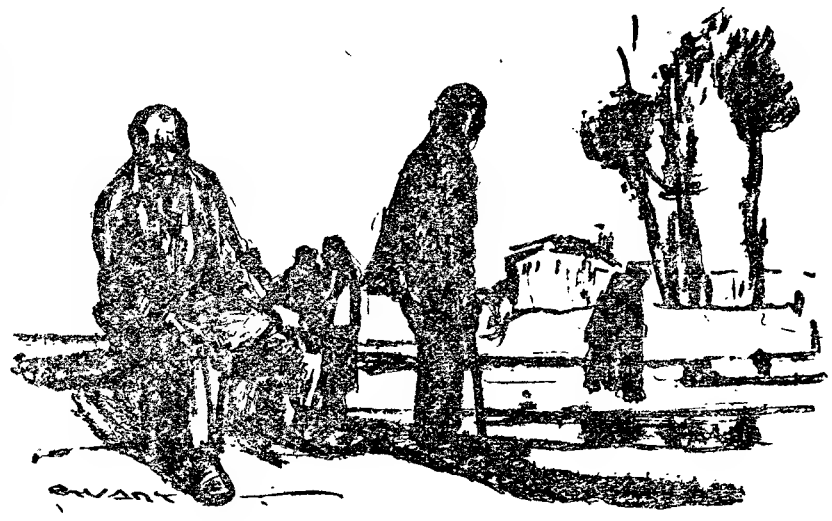
Isolados do mundo! Isolados da vida! Isolados do amor.

Nos hospitais, presidios e cadeias ha sempre, vida doente, vida encarecerada, vida mutilada, mas vida que tem sol, mas vida que espera anciosa, mas vida que palpita por ser livre, renascer, viver.

Aqui, não. A vida é morte. E' o inferno, é o sepulcro, é a larva, que congela em cinzas.

* * *

Entro no hospital. Anda comigo o dr. Rocha Brito, a desculpar a pobresa da sua casa — uma pobresa que espera o arrependimento carinhoso de nós todos. Já



vamos trepando pelas escadas, onde ha nichos, desertos de almas.

O medico confia que nós levemos até Lisboa, a goyesca infernal de lepra, da morfeia, da elefantasis, que nos vai mostrar.

Uma ordem — e os doentes surgem. Ha um ranger de reptis; um vasculhar de larvas; um arrastar de mulêtas, e o bando surge, no limiar da porta, pára, fita-nos, emquanto um olhar de odio crepita na pupila sangrenta. São dez... quinze agonias... São dez... quinze convulsões satiricas, ferozes, um incendio de sangue, um gotejar de puz. Ha um — é agora, e veio pelas estradas até Coimbra, de valado em valado, açulado pelos homens, perseguido pelos cães, apedrejado pelos garôtos, devorando a sua propria fome, liquifazendo-se em podridão; a carne a queimar; um lupus, na face, gotejando, decantando materia e sangue... Agora é apenas uma ruga, uma ferida, um sorriso convulso aberto numa pedra, porque o corpo anestiziado está inerte, petreo, gelado.

Encosta-se ao cego, um pequenito de dez anos. Olha-o como um pai — filho do mesmo mal, a lepra. Este vê e tem a mascara inchada, tumefacta, onde pequenos tuberculos inflados, lembram pretuberancias de risorma.

O dr. Rocha Brito, traça o diagnostico:

—Outra caracteristica da lepra *Facies* leonina.

Mas vem o mais antigo do hospital. Vinte anos, passados ali, sem amor, sem mãe, entre a pedra do velho convento, como uma pedra a mais. E' uma face descomposta, apopletica, sangrenta, com veias violaceas, boca desfeita, torcida, com *tics* nervosos. Ele mostra as mãos, isto é, os ossos. A lepra corta á navalha os dedos e as falanges caiem, sem dôr, sem ferida, deixando apenas uma cicatriz amarelada. Em algumas terras de Portugal, Gois, por exemplo, os lazaros, enterram os seus proprios membros. Quando morrem, o cemiterio, recebeu apenas um tronco.

* * *

O enfermo tem ainda outros abismos. Em cima, a dôr é só aparencia. Em baixo, a dôr é realidade.

Passamos agora á enfermaria das mulheres.

Estão aqui os casos da sifilis. Ha um cheiro acre de alcool. Injecta-se *salvarsan* nas veias das doentes, e o liquido amarelo, grosso, vai diminuindo na seringa, milimero a milimetro. Algumas choram, o seu amor envenenado, virulento, cruel...

São agora as leprozas. Algumas são belas — desta belesa triste, parada e imovel, que não tem um sorriso, que sofre sem saber porque. O dr. Rocha Brito, piedosamente, nunca pronuncia a palavra *lepra*.

— Uma doença de pele, dificil de curar. Não é nada, verás... Um mês mais e estás boa.

Ha uma então, de olhos inocentes, sem macula, que se ergue, invoca a sua aldeia... o regresso... a promessa a Nossa Senhora.

Tem o primeiro prenuncio da morfeia. A cara tem rosas vermelhas, rosas acesas — o primeiro incendio da lepra, que já lhe dilatou a garganta. E' linda, como uma flor silvestre.

Outro caso: E' um tratado completo: a morfeia no ultimo periodo. Está todo rolado de linhas, que extravasam sangue. A boca é um hiatus. A gangrena sobe, alastra, num vulcão de chamas.

Os olhos desappareceram-lhe já, são duas ulceras. O corpo arde; o sangue é lava. As pernas mortas por completo, apodrecem, tumefatas, atacadas de elefantiase.

Já não tem sensibilidade, já não vive, já não pensa. O corpo é um sarcafego, guardando uma chama; o coração. Podem-na retalhar, trabalha-la a bisturi, arrancar-lhe os membros, que ela não sofre, E vai morrendo, devagarinho, gota de sangue a gota de pús, aqui uma lagrima, logo um soluço...

A paisagem de Coimbra adormece em sonho, em claridade, em eter. Ouvem-se guitarras a tocar sobre o Mondego... Caem lagrimas das fontes, no silencio dos claustros. São mais vermelhas as rosas... A vida canta, a terra canta... cantam as azas que passam no ceu, e as raparigas que lavam no rio.

Só eles, os lazaros, esfarrapados, abandonados, membros torcidos, mascaras de sarcasmo, sangrentas, a arder; lavas que remexem, corpos torcidos, disformes e abjectos, como os reptis; cuspindo sangue, esvurmando gangrenas, isolados do mundo, da terra e do homem, erguem para Deus, os seus braços malditos, recusando a vida, pedindo a morte...

Artur Portela

Para conseguir cabeleiras assim, usai o
OLEO DE MAO DE VACA

Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexiveis e evitando a caspa.

50 anos de venda asseguram os seus bons efeitos.

Frasco 1$500 réis — Pelo correio 2$500

PERFUMARIA MENDONÇA
43, Calçada do Combro, 47—LISBOA
TELEF. C. 103

ARMAZEM DE DROGAS
Tintas, Vernizes, Productos chimicos, e Pharmaceuticos

Perfumarias, Brochas e Pinceis

DEPOSITO DO
CASSIONOL
ALVAIADE MARCA
«ANCORA»
ENDEREÇO TELEGRAFICO: **ALMÕES**

ALVES & SIMÕES,
SUCCESSOR, LIMITADA

ESCRIPTORIO	DROGARIA
RUA DE S. PAULO, 216, 1.º	**210, RUA DE S. PAULO, 212**
TELEFONE 3028 C.	TELEFONE 2717 C.

EMPREZA ELECTRICA, LIMITADA

ESTORIL—Grande Parque do Estoril. Telefone, 90
SINTRA —Telefone, 28
LISBOA —Rua da Prata, 120-122. Telefone, central 3198
LISBOA —Ofinas: Largo de Santa Marinha, 26. Telefone, central 3198

ELECTRICIDADE

Instalações completas, Lustres em todos os estilos, Placas e Plafoniers, Telefones, Pára-raios, Ventoinhas, Motores, Bombas e material electrico.

MATERIAL SANITARIO

Encanamentos para agua, gaz, aquecimento central, montagens completas para casas de banho, artigos para consultorios e laboratorios.

Reparações em aparelhos electricos
Orçamentos e desenhos

Analises
Vacinas e sóros
Instrumentos cirurgicos
Aparelhos de medicina
Mobiliario cirurgico
Oficinas proprias
Productos chimicos e farmaceuticos

ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
ESTABELECIMENTOS · LISBOA - PORTO · ALVARO CAMPOS

ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
R. GARRETT, 103-1.º

RESTAURANT FRANCO-ITALIEN-SUISSO
(ANTIGO CAFÉ SUISSO)
LARGO DE CAMOES, 10

Ponto de reunião da sociedade elegante—A melhor cosinha internacional de Lisboa—Todos os dias almoços das 12 ás 15—Serviço rapido e especial

PRATOS DO DIA

Especialidade, Hors d'œuvres, 4$00 á vontade
CADA PRATO 7$00
2.ª feira—Crabonade Flamand, Irish Stew
3.ª feira—Tripes mode de Cain, bœuf portuguaise
4.ª feira—Polpettine Lombarda, Pigeon pie
5.ª feira—Pocero Valencienne, Cassoulet toulousieinne
6.ª feira—Morue portugueise 5$00, Bouillabaise Marsellaise, Steack Kidney Pey
Sabado—Moussacka Moldave, Stracotte aux gnocchi
Domingo—Ravioli bolognеise, Gigot à l'anglaise, Poulet cocotte
JANTARES DE GALA AO DOMINGO A 17$00

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES
RIO DE JANEIRO 1908 GENOVA 1894 TURIM 1897
LONDRES 1895 LISBOA 1898 PARIS 1900
MOSTUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1910, ETC.

Vinho Nutritivo de Carne

É o melhor tonico nutritivo que se conhece, fortificante, reconstituinte, desenvolvendo rapidamente o apetite, enriquece o sangue e fortalece os musculos. O seu uso é indispensavel em todas as convalescenças e casos de fraqueza geral. E' hoje o tonico mais recomendado pelos Medicos. Mais de 30 anos de resultados sempre eficazes. Um calix desto vinho representa um bom bife.

DEPOSITO GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 174-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

COMPANHIA DE SEGUROS LUZO-BRASILEIRA
"SAGRES"

Séde social: Rua Aurea, 191
LISBOA

Representantes no Brasil: SOTTO MAYOR & C.ª

Filial no Rio de Janeiro: Rua 1.º de Março, 61, 1.º

Telefones { EXpediente 2657 / Direcção 2961

Telegramas: SEGURAGRES

Banqueiros: PINTO & SOTTO MAYOR

Seguros terrestres e maritimos, seguros agricolas, seguros postais

Delegado no Porto: Pinto & Sotto Mayor

Agentes em todo o país

REPORTAGENS

Impressões

DUM PASSEIO

no bairro

velho

de Alfama

Vejam os senhores como o ambiente nos modifica, como a gente, julgando que domina e que se domina, não consegue superiorisar-se á influencia bôa ou má duma hora, á fascinação dum raio de luz que nos deslumbre o olhar, ou ao pavor dum silencio que nos venha da treva! Fomos ontem a Alfama; e, porque havia sol, e porque andava nas vielas a vid'airada do povo; e porque as mulheres cantavam, nos esconsos do bairro, o disfarce resignado do seu destino; e porque o rapazio enchia aquilo tudo dessa alegria sã que a inocencia dá a todos os quadros, por mais sombras que a tinta lhes ponha, tornámos de lá contentes, o canhenho a trasbordar de notas para uma reportagem que tivesse graça, e tivesse levesa, e fosse, nas possibilidades descritivas do jornalista, alguma coisa parecida com um desafio ao sorriso amigo de quem nos lêsse.

E afinal... o sol, vimo-lo morrer pouco depois, além, n'aquela curva do horisonte onde terminava para a ilusão dos olhos a imensidade da sua rota; afogou-se, rubro de chamas, no prateado falso do Tejo; veiu a noite, presaga de sombras; está a chuva a tactear, como um ladrão medroso, as telhas da trapeira; rnda o vento enraivado, lá fora, a encorajá-la com silvos sinistros que lembram uivos de fera; e .. isto entristeceu-nos; e as cantigas das mulheres soam-nos agora como gemidos de sofrimento, e as manadas de petizes que lá vimos retoiçar, resuscita-as a memoria como um bando tragico de condenados; e até o sol no-lo restitue a retina transformado em banho de luar que andasse a tingir de melancolia as paredes velhas do casario. .

Paciencia! Faça-se assim mesmo a noticia; já que a todos nós, tanto blasonando de fortes, uma nesga impalpavel de luz ou um sôpro imperceptivel da aragem bastam para nos transtornar os planos que tinhamos por mais seguros.

* * *

—Oh seu Zé Quitolas: passe p'ra cá as cartas. Estemos aqui quatro fixes pró liques!

O dono da tasca recusou-se:

—Nã queremos cá batota. Isso foi tempo... Ademais o baralho não é meu. Vocês bem sabem que foi o Gandaia que o pagou.

—Ess'agora! Mas a gente támem bebemos; raio! Cada bola, meia lata... Valeu?

—Nada, nada. Não vou nisso.

Os homens, negros da faina, os olhos a faiscarem desengano e zanga no sujo de carvão que os circundava, tiveram, num repente, um entendimento mudo, e obedeceram:

—Tá bem, homem! Não s'amofine. Assim com'assim, a gente em morrendo vai deitado. Bote lá quatro em dois, c'aqui o Verruma mais o Lindo amodos que estão hoje agoniados.

O carvoeiro fez dois traços de giz na conta corrente da pipa; encheu dois copos metendo-lhes os dedos dentro para os segurar; os fregueses beberam, com a lingua a estalar de apetite; e entrou em scena um outro personagem:

—Eh vadiagem! Lá andam vocês na sina!

A recemvinda, uma rapariga morena, desembaraçada, o chaile traçado em diagonal sobre as mamas, avançou até ao balcão da loja; instalou-se num banco de pinho; e os homens começaram a fazer-lhe festas como quando se alisa com as mãos o pelo de uma gata.

—Atão... diz que andas p'ra juntar a roupa co' Antonio da Galé? Olha qu'a gente quer ir á boda; hein...? E tens que dar a pernada... vê lá...

— Ora... E vocês a darem-lhe! O raio do lesma... O' filhos, p'ra cá não pega. Já estou farta de dar asilo ..

O olhar enevoou-se-lhe, turvado por qualquer recordação subita de magua; bebeu, calada, um copo do vinho que lhe deram; e, quando estava limpando os labios ao avental, veiu outra á porta chamá-la:

— Oh Rosa! Vai ali o Antonio da Galé...

— Aonde? aonde?

E lá foi de escantilhão, atrás daquela fatalidade invencivel do seu fado.

* * *

No beco do Mexias está o tanque das lavadeiras. Andam p'r'aí os hyper-civilizados de agora a vangloriar-se da sua neurastenia de luxo; a florear dengosidades no Carnaval decadente da Baixa; como se fosse documentação de valor, a feminilidade dessa impotencia mental que vive da babugem dos cafés ou dos salamaleques das salas; e mal sabem eles, de tanto que os preocupa a sua dôr, e de tanto que os vincos das calças os empertigam, quanto ha de belesa, de emoção forte, de vibração sã, de colorido inspirador, naquele trecho lindo das lavadeiras de Alfama.

Vão lá vêr; que não lhes caiem, por isso, os parentes na lama. Vão lá vêr, e saberão como, aqui a dois passos da Baixa, onde a miseria mais ou menos dourada se estadeia, num vai vem interesseiro de vicios, de hipocrisias e de vaidades parvas, as mulheres do povo ensinam as outras todas, num contraste, a levar de vencida, sem queixume, e sem deshonra, os trabalhos que a vida tem.

A sr.ª Antonia, uma velha barbuda e com voz de macho, que a Camara tem lá ao fundo do alpendre, numa barraca de taboas, vende as senhas a três tostões, e faz, sem chanfalho nem *casse-tête*, o serviço da policia. E é que ninguem refila, quando ela troveja alguma ordem, lá da fresta da caranguejola em que a sua autoridade se aninha.

—Isso... não se admitem cá farregos. Aquele que m'arrefilasse, comigo se tinha de haver.

—Ha penalidades estipuladas?

—E' com'o outro que diz: têm agua com fartura, e já andam com sorte...

—E... no tocante a linguistica pornografica?

—Têm aquela taboa p'ra pôr na frente da barriga.

—A sr.ª Antonia sabe lêr?

—Hom'essa! Então como houvera de eu ser funcionaria?... Isto tem muito que se lhe diga; nem todos lhe metiam o dente...

A' volta do tanque ia um cochichar de risos que denunciavam o giro de alguma canalhice segredada. Uma rapariga, vulto de esbelteza rara que se destacava do rancho, córou; conteve um desforço que lhe encolerisou o olhar; sobraçou a trouxa da roupa num geito de ameaça, e saiu, com modos de desafio, a cantar uma quadra triste das que envelheceram na plangencia do fado.

—Vá lá meninas...—interveiu a fiscal a impor compostura.

—A rapariga parece que vai de má catadura...

—Coitada... Era uma moça de truz. Agora... já deu o que tinha a dar... Pst! Oh lá da ponta: mande lá os miudos p'r'a rua. Isto aqui não é colegio.

—E' só um bocadinho, «ti» Antonia... Tenho medo de os deixar sósinhos...

—Nada! Nada! Deixemo-nos cá de cantigas. Não quero a garotada cá no estabelecimento! Senão, não lhe vendo a senha...

—Vão lá p'r'a porta, filhos! Isto... desgraçado de quem é pobre. Vão jogar o «Santinho», emquanto a mãe lava; que isto é um instantinho.

Os três inocentes a quem o veto expulsara, desagarraram-se, a chorar, das saias da mãe e foram-se á força para o á-vontade da gandaia.

—Vê? Vê como elas me obedecem?—rematou a velha, para nós, a impar de poderio.

* * *

Os senhores já viram por aí, nas ruas, uns homens que vendem o sr. Bernardino Machado feito em barro; o papagaio na gaiola; e galos de pernas de arame?

—Cumprimenta todos... é barato! Papagaio p'ro menino! Papagaio p'ro menino! E' barato! E' barato!...

O pregão arrasta-se do cimo do Chiado ao começo do Rocio; espalha-se pela Baixa, no comercio vadio das esquinas; vai pela rua da Palma adeante, numa teima, até onde cheira a forasteiros; e a gente vai seguindo e congeminando, ao compasso, quasi, daquela toada que é um mixto de *charge* e de fome:

—Quem terá sido o maduro que fez ganhapão da brincadeira?!

Pois descobrimo-lo ontem. O maduro... é uma madura que móra em Alfama, na rua da Alfurja, ou coisa parecida. Molda os bonecos; cose-os ao sol; e é ela que os aperfeiçoa á navalha, e os pinta depois, com aquela bizarria de côres que os senhores vêem.

Quando nós a vimos, estavam uma data de galos, a enxugar, enfileirados em taboas na valêta da rua. A industrial, uma matrona unxundiosa, de cara descorada, dessas que estão a despedir-se da mocidade, riu-se primeiro; piscou um olho depois, num incitamento de traição; e... não fez preço á mercadoria.

—Aves destas, preferimos pagar á tabela...

—Não senhor; dou-lh'o de graça. Para mais, não tem pintura...

—A menina é que os pinta?

Uma velha que se achegara, riu da pregunta, e desandou, para a esquina a resmungar:

—E bem pintados... Ah! Ah! Ah! Ora o raio do homem...

—Deixe-a falar, meu freguez; o que lhe falta é uma coisa que eu tenho.

—Sim, sim; tambem não tens mais nada. Bem podes pô-lo a render...

—Tu vês a coira a provocar-me? Depois se lhe arrombar co'a cachola, oh da guarda que sou rufia...

—Deixa-a lá, filha. A gente bem sabe onde lhe doe! Ficaram-se a dos bonecos e uma amiga, a comentar o incidente; e, quando nos virámos a um beco, a distancia surgiu outra vez a velha a completar o descredito:

—Eu cá, Deus me perdôe, não sou de ditos. Isto até me faz impossivel. Mas é só para o senhor não ficar pensando que me comparo com ela.

—Vocemecê estava a descobrir-lhe a careca.

—Aquilo que eu disse veiu á colecção da pintura. Não vê o senhor que ela amigou-se para ahi com um «trouxa» que fazia os bonecos. .

—E depois?

—Ora... levou o ó engano: roubou-lhe as fôrmas; aprendeu a pintar—que ela só agora é que pinta..., e assim que se apanhou governada, correu co'a sorte ó desinfeliz. Eu é que não sou de intrigas, senão tinha-lhe escarrado tudo nas trombas. Que é para lhe abaixar a feducia... Quem não a conhece, não a leva presa. E veja lá o senhor como as coisas são: mesmo assim, tira o ganho ás outras todas...

Quando ind'agora, iamos fugindo, no Chiado, aos encontrões da multidão, a velha da verrina, a apregoar na calçada do Sacremento os produtos da bonequeira:

—Cá está para acabar! Quem compra a dois tostões um gaio pr'ó menino?! Cumprimenta todos... é barato! E' barato!

E o sr. Bernardino Machado, agitado na mão da pregoeira, ia cumprimentando um galo preto que o acaso lhe puzera em frente...

* * *

No largo de S. Miguel, clareira em que o sol se vinga da estreiteza das vielas, andava, pela mão duma criança, um velho a mendigar. Se vocês o vissem... Metido num gabinardo que devia ter fóros de museu; a cabeça encafuada num carapuço de frade; a barba apostolica a saír-lhe por uma fresta, como as plantas que buscam a liberdade pelas frinchas das estufas; os olhos muito abertos numa imobilidade de cadaver; o pobre cego lembra todo o passado do bairro a escoar-se por ali, como um fantasma, pelo escuro devassado já, daquele labirinto de ruas onde a gente mal cabe:

—97 anos, senhor! Feitos em 8 de fevereiro do ano que vai correndo!

—Viuvo?

—Sim, meu senhor. A companheira, levou-ma Deus no dia 23 de março de 1910. O senhor a tenha á sua santa guarda!

—Vive de esmolas...

—Vivo assim, aos baldões da sorte. Se eu pudesse vêr... se eu pudesse trabalhar... se a mulher fôsse viva... Ah! meu senhor! quantas vezes peço a Deus que me dê por findo o fadario...

—Tem alguem de familia?

—Tenho a minha nora; e tenho esta netinha que anda comigo na via sacra; e todos me tratam bem; e todos têm dó de mim. Só Deus é que não tem dó, para me dar a morte por descanso de tanto sofrer...

* * *

Aquele homem, por mais que me digam, era o bairro velho de Alfama, que andava ali a mendigar. Antiguidade que o tempo sagrou e vai fazendo apodrece. Alfama tem alma ainda; e a alma de Alfama, é aquele cego que nós vimos, a chorar, com resignação de crente, as saudades do passado, a amargura da impotencia a que o destino o reduziu, a tragedia de uma vida que foi feliz e está prestes a desabar. Vive da caridade do publico, como as familias do sitio vivem do credito do merceeiro; anda aos baldões da sorte, como os inquilinos pobres que andam por lá, tambem, á mercê dos senhorios; todos o tratam bem, mas ninguem consegue restituir-lhe a tranquilidade feliz que um dia lhe fugiu, no amor das mulheres e na aventura das surtidas, no ululer das revoltas em que havia grandeza, no trastejar das naus, em que havia fé; na hediondez das forças, até, em que havia, com a tragedia da morte, a galhardia do tempo em que se sabia morrer.

—97 anos! Bons tempos, senhor! Se eu podesse ver... se a mulher fôsse viva...

Aprigio Mafra

(Desenhos de Stuart Carvalhaes)

Empreza Comercial de Maquinas e Electricidade, Limitada

Rua da Palma, 225-235—LISBOA

Telefone: N-3580 Telegramas: DYNAMICA

Central electrica do «Diario de Lisboa» com motor NUK de 30 H. P.

Representantes de:

Schäffer & Budenberg
(Magdeburg)
Acessorios para maquinas e caldeiras de vapor

Ganz Elektricitäts A. G.
(Budapest)
Maquinas e material electrico de alta e baixa tensão para todas as potencias
Tracção electrica—Tubo-alternadores

Neufeldt & Kuhnke
(Kiel)
Motores a oleos pesados NUK

C. H. Jaeger & Co.
(Leipzig)
Bombas centrifugas de alta e baixa pressão
Tubo-ventiladores
Bombas de pressão rotativas

Stock de maquinas e material electrico
Instalações industriais
Centrais electricas
Instalações electricas para luz e força motriz

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13.500:000$

SEDE EM LISBOA

RUA DO COMERCIO, 148

(Vulgo CAPELLISTAS)

Caixa Filial no Porto

Agencias em todas as capitaes dos distritos administrativos do Continente e ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã e Guimarães, na Figueira da Foz e em Setubal.

Correspondentes nas principaes terras do paiz. Correspondentes nas Praças principaes da Europa e do Brasil.

OPERAÇÕES: Descontos, transferencias, emprestimos e creditos em conta corrente, com garantias determinadas pelos seus estatutos.

Compra e venda de cambiaes, cartas de credito sobre praças estrangeiras, depositos de dinheiro e de valores e todas as transacções que pela naturesa especial da sua instituição lhe são permitidas.

C. Mahony & Amaral, Limitada

Travessa dos Remolares, 23

LISBOA

TELEFONES { Central 586 » 3679 TELEG. } Mahony—Lisboa

Armazem de Ferro e Metais

Grandes depositos de ferro em chapa, barras e verguinha, aço, cobre e latão

Secção Velocipedica

Bicicletes e todos os acessorios — Grandes depositos permanentes— Acessorios e «Pneus» PIRELLI

ELECTRICIDADE **Material electrico dos melhores sistemas e fabricantes**

LAMPADAS «PHILIPS»

Candieiros e todo o material para incandescencia pelo GAZ

LUZ IDEAL

Nova luz de incandescencia pela gazolina

Secção de Maquinas

Maquinas e utensilios para todas as industrias—Motores electricos a oleo, gazolina e gaz pobre—Bombas para elevação de agua

Instrumentos geodesicos e de precisão

Representação das mais importantes fabricas europeias e americanas

Materiais de construção

Artigos dentarios

Deposito permanente de dentes e mais artigos dentarios para consultorios e ateliers

Reis & Sá, L.da
CAMBISTAS
Compra e venda de notas e moedas estrangeiras, titulos nacionais e estrangeiros, ocupons, ordens de bolsa e lotarias
RUA DO OURO, 152 - LISBOA
Telefone 2815-C.

ESTRANGEIRO

«SALICILINO»
O MELHOR CALICIDA
CAIXA 2$00
DEPOSITO GERAL
RUA DA BETESGA, 16-1.º

DE FRANÇA

Conflito grave entre comunistas e socialistas-nacionalistas

PARIS, 7.

Realizou-se uma reunião eleitoral em Francfort sobre o Meno, promovida pelos socialistas-nacionalistas. Intrevieram os comunistas, tendo havido uma enorme rixa.

Finalmente, da parte dos comunistas, foi lançada uma bomba, que feriu gravemente oito pessoas, que foram conduzidas ao hospital, pondo-se por esse motivo os manifestantes em debandada. A policia interveiu dando cargas.—(R.)

Foi adiada

a entrega dos relatorios

PARIS, 7

Foi adiada a entrega dos relatorios das comissões de tecnicos. Os membros do comité presidido pelo general Dawes reunirão hoje para discutir a ultima redacção do relatorio. Hagrande dificuldade em publicar esse documento devido a que parte foi escrito em inglês e parte em francês e as traduções ás veses não satisfazem o autor do documento. Os tecnicos expõem a fraude gigantesca da pretendida pobresa alemã demonstrando que com um pouco de vontade por parte dos aliados será possivel crear uma moeda alemã estavel e desviar do oreamento geral largas somas para o pagamento das reparações.—(R.)

INDUSTRIA

Trespassa-se por 15 contos de um artigo muito antigo e muito conhecido, dando bons lucros e em plena laboração, pequeno empate de capital. Carta á Rua Augusta, 270, 1.º a E. U. 1899.

CALÇADO
LUXO — MANUAL
para senhoras e homens
desde 60$00 a escolher
P. Restauradores, 13-1.º

FORNECEDORES DO ESTADO

Artigos de papelaria

Para seu interesse convidam-se todos os fornecedores destes artigos a comparecer a uma reunião que se realisa ámanhã, terça-feira, 8, pelas 3 horas da tarde, na rua do Ouro, 167 a 173.

CARTA DE PARIS

A mulher persa e o que nos diz madame Dowlatabadi

Madame Dowlatabadi é a unica mulher persa que conseguiu obter um passaporte para sair sósinha ao estrangeiro. Viaja ha um ano; esteve na Suissa, na Alemanha e reside em Paris ha uns cinco meses. Bastante nova, uns trinta anos apenas, ela é a alma do feminismo na Persia.

Com uma simplicidade quasi infantil, sorrindo sempre, Madame Dowlatabadi conta-nos a sua vida. Liberta do jugo conjugal por meio do divorcio, uma só ideia a preocupa: elevar a condição da mulher persa, instrui-la, criar-lhe uma personalidade que ela não tem e prepara-la para ser a verdadeira esposa e companheira do homém. Em tudo isto ha a ideia de Patria.

Madame Dowlatabadi pensa que a Persia só será um grande país, só poderá elevar-se á altura do seu velho passado glorioso, se a mulher conseguir sair da condição verdadeiramente inferior em que vive.

Uma tal propaganda era dificil e perigosa; mas Madame Dowlatabadi não desanima. Fecha-se em casa durante dois anos, sem sair uma unica vez, conseguindo fundar um jornal, que manda distribuir gratuitamente.

Depois lança as bases duma associação feminina, permitindo a sua entrada a todas as mulheres, sem distinção de religião, grito de revolta que assalta todos os fanaticos mussulmanos.

Mas os fundos dessa associação destinam-se a proteger as crianças pobres do sexo feminino e cria-se uma escola onde, a par da instrução primaria, as creanças aprendem um oficio.

Pela primeira vez não ha distinção entre judeus, armenios ortodoxos, mussulmanos, e os descendentes dos antigos persas que ainda hoje professam a religião de Zoroasta.

As crianças protegidas por essa associação têm um uniforme especial azul escuro. Isto já representa tambem um progresso, porque a mulher persa só pode vestir «o tchiador» uma especie de saio preto, com um capuz.

Assim vestidas e com um bocado de tarlatana tambem preta a esconder-lhes o rosto, elas devem parecer verdadeiros fantasmas! «

Ao menos as turcas podem vestir côres claras!

E madame Dowlatabadi descreve as primeiras dificuldades que tem encontrado no seu caminho, a oposição sistematica da parte dos homens, ciosos do seu poderio, e até de algumas mulheres que ainda estão agarradas ás tradições. Mas, pouco a pouco, o partido feminista vai aumentando; a mocidade, sobretudo trabalha com entusiasmo.

— E quais são os principios feministas?

— Trabalhamos, especialmente, para abolir a poligamia; desejamos tambem poder escolher livremente os vossos mandos, acabando de uma vez para sempre com a separação da sociedade masculina da feminina. Hoje cada habitação deve ter dois pavilhões: um para o marido, onde ele pode receber os seus amigos e outro para a mulher ou mulheres onde só o marido pode entrar.

Queremos desenvolver a instrução feminina até hoje bastante atrazada. Ha apenas vinte anos que existem escolas para raparigas! No programa feminista entra tambem a luta contra a lei que permite as casamentos aos 9 anos. Para combater este habito que tão prejudicial tem sido a raça persa, escrevi um romance (o primeiro romance assinado por uma mulher) contando a vida de uma desgraçado que, tendo casado aos 9 anos, morreu aos 19, envelhecida como uma mulher de 50 anos!

O romance já produziu os seus efeitos.

Mas, no campo, o habito continua.

—E pensa que conseguirão brevemente a abolição da poligamia?

—Espero-o firmemente. Quatro mil raparigas já prestaram juramento de não casarem emquanto existir a poligamia. Este numero aumentará, e o governo não terá outro remedio senão ceder.

—Mas os europeus que têm viajado no Oriente dizem maravilhas dessa vida tranquila dos lares mussulmanos.

—Tudo isso não passa de poesia. A' mulher persa não é permitido o menor divertimento e, como não trabalha, nem tem instrução para poder cultivar o espirito, a sua vida arrasta-se cheia de monotonia e de sofrimento. As doenças nervosas arrebatam uma grande maioria da gente moça que tem cada vez mais necessidade de ar livre e de exercicios fisicos.

— Sou mossulmana, filha e irmã de grandes dignitarios da igreja, e até descendente do profeta Mahomet. Mas as reinvindicações feminista não envolvem o menor ataque á religião.

As nossas camponesas são livres, trabalham ao lado dos homens e vestem-se como querem. E quanto á abolição da poligamia, vejamos o que diz o Alcorão: «O homem pode casar com mais de uma mulher, mas com a condição de as *tratar e amar eguatmente a todas, sem distinção.*

Ora isto nunca se pode realisar; portanto, a propria religião deve condenar a poligamia. Ha mesmo alguns padres mussulmanos que defendem este principio,

De resto, a abolição da poligamia só contribuirá para elevar o nivel moral da familia. E quando digo liberdade não quero dizer desmoralisação de costumes.

— Deseja então que as suas compatriotas venham estudar ao estrangeiro?

— De maneira nenhuma. E' preciso caminhar com prudencia. As que vierem ao estrangeiro serão depois muito mais infelizes, porque — não tenhamos ilusões — embora as vossas reinvindicações triunfem, o passado com as suas tradições, pesará ainda durante longos anos sobre a nossa vida social. Eu decidi-me a esta viagem para estudar a organisação das escolas para raparigas. Os artigos que daqui envio para o meu jornal, fazem a critica dos costumes ocidentais, indicando os que convêm ou não ao nosso povo.

— Então as mulheres têm direito a pedir o divorcio?

—A lei proíbe-o terminantemente, mas a mulher, quando é rica, em troca de grandes somas, consegue comprar ao marido esse direito. Felizmente, o Alcorão permite-nos a livre administração dos nossos bens. Disso não se podem gabar a maioria das mulheres europeias.

— Crê na viabilidade de uma republica na Persia?

— O país não está preparado para isso. A republica só serviria os interesses da Inglaterra e creio que os meus compatriotas compreenderão o perigo que atravessamos, E a proposito devo dizer que o meu jornal esteve suspenso durante sete meses, por eu ter tido a audacia de acusar o governo que estava negociando com a Inglaterra um tratado ruinoso para o país. Veremos se desta vez ha um pouco de mais juizo.

— Tenciona demorar-se ainda muito tempo em Paris?

— Ficarei ainda alguns meses para aprender bem a lingua francesa. Depois, volto para onde o dever me chama e continuarei, pacientemente, a minha cruzada.

Paris, 31 de Março de 1924.

Irene de Vasconcelos

DE BERLIM

Soldados alemães estão secretamente fazendo exercicios militares?

BRUXELAS, 7

Informações dos correspondentes dos jornais belgas em Berlim dizem que os alemães estão exercitando, secretamente, muitos mancebos de forma a que possam rapidamente ser mobilisados.

Receberam-se tambem informações, segundo as quais os principes prussianos estão tomando parte activa na politica, esforçando-se por restaurar a monarquia e garantindo que anularão o Tratado de Paz.—(R.)

Stressmann
e os contractos «Micum»

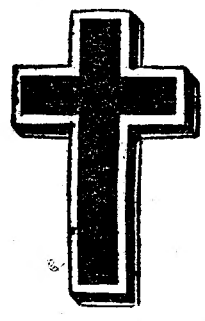
BERLIM, 7

Discursando em Kiel, Stressemann, ministro dos Negocios Estrangeiros, desmentiu que os industriais alemães se tenham declarado dispostos a prolongar os contractos «Micum», afirmando que são completamente inexequiveis. Protestou contra a tatica francesa de construir uma nova residencia passiva pela negativa alemã de prolongar os contractos «Micum».

Na mesma ordem de ideias falou o chanceler Marx, em Barmen, dizendo que a Alemanha se avisinha de acontecimentos graves, que exigem sérios cuidados e prevenções.—(L.)

BERLIM, 7

Na Tchecoslovaquia estão-se experimentando fortes inundações. Encontram-se inundadas varias aldeias, tendo já destruido numerosas casas. Os pejuizos materiais são enormes.—(L.)



Maria Luisa Colares Fernandes FALECEU

Luiz Augusto Fernandes, Carlota Colares Fernandes, Eduardo Nunes Colares e sua mulher, Luisa Colares Lisboa e sua filha, Raul Fernandes Gallis e sua mulher, Mario Nunes Colares e sua mulher e Raul Nunes Colares participam o falecimento de sua chorada filha, sobrinha e prima, cujo funeral se realiza amanhã, 8, para o cemiterio dos Prazeres, sainda o prestito funebre da sua residencia, rua Gonçalves Crespo, 30, 2.º, pelas 15 horas.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

ECONOMIAS...

A divida

DO GOVERNO

á Biblioteca Nacional

vai obriga-la

a suspender serviços

A Biblioteca Nacional viu-se obrigada a suspender o seu serviço de leitura nocturna, desde o primeiro do corrente. Desejando saber as razões que levaram a Direcção daquele estabelecimento a adoptar semelhante medida, resolvemos procurar o sr. Raul Proença que, prontamente, nos esclareceu do seguinte:

—O governo não paga á Biblioteca Nacional todas as quantias referentes a despesas de material e serviços extraordinarios desde o mês de Novembro...

—Em virtude disso...

—Viu-se obrigada a Direcção da Biblioteca a suspender ultimamente as leituras nocturnas, não o tendo feito já ha mais tempo por ter aplicado a esse serviço as quantias provenientes da venda das suas edições. Não podia prolongar-se esta situação, já porque não era regular, já porque a propria quantia que se paga aos funcionarios, pelo serviço nocturno, longe de ser, como é corrente, o dobro do vencimento do serviço diurno, era cinco ou seis vezes inferior a este.

—Mas a Direcção da Biblioteca tem protestado contra esse estado de coisas...

—Sim, tem feito ver, superiormente, o inconveniente de tal situação. Tudo tem sido, porém, inutil. E note-se que não é apenas o serviço nocturno que sofre—outros serviços tão importantes como esse estão reduzidos á mais absoluta miseria.

—Exemplo...

—A acquisição de livros, que ha meses nos vimos forçados a suspender; a suspensão de impressão de verbetes, serviço que não só fariamos para as nossas necessidades internas, como tambem para a Biblioteca e instituições estranhas; suspensão de todos os trabalhos extraordinarios de catalogação e inventariação, exigidos pela larga inercia que caracterisou as administrações anteriores da Biblioteca, etc.

—Quanto deve o governo?

—Uns 43 contos, aproximadamente. Se ele quere extinguir o «defict» desta maneira, reduzindo á fome os funcionarios publicos, extinguindo de facto, serviços essenciais, não faz nada que não possa fazer qualquer de nós. Digo-lhe mais: se eu soubesse que os serviços em que estou empenhado soffreriam esta violencia nunca em caso algum eu teria aceitado um logar na Comissão de Economias no Ministerio da Instrução, com sacrificio da minha comodidade e do meu proprio bolso pessoal.

E o sr. Raul Proença conclue dizendo:

—Economias sensatas, justificadas e moralisadoras, queroas eu e tenho-o provado com factos. Agora reduções feitas á doida, sem distinção do que é essencial, não pódem merecer a aprovação de ninguem—do que se interessam pelo bem do Paiz.

FOOT-BALL

O "Celta" de Vigo vem a Lisboa

A convite do Casa Pia Athletico Club, deve vir a Lisboa, na Pascoa, efectuar três jogos, o famado grupo espanhol «Celta» de Vigo.

Os desafios realisar-se-hão no «Stadium», sendo provaveis adversarios dos visitantes, alêm do Casa Pia, o Bemfica e o Belenense.

Na Liga Naval

O distinto escritor dr. Antonio Sardinha realisa hoje, ás nove horas da noite, na Liga Naval, a sua anunciada conferencia sobre «S. Tomaz de Aquino e o pensamento contemporaneo».

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17
R. DOS FANQUEIROS, 114

A CAMARA MUNICIPAL

OS CARROS

do "Chora"

vão ressuscitar

dentro de poucos meses

Foi dificultosa a entrada. Mas graças ao Ulrico de Magalhães—um camarada antigo das gazetas que anda a gastar no palacio do Municipio os ultimos fios das vestimentas que o tornaram um dos «janotas» de Lisboa...—conseguimos penetrar no gabinete do sr. Alexandre Ferreira—um «carola» da vereação lisboeta.

O assunto que ali nos levava era a anunciada ressurreição dos carros do «Chora».

—Apesar do assunto não ser comigo, posso dar-lhe alguns esclarecimentos.

E o sr. Alexandre Ferreira foi-nos contando:

—Pelo contracto celebrado com a Companhia dos Electricos, foi-lhe concedido o monopolio da tracção mecanica em Lisboa.

—Esse contracto...

—Efectuou-se nos fins do seculo passado, com a Companhia dos Carris de Ferro de Lisboa, entidade portuguesa.

—Mas os ingleses...

—Os ingleses são locatarios. Esse contracto—que ficou conhecido pelo «contracto das entrelinhas»—não dispõe, porém, que não possa haver tracção sem ser mecanica.

—Tracção animal?

—Ou até aerea, se possivel fôsse...

—Vamos, então, ter ressuscitados os carros do «Chora»...

—Sim. E' muito possivel. E' quasi certo. Mas acrescentados de beleza e de conforto.

Um funcionario da Camara entra neste momento, dando uma noticia:

—Acabamos de receber uma proposta para a tracção animal, com carros cheios de beleza e de conforto, com «pneus», etc.

Agora, é o sr. Guilherme Pereira vereador, que se mete na conversa. O sr. Alexandre Ferreira apresenta-nos:

—Foi ele que apresentou a proposta?

—Em que consiste?

—Em consentir todos os generos de tracção, menos a mecanica, sem pagamento de qualquer imposto, durante cinco anos. E ao fim de 5 anos só pagarem 4 por cento da receita—metade do que paga a Carris...

—O monopolio da tracção mecanica...

—Não póde ser tirado á Companhia por estas dezenas de anos mais proximas.

—E ácerca do transporte fluvial de passageiros enrte os pontos da beira-rio?

—A Camara vai envidar todos os esforços junto do governo, para que ele dê as mesmas regalias.

Uma revelação curiosa:

—Esta resolução da Camara é, sobretudo, um protesto, uma «rèvanche» contra o acordão da Comissão Arbitral.

E o sr. Guilherme Pereira afirma-nos que o direito moderno e toda a nossa legislação condenam o juizo arbitral.

Expliquemos:

—Antigamente, quando a Companhia pretendia aumentar as tarifas, requeria autorisação á Camara. Esta concedia-lha—ou não... Agora, o caso passa-se de maneira diferente—graças ao sr. Antonio Maria da Silva e á vereação anterior: a Companhia requere; a Camara responde; e, se a primeira se não conforma, a Comissão Arbitral resolve em ultima instancia.

—Essa Comissão Arbitral...

—E' composta de dois vereadores, dois delegados da Companhia e do coronel sr. Freiria que, foi ministro da Guerra. E' este que desempata e quem decide. Quere dizer que tudo depende dum homem.

—Mas, porque não reagem?

—A' face da lei, temos de obedecer a essa Comissão. De modo que só podemos reagir indirectamente, conseguindo ao mesmo tempo, pelo estabelecimento da concorrencia, baratear os meios de transporte.

O sr. Alexandre Ferreira tem-se visto afflicto com a questão dos predios:

—Imagine que ha mais de 1.000 vistorias requeridas.

E explica:

—E' que ha o terror dos desabamentos. Basta uma pequena racha para assustar toda a gente. Daí os requerimentos...

—E as pessoas desalojadas?

—Tenho tratado de lhes arranjar casas. No convento das Trinas, em Alcantara, etc. Mas é preciso um grande cuidado—e tenho-o tido—não vão aproveitar-se desse pretexto pessoas que não estão no numero dos desalojados por esse motivo.

O "RAID,, LISBOA-MACAU

O avião "Patria,,

levantou hoje vôo

em direcção a Oran

Segundo noticias recebidas hoje em Lisboa, sabe-se que os aviadores Brito Paes e Sarmento Beires, levantaram hoje vôo, ás 6 horas da manhã, de Vila Nova de Milfontes para Oran, tripulando o avião «Patria».

De alguns navios que cruzam o Mediterraneo, receberam-se já, nas estações militares, alguns radios, noticiando a passagem dos heroicos aviadores, que a esta hora já devem ter aterrado em Oran, cobrindo a primeira «étape» do «raid» Lisboa-Macau.

RECLAMAÇÕES

A greve

DOS PADEIROS

foi ontem declarada

em principio

numa concorrida sessão

Os manipuladores de pão, reunidos ontem na séde da sua associação de classe, votaram a greve em principio.

Fomos ouvir o sr. Domingos Pereira, um dos delegados da comissão de melhoramentos.

—Quando vai a sua classe para a greve?

—Já ontem a votámos em principio.

—Quando a declaram efectivamente?

—Talvez para a semana, se não formos atendidos nas nossas reclamações.

—Reclamam aumento de salario?

—Já se vê. Não podemos viver com treze escudos por dia.

—E a entrevista que a comissão teve com o chefe do distrito?

—O sr. dr. Filipe Mendes foi duma gentileza captivante para com a comissão, mostrando o maior interesse em solucionar as nossas reclamações junto dos industriais.

—E os industriais?

—Esses dizem que não têm margem para atender as nossas reclamações. Que esperemos pela aprovação da proposta do regime cerealifero.

—E a classe?

—Não pode esperar mais tempo. A comissão tem empregado os maiores esforços para evitar a declaração da greve, mas a classe é que não está disposta a esperar mais tempo.

—As reclamações são só de ordem economica?

—E de ordem moral tambem. Queremos o cumprimento da lei das 8 horas de trabalho e o pão pesado para os vendedores ambulantes.

—Quanto pedem de aumento?

—80 %° sobre os actuais vencimentos.

A bordo do "Gelria"

A bordo do paquete *Geiria*, partiram hoje, para o Rio de Janeiro, os srs. Zeferino de Oliveira, creador da cadeira Camoneana na Faculdade de Letras de Lisboa, e director do Banco Português do Brazil, José Antunes dos Santos e José Nogueira Pinto que tiveram uma afectuosa despedida por parte de numerosos amigos.

EM BARCELONA

Estreia duma ganadeira portuguesa

BARCELONA, 6.—A primeira novilhada do ganadero português José Martinho Alves do Rio saiu bravissima sendo, aplaudidos quatro novilhos no «arrastre» e ovacionado o maioral.—(*Especial*).

Abilio Soeiro

Agravaram-se nos ultimos dias, consideravelmente os padecimentos do ilustre senador e director geral do Congresso, sr. Abilio Soeiro, tendo chegado a inspirar cuidados o seu estado de saude. Felizmente desde ontem as melhoras têm-se acentuado. Fazemos votos pelo seu rapido restabelecimento.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO 140

DR. ABRANCHES FERRAO
Professor da Faculdade de Direito
e CARVALHO DOS SANTOS
Tel. C. 140 ADVOGADOS **LISBOA**
RUA DO CRUCIFIXO, 50, 1.º